



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



AMANDA APARECIDA GOMES RODRIGUES

**DO SILÊNCIO EMERGE UM GRITO: O GOVERNO REVOLUCIONÁRIO
CUBANO E AS MEMÓRIAS DA REPRESSÃO SEXUAL NAS UMAPS (2007-2020)**

Uberlândia - MG
Fevereiro de 2024



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



AMANDA APARECIDA GOMES RODRIGUES

**DO SILÊNCIO EMERGE UM GRITO: O GOVERNO REVOLUCIONÁRIO
CUBANO E AS MEMÓRIAS DA REPRESSÃO SEXUAL NAS UMAPS (2007-2020)**

Texto apresentado à banca examinadora do
Programa de Pós-graduação em História da
Universidade Federal de Uberlândia como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos

Banca examinadora

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos (orientador)

Profa. Dra. Kátia Rodrigues Paranhos (UFU)

Profa. Dra. Mariana Martins Villaça (Unifesp)

Uberlândia, fevereiro de 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R696d
2024

Rodrigues, Amanda Aparecida Gomes, 1998-
Do silêncio emerge um grito [recurso eletrônico] : o governo revolucionário cubano e as memórias da repressão sexual nas UMAPS (2007-2020) / Amanda Aparecida Gomes Rodrigues. - 2024.

Orientador: Adalberto de Paula Paranhos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-graduação em História.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5177>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. História. I. Paranhos, Adalberto de Paula (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em História. III. Título.

CDU: 930

André Carlos Francisco
Bibliotecário Documentalista - CRB-6/3408

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br

**ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO**

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 17, PPGHI				
Data:	Vinte e nove de fevereiro de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	11:00
Matrícula do Discente:	12212HIS003				
Nome do Discente:	Amanda Aparecida Gomes Rodrigues				
Título do Trabalho:	Do silêncio emerge um grito: o governo revolucionário cubano e as memórias da repressão sexual nas UMAPS (2007-2020)				
Área de concentração:	História, Cultura e Poder				
Linha de pesquisa:	Linguagens, Identidades e Subjetividades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Invasão cultural" e reação nacionalista: a "desnacionalização" do samba-canção em questão – Projeto contemplado no Edital Produtividade em Pesquisa - PQ - 2022				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores Doutores: Kátia Rodrigues Paranhos / PPGHI/UFU; Mariana Martins Villaça / Unifesp; Adalberto de Paula Paranhos orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Adalberto de Paula Paranhos, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu a Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Adalberto de Paula Paranhos, Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 12:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kátia Rodrigues Paranhos, Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 12:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Martins Villaça, Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 14:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5143268** e o código CRC **8665A542**.

A Mirian, minha mãe.

*Nuestro primer deber es saber que somos
falibles, que podemos equivocarnos una y
muchas veces.*
Fidel Castro¹

¹ CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comité central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la conmemoración del IX aniversario del asalto al palacio presidencial, celebrada en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1966.*

RESUMO

Na década de 1960 instituíram-se em Cuba as Unidades Militares de Ajuda à Produção (Umaps). Oficialmente, elas eram centros de trabalho agrícola cujo objetivo consistia em recrutar jovens considerados incapacitados para o serviço militar. No entanto, durante o seu período de vigência surgiram denúncias de que estariam funcionando como prisões para os sexualmente “desviados”, grupos religiosos, *hippies* e para presos políticos. Levando isso em conta, esta pesquisa busca analisar – sem perder de vista a necessária perspectiva crítica – testemunhos de ex-umapianos, entre 2007 e 2020, acerca das experiências dos homossexuais e contrarrevolucionários que foram confinados nas Umaps e sofreram com a repressão praticada pelo governo cubano implantado em 1959. Para tanto, serão examinados os *blogs* *Generación Y*, de Yoani Sanchez, e *UmapCuba1965*, de uma associação de ex-internos, com direção executiva de Francisco García Martínez, bem como os jornais *14ymedio* e *Diario de Cuba*, que acolheram contribuições de diversos autores. Outra fonte será o livro *Umap: una muerte a plazos*, de José Caballero Blanco. Sem tomar tais documentos como expressão acabada da verdade, procuraremos dar ênfase às batalhas de memórias em meio às disputas políticas em curso, tentando averiguar simultaneamente os interesses que impulsionam a ação dos ex-umapianos e sua ideologia.

Palavras-chave: memória; repressão; resistência; homossexualidade; Umap; Cuba.

ABSTRACT

In the 1960s, the Military Units for Production Aid (Umaps) emerged in Cuba. Officially, they were agricultural labor centers whose purpose was to recruit young people considered unfit for military service. However, during their period of existence there were accusations that they were functioning as prisons for the sexually "deviant," religious groups, hippies, and political prisoners. Taking this into account, this research seeks to analyze – without losing sight of the necessary critical perspective - testimonies of former Umapians, between 2007 and 2020, about the experiences of homosexuals and counterrevolutionaries who were confined in the Umaps and suffered with the repression practiced by the Cuban government implanted in 1959. To this end, the blogs *Generación Y*, by Yoani Sanchez, and *UmapCuba1965*, by an association of former inmates, with executive direction by Francisco García Martínez, will be examined, as well as the newspapers *14ymedio* and *Diario de Cuba*, which have received contributions from various authors. Another source will be the book *Umap: una muerte a plazos*, by José Caballero Blanco. Thus, we will seek to emphasize the battles of memories in the midst of political disputes, trying to ascertain simultaneously the interests that drive the action of the former Umapians and their ideology.

Keywords: memory; repression; resistance; homosexuality; Umap; Cuba.

AGRADECIMENTOS

É formidável constatar como, no curto espaço de desenvolvimento desta dissertação, aconteceram tantas coisas que me fizeram enxergar o mundo de forma diferente, trazendo novas perspectivas e aprendizados, principalmente para a escrita da história. É admirável também como nesse período pude firmar ainda mais antigas relações que estiveram ao meu lado nesse momento extraordinário e árduo.

Agradeço a muita gente que me ajudou a aliviar as canseiras desta caminhada.

A meu orientador, Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, por toda paciência, apoio, acompanhamento da pesquisa, comprometimento com a leitura de minha dissertação e, principalmente, por todo aprendizado que pude ter. Obrigada por fomentar e incentivar a pesquisadora que há em mim. Obrigada por me mostrar os “sambas e bambas” da escrita e da pesquisa em História.

À Profa. Dra. Kátia Rodrigues Paranhos por tantas contribuições ao meu trabalho, lembrando-me da necessidade de não abrir mão de uma visão crítica na análise das fontes com as quais lido.

À Profa. Dra. Mariana Martins Villaça, pela leitura generosa e pela disposição em colaborar para que este texto chegasse a bom termo.

À Prof.^a Dra. Mônica Brincalpe Campo por todas as aulas e discussões instigantes que me permitiam relembrar, em meio a uma pesquisa mais solitária, o amor que sinto pela História.

Agradeço ainda aos docentes Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro, Gilberto Cézar de Noronha, Cleber Vinícius do Amaral Felipe, Rodrigo de Freitas, Ana Flávia Cernic Ramos e Amon Santos Pinho, que, apesar do breve contato, estimularam em suas aulas o pensamento crítico e agregaram contribuições a este trabalho.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de bolsa de Mestrado, auxílio que foi de fundamental importância para eu levar a cabo a investigação realizada, por me possibilitar a dedicação integral a ela.

Muito obrigada Renata Andrade, dedicada secretária do Programa de Pós-graduação em História (PPGHI), que em tantos momentos tirou minhas dúvidas e aquietou angústias sobre as disciplinas e estágio. Nada como contar com uma pessoa sempre disposta a nos ajudar, quando necessário.

Agradeço a Abel Sierra Madero pelas conversas sobre o tema, alguns puxões de orelha e pela ajuda ao me enviar textos que já não estavam presentes na *web*. Muito obrigada. Seus escritos enriqueceram esta dissertação.

De resto, sou grata a todo corpo docente do PPGHI, à coordenação, secretaria, administração e também à Universidade Federal de Uberlândia, onde cursei a minha graduação em História e, agora, concluo o Mestrado.

Não posso deixar de agradecer àqueles que me acompanharam e torcem por mim nessa vida acadêmica. Obrigada a meus pais Mirian Gomes e Marcos Lizardo, por todo cuidado, apoio, dedicação e palavras de incentivo, por muitas vezes acreditarem mais em mim do que eu mesma.

À minha companheira, Bruna Cristina Silva Moreira, por todos os abraços, por todo carinho, pelos momentos que me incentivou a continuar, me mostrando que eu era capaz, e por vezes me ajudando com leituras dos capítulos, mesmo não sendo História sua área. Obrigada, meu amor, por sempre estar ao meu lado nessa jornada.

A meus amigos Luiz Paulo Monteiro e Camila Guimarães por todas as palavras de apoio, por todos os textos impressos, por todas as risadas, reflexões, viagens e treinos juntos. Vocês tornaram o caminho mais leve.

Aos meus familiares Nathalia Gomes, Ana Maria Gomes, Lucelena Dutra, Franceni de Carvalho, Franciene de Cravalho, Eni Dutra, Enio Carlos, que acreditam incansavelmente em meu potencial.

À Giliard Prado, meu professor na graduação, que passou a ser um colega de profissão, uma inspiração e um amigo. Pronto a ajudar em meio aos entraves acadêmicos com que me deparei, por vezes suas palavras acalmaram minha ansiedade.

Aos meus colegas de linha Bruno Taumaturgo, Bárbara Falleiros, Eduardo Silva Gustavo Rubbi e Ualisson Freitas, por todas as conversas e momentos vividos juntos.

Faço um agradecimento especial a meu avô Pedro Matias, que faz muita falta aqui, mas que me legou diversos aprendizados, o maior deles o de amar estudar.

Por fim, sou grata a todas as pessoas que tomaram parte dessa caminhada e não tiveram seus nomes aqui citados, mas que, de alguma maneira, colaboraram para que eu atravessasse mais uma fase da vida.

SUMÁRIO

Introdução	9
Tempos de afirmação homossexual	9
Tempos de repressão à homossexualidade.....	12
O trabalho com as fontes	15
1. A fabricação do “homem novo”: o trabalho e o corpo a serviço da Revolução	23
A concepção do “homem novo” em diferentes ideologias e épocas.....	24
O “homem novo” cubano, sua relação com as Umaps e a sexualidade em questão.	33
O “homem novo” e a economia	44
2. Dentro de la Revolución, todo; contra da Revolución, nada”: repressão, resistência e experiências homossexuais em Cuba.....	56
A repressão para além das fronteiras cubanas	57
2007: o ressurgir de memórias de repressão.....	61
Umaps: experiência, resistência e repressão.....	66
3. 1968, o ano do fim da curta existência das Umaps.....	87
As Umaps sob pressão: o protesto dos intelectuais.....	87
A vida pós-Umaps.....	100
Considerações finais.....	106
Anexos.....	108
Fontes	112
Bibliográficas.....	112
Blogs.....	114
Documentos oficiais.....	119
Filmes/documentário	120
Outras fontes digitais	120
Referências bibliográficas	121
Outras referências	123

Introdução

Tempos de afirmação homossexual

Quando refletimos sobre a homossexualidade, sempre nos vem à mente a constante batalha travada pela comunidade LGBTQIA+ por seus direitos. Ao estudar Cuba, percebemos que tal questão não se difere dos problemas enfrentados mundo afora. Na ilha caribenha tais problemáticas aparecem tanto em discussões de revistas financiadas pelo Estado – a exemplo de *Sexología y Sociedad*¹ –, quanto nas resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura² e em mídias independentes como *blogs* e jornais *on-line*.

De fato, a homossexualidade é um assunto intensamente discutido em Cuba. Se analisarmos os atuais debates em torno do tema, pode-se constatar cada vez mais uma mudança de inflexão no projeto revolucionário em relação aos casais homoafetivos, como expresso nas palavras de Mariela Castro³:

*Hoje em dia existe um consenso na sociedade cubana na consideração de que a homofobia e a “transfobia” são formas de discriminação incoerentes com o projeto emancipador da Revolução. Optamos por uma estratégia educativa e comunicacional, pois se trata de um processo de transformação cultural profundo. É imperativo adotar elementos de análise para eliminar os preconceitos que se estabeleceram historicamente para dominar as pessoas, sua sexualidade e seu corpo. A mudança de consciência social é um processo muito grande e complexo, mas imprescindível.*⁴

¹ A revista *Sexología y Sociedad*, dirigida por Mariela Castro, conta com um corpo editorial em sua maioria de integrantes do Centro Nacional de Educación Sexual (Cenesex), que faz parte do Ministério da Saúde de Cuba desde 1989. Ele oferece serviço a crianças e adolescentes que sofreram abuso sexual, e também coordena programas como la Jornada Cubana contra la Homofobia. Esse órgão implementa políticas públicas que favoreçam a diversidade e liberdade sexual e realiza campanhas em prol da igualdade de gênero. Cf. <https://www.ecured.cu/Centro_Nacional_de_Educaci%C3%B3n_Sexual>. Acesso em 26 abr. 2022. O centro também possui um *site* que noticia eventos relacionados à comunidade LGBTQIA+: <<https://www.cenesex.org>>. Acesso em 26 ago. 2022.

² Ver RESOLUÇÕES do I Congresso Nacional de Educação e Cultura. São Paulo: Livramento, 1980.

³ Filha de Vilma Espín e do líder revolucionário Raúl Castro, Mariela Castro é sexóloga (formada em Pedagogia/Psicologia pelo Instituto Superior de Ciências Pedagógicas Enrique José Varona), diretora do Cenesex e da revista *Sexología y Sociedad*. Ela desempenha um papel relevante na luta pela liberdade sexual e de gênero. Por sua atividade, Castro se encontra no centro de grande parte das discussões LGBTQIA+ em Cuba, sendo alvo inclusive de diversas críticas. Ver <https://www.ecured.cu/Mariela_Castro>. Acesso em 26 ago. 2022.

⁴ CASTRO, Mariela. Sobre homofobia, Fidel sempre assumiu responsabilidades, diz Mariela Castro. 2 fev. 2013. Entrevista concedida a *Opera Mundi*, um portal de notícias brasileiro – fundado em 2008 com uma linha editorial progressista – especializado na cobertura de temas internacionais, com foco em política, economia e cultura. Disponível em <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/26925/sobre-homofobia-fidel-sempr-assumiu-responsabilidades-diz-mariela-castro>>. Acesso em 5 set. 2022.

Outras evidências nos mostram como a temática homossexual é pulsante no país. Por exemplo, em 17 de julho de 2014 instituiu-se o Código do Trabalho cubano, no qual estabeleceu-se a igualdade de direitos entre pessoas independentemente de suas orientações sexuais.⁵ Para tanto, contaram alianças formadas com organizações LGBTQIA+ buscando a afirmação de seus direitos, que viriam a ser reconhecidos na nova Constitución de la República de Cuba aprovada em 2018. Nela, entre outras coisas, se salienta no

*Artículo 42. Todas las personas son iguales ante la ley, reciben la misma protección y trato de las autoridades y gozan de los mismos derechos, libertades y oportunidades, sin ninguna discriminación por razones de sexo, género, orientación sexual, identidad de género, edad, origen étnico, color de la piel, creencia religiosa, discapacidad, origen nacional o territorial, o cualquier otra condición o circunstancia personal que implique distinción lesiva a la dignidad humana.*⁶

Nos últimos tempos (2021/2022) um dos mais instigantes debates da comunidade LGBTQIA+ em Cuba se relaciona à reformulação do Código de las Familias.⁷ A modificação do código prevê o casamento entre duas pessoas, sem serem elas necessariamente homens e mulheres. Sua função consiste em regulamentar legalmente as instituições familiares, estabelecendo deveres e obrigações no casamento, nas relações entre pais e filhos, a obrigatoriedade da alimentação, e tratando igualmente do divórcio, da adoção, com vistas a contribuir para o fortalecimento dos laços familiares.

O texto, aprovado, via plebiscito, passou por diversas consultas populares entre fevereiro e abril do ano de 2022, recebendo mais de 24 versões. Expressamente, ele visa transformar radicalmente “el criterio tradicional de la familia y de sus derechos como institución, así como los que le corresponde a cada uno de los integrantes de la misma”.⁸ Como decorrência disso, o matrimônio é declarado como um direito de “*todas las personas*”:

⁵ ASAMBLEA Nacional del Poder Popular de Cuba. Ley No. 116 – Código de Trabajo. Disponível em <https://www.gacetaoficial.gob.cu/sites/default/files/go_x_029_2014.pdf>. Acesso em 5 set. 2022.

⁶ ASAMBLEA Nacional del Poder Popular de Cuba – Constitución de la República de Cuba. Disponível em <<http://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/Nueva%20Constituci%C3%B3n%20240%20KB-1.pdf>>. Acesso em 22 ago. 2020

⁷ ASAMBLEA Nacional del Poder Popular – Proyecto Código de las Familias. Versión 25. 2022. Disponível em <https://www.parlamentocubano.gob.cu/sites/default/files/documento/2022-07/CF%20V%2025-140622%20VF%20%20Para%20ANPP%20%282%29_0.pdf>. Acesso em 25 ago. 2022.

⁸ *Idem*.

*El derecho al libre desarrollo de la personalidad protege la opción de que cada persona elija la construcción de su proyecto vital, que decida el sentido de su propia existencia, de acuerdo a sus valores, ideas, expectativas y gustos. Llevado al plano de lo familiar sustenta la supresión del requisito de la heterosexualidad para acceder a las figuras protegidas por el derecho como el matrimonio, las uniones de hecho afectivas, la adopción o a la maternidad y la paternidad mediante el uso de una técnica de reproducción asistida.*⁹

O novo código objetiva romper com os paradigmas tradicionais que vinham guiando as famílias cubanas por tanto tempo¹⁰, a fim de “multiplicar los afectos y sumar los derechos”. As lutas da comunidade LGBTQIA+, em meio a sua reformulação, voltaram-se para a conscientização da população cubana, uma vez que, a despeito dos avanços observados nas redes sociais, na realidade tais mudanças ainda não haviam se concretizado. Diante disso, durante o processo que permeou a aprovação do código, ativistas LGBTQIA+ saíram às ruas para esclarecer dúvidas e distribuir adesivos em formato de coração e com a bandeira que representa o movimento. Seu intuito era de “sensibilizar, avivar la empatía y la solidaridad sin importar la orientación sexual”.¹¹

Tais batalhas se fizeram presentes em Cuba seja de forma independente ou por intermédio do órgão oficial Cenesex, que se coloca à frente de vários eventos que “contribuyan a la educación integral de la sexualidad, la promoción de y derechos sexuales a nivel nacional e internacional”.¹² Um exemplo recente é a marcha que aconteceu entre 28 de junho a 21 de julho de 2022 denominada Del Orgullo al Moncada¹³,

⁹ *Idem.*

¹⁰ O antigo Código de las Familias manteve sua vigência desde 1973, sem ser afetado pela reforma constitucional ocorrida em 2019. Ver <<https://www.brasildefato.com.br/2022/02/01/cuba-inicia-consulta-publica-sobre-novo-codigo-de-familia>>. Acesso em 25 ago. 2022.

¹¹ ESCOBAR, Luz. El orgullo LGTBI se moviliza en Cuba con pegatinas en lugares públicos. 28 jun. 2022. Disponível em <https://www.14ymedio.com/sociedad/LGBTI-Cuba_0_3120887885.html>. Acesso em 25 ago. 2022.

¹² CENESEX. *Quiénes somos?* Disponível em <<https://www.cenesex.org/wp-content/themes/cenesex/quienes-somos/>>. Acesso em 26 ago. 2022.

¹³ O evento foi objeto de críticas de blogueiros contrarrevolucionários por fazer a relação entre a questão LGBTQIA+ com o assalto ao Quartel Moncada – um momento histórico da revolução cubana, que assinalou a tentativa (frustrada), em 26 de julho de 1953, de tomar os quarteis Moncada e Carlos Manuel de Céspedes. Tal dia tornou-se referência para os rebeldes, que, sob a denominação Movimento 26 de julho, lançaram-se a campo para derrubar o governo. Muitos ativistas julgaram inadmissível e, mais do que isso, ofensiva a tentativa de vincular a bandeira LGBTQIA+ ao movimento rebelde, por entenderem que foram exatamente os revolucionários de Moncada os responsáveis pelo surgimento das Umaps: “¿Los mismos del 'Moncada' que metieron a los gays en las UMAP, los expulsaban de las universidades y le hacían la vida imposible? Y lo más paradójico es que la ‘caza’ la ordenaba el tío de Marielita, la hipócrita”. Por isso, “para el activista Magdiel Jorge Castro, una publicidad del tipo ‘Del Moncada a la UMAP quedaba más real’”. Relacionar el Orgullo LGBTQI con el asalto al Moncada: nuevo “aporte” de Mariela Castro para defender al régimen. *Diario de Cuba*. Disponível em <https://diariodecuba.com/cuba/1656500088_40562.html>. Acesso em 25

composta por uma série de seminários *on-line* com o propósito de debater as políticas de gênero em Cuba, em conformidade com a proposta do Cenesex de “diseñar, implementar y evaluar a nivel nacional e internacional, programas académicos de formación de postgraduada, de capacitación de cuadros y sensibilización relacionados con la educación integral de la sexualidad, la promoción de salud y derechos sexuales”.¹⁴ É claro, que mesmo reconhecendo o papel desse órgão nas vitórias das lutas relacionadas aos direitos LGBTQIA+ em Cuba, ele pode também estar coibindo outras associações de mostrar suas vozes, outros homossexuais de tomarem a frente de sua luta, ao mesmo tempo que contribui para a construção de espaços de crítica controlada.

Apesar disso, logo se vê que, nos tempos atuais, Cuba é um país onde o movimento LGBTQIA+ tem espaço para propugnar por seus direitos, pela implementação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, o que inclui a relativa liberdade para se manifestar até mesmo contra o governo. No entanto a comunidade LGBTQIA+ ainda precisa encarar uma árdua e permanente batalha no que se refere à afirmação de seus direitos, pois a sociedade cubana – à semelhança do que acontece em todo o globo – carrega em suas entranhas uma forte e resistente cultura machista.

Tempos de repressão à homossexualidade

Hoje os homossexuais cubanos batalham por seus direitos e encontram, sob vários aspectos, respaldo estatal. Mas nem sempre foi assim. Em 1965 surgiram em Cuba as Unidades Militares de Ajuda à Produção (Umaps), que vigoraram até 1968. Oficialmente, elas eram campos de trabalhos agrícolas que acolhiam jovens não aptos para o serviço militar. Porém, ainda no período de sua curta existência, formularam-se denúncias de que as Umaps estariam servindo de prisão para homossexuais, contrarrevolucionários, religiosos e *hippies*.

Vivia-se, então, um momento marcado pelo acirramento da guerra fria, em que se impunha estar alerta diante de comportamentos antirrevolucionários que pudessem pôr a perder a Revolução Cubana. Isso explica, mesmo que nem sempre o justifique, o excesso de zelo e de vigilância em relação ao comportamento das pessoas para identificar e neutralizar possíveis ameaças, muitas delas provenientes do exterior, principalmente do governo estadunidense.

ago. 2022. Sobre o assunto, ver PRADO, Giliard da Silva. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018.

¹⁴ CASTRO, Mariela, *idem*.

Em meio a essas tensões geopolíticas, a construção de um homem do futuro socialista tornou-se algo da maior importância. O ideal de homem novo se desenvolveu em Cuba para fomentar uma consciência revolucionária. Esse novo sujeito, em sua face social e econômica, possibilita-nos compreender a missão atribuída às Umaps.¹⁵ Socialmente falando, a Revolução, nos seus primórdios, reafirmou a tradicional divisão de papéis sociais entre homens e mulheres, concebendo os comportamentos ditos “desviantes” como exemplos a não serem seguidos. Nessa perspectiva a Cuba revolucionária mantinha seus passos ajustados à tradição, como esta vigorava nos países capitalistas. Paralelamente, a face econômica do “homem novo” era associada ao desenvolvimento das forças produtivas cubanas, que não poderia prescindir da sua contribuição patriótica. No limite, encaradas sob a ótica econômica e ideológica, as necessidades da Revolução explicariam o trabalho forçado como alavanca para o crescimento do país.

Segundo consta, os indivíduos recolhidos às Umaps eram tidos como “desviados” tanto sob o aspecto moral quanto ético. Daí se impescindível, aos olhos do regime, sua recuperação ideológica e moral por meio do trabalho agrícola, que os reintegraria à sociedade.¹⁶ Décadas mais tarde, com o advento de uma blogosfera cubana independente e com a difusão de livros escritos por cubanos no exílio sobre a temática, os dissidentes conseguiram expressar seus diferentes níveis de descontentamento com o governo revolucionário e passaram a discutir assuntos da atualidade política bem como sobre os acontecimentos do passado, criando assim um lugar para a exposição de informações e visões de mundo – por mais discutíveis que sejam – que por muito tempo foram silenciadas em virtude do controle de imprensa exercido pelo Estado cubano.¹⁷

As ações do governo para blindar a Revolução contra ataques ideológicos não se cingiram às Umaps. Muitos intelectuais e dissidentes sofreram na carne as perseguições do regime, pouco propenso, muitas vezes, a tolerar outras formas de pensar, fosse por

¹⁵ Sobre o homem novo socialista, ver SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos e ARAS, Lina Maria Brandão. Gênero e Revolução: o novo homem e a nova mulher na Revolução Cubana. *Anais Eletrônicos do III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: olhares diversos sobre a diferença*. João Pessoa, 2011. Disponível em <<http://itaporanga.net/genero/3/01/18.pdf>>. Acesso em 17 jul. 2020, e PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o homem novo. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998.

¹⁶ CF. MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. Tese (Doutorado em História) – UnB, Brasília, 2009, p. 102.

¹⁷ Ver MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

meio da arte, do jornalismo ou da orientação sexual.¹⁸ Transgressores e intelectuais foram tachados como “traidores da pátria” e “mercenários a serviço do imperialismo ianque”.¹⁹ E isso poderia levar ocasionar seu envio às Umaps.²⁰

Seja como for, após inúmeras denúncias de abusos contra os internos e devido ao número cada vez maior de reclusos fora da faixa etária de alistamento – além de jovens, dentro das Umaps era inegável a presença de pessoas mais idosas – essas unidades foram extintas em 1968. Contudo, o desaparecimento delas não significou o fim da repressão e dos modos de “reeducação” dos que agiam e pensavam fora dos parâmetros revolucionários.

Por esta via se delineia um dos principais objetivos desta pesquisa: analisar os testemunhos de ex-umapianos, no período de 2007 a 2020, acerca das experiências de homossexuais cubanos. Pretende-se tratar o tema do ponto de vista das batalhas de memória²¹, atentando para o embate entre o governo revolucionário e a memória desses indivíduos dissidentes.

Os blogs *Generación Y*²², *UmapCuba1965*²³, os jornais *14ymedio*²⁴ e *Diario de Cuba*²⁵ e, complementarmente, o livro *Umap: una muerte a plazos*²⁶, do escritor e ex-umapiano José Caballero Blanco, que relatam memórias desse período, converteram-se em espaços especiais nos quais ex-presos das Umaps e/ou seus familiares veiculam testemunhos sobre as experiências vivenciadas e a repressão sofrida nesses campos de trabalho forçado. Tais testemunhos foram divulgados a partir de 2007, estendendo-se até

¹⁸ Ver *idem*.

¹⁹ Cf. PRADO, Giliard da Silva, *op. cit.*, p. 219.

²⁰ Ao focar o problema da contrarrevolução e da homossexualidade em Cuba, Jorge Luiz Teixeira Ribas pondera que “a noção binária revolucionário-contrarrevolucionário jamais explicaria a complexidade e a diversidade das formas de adesão ou oposição política que variam de acordo [com] cada momento, nem dá conta dos outros projetos políticos que foram apresentados no processo de construção da sociedade revolucionária, mas que foram sobrepujados na disputa interna do poder. O que significa dizer que, numa determinada situação, alguém que não era considerado um contrarrevolucionário [pode passar a sê-lo] [...] em relação à posição dos dirigentes na política oficial do regime, como foi o caso de diversos intelectuais”. RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. *Revolução, contrarrevolução e homossexualidade em Cuba: alguns apontamentos. Caderno de Pesquisa do CDHIS*, v. 31, n. 1, Uberlândia, jan.-jun. 2018, p. 182.

²¹ Cf. POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989.

²² *Generacion Y*. Disponível em <https://www.14ymedio.com/blogs/generacion_y/>. Acesso em 15 maio 2022.

²³ *UmapCuba1965*. 2007-2021. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/about/>>. Acesso em 15 maio 2022.

²⁴ *14ymedio*. 2007-2020. Disponível em <<https://www.14ymedio.com/>>. Acesso em 19 ago. 2021.

²⁵ *Diariodecuba*. 2012-2020. Disponível em <https://diariodecuba.com/?cf_chl_jschl_tk=pmd_ff48ac3d70592b28e3b608471b5e389417f8aed5-1629411913-0-gqNtZGzNAc2jcnBszQg6>. Acesso em 19 ago. 2021.

²⁶ CABALLERO BLANCO, José. *Umap: una muerte a plazos*. S./l.: Dhar Services, 2013.

2020. Optou-se neste estudo por priorizar os *blogs* produzidos em Cuba, onde residem alguns dos mais destacados blogueiros dissidentes, como, por exemplo, Yoani Sánchez e Reinaldo Escobar.

Um ponto importante a ser considerado tem a ver com a temática específica da Umaps. Por mais que já estejam disponíveis um sem-número de livros sobre Cuba, com ênfase nos conflitos dentro e fora da ilha caribenha, nota-se, no que concerne diretamente às Umaps, que a produção historiográfica é menos volumosa, seja por consistir numa questão ainda delicada para o governo cubano, seja pela disputa de memória em torno dela.²⁷ Mas não se pode ignorar que muito se publicou a respeito das Umaps, centrando fogo, sobretudo, em testemunhos de ex-reclusos. Além do mais, destacamos ainda duas obras: *Benjamin*: cuando morir es más sensato que esperar²⁸, escrito pela irmã de um dos internos, Benjamin de la Torre, que trata de seu suplício nessas unidades até seu suicídio (depois de ser libertado), e *Fabián e o caos*²⁹, que se debruça sobre a “realidade” das Umaps em meio a um recorte marcadamente biográfico. Paralelamente, há também os livros: *Ciencia y poder en Cuba: racismo, homofobia, nación (1790-1970)*³⁰ e *Del otro lado del espejo: la sexualidad en la construcción de la nación cubana*³¹, que se detêm nas políticas higienistas e suas interferências nos corpos de indivíduos homossexuais no país. Acresça-se um artigo publicado na revista *Sexualidad, Salud y Sociedad*³², que analisa a repressão a grupos marginalizados praticada pela Umap de uma perspectiva sociológica e pondo em relevo como os discursos de Fidel Castro e a psiquiatria influíram vida desses sujeitos. De maneira geral, tais escritos inclinam-se a reduzir as Umaps apenas a uma

²⁷ De um lado, a memória legitimada pela Revolução se insurge contra a ideia de que as Umaps seriam campos de concentração, o que avulta em falas de Mariela Castro. Ver <https://diariodecuba.com/cuba/1588974952_19112.html>. Acesso em 30 ago. 2022. Por outro lado, a memória dos ex-internos vai em sentido contrário. Ao transmitir suas memórias, eles procuram legitimar sua identidade, como diria, noutro contexto, CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2018.

²⁸ DE LA TORRE MOLINA, Carolina. *Benjamin*: cuando morir es más sensato que esperar. Madrid: Verbum, 2018.

²⁹ GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *Fabián e o caos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016. Seu autor é um dos escritores/jornalistas cubanos mais conhecidos e traduzidos da atualidade. Ver *Ecured*. Pedro Juan Gutiérrez. Disponível em <https://www.ecured.cu/Pedro_Juan_Guti%C3%A9rrez>. Acesso em 13 set. 2023.

³⁰ MARQUES DE ARMAS, Pedro. *Ciencia y poder en Cuba: racismo, homofobia, nación (1790-1970)*. Madrid: Verbum. 2014.

³¹ SIERRA MADERO, Abel. *Del otro lado del espejo: la sexualidad en la construcción de la nación cubana*. La Habana: Casa de las Américas, 2006.

³² MARZAL, Javier Ladrón de Guevara, MARTINHAGO, Fernanda e CAPONI, Sandra. A sociedade socialista não pode permitir esse tipo de degenerações: as UMAP como dispositivos disciplinares da revolução cubana. *Sexualidad, Salud y Sociedad*: Revista Latinoamericana, n. 38, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/sess/a/yyPTt8JbfRwsg5btZX3h3LC/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 6 nov. 2023.

agência repressiva, valendo-se delas para desferir duras críticas ao governo revolucionário, desconsiderando muitas vezes os confinados como sujeitos de poder e ignorando as disputas de memória em torno desse período.

O trabalho com as fontes

Cabe-nos agora enfatizar as fontes a serem trabalhadas. O principal *corpus* documental, como já mencionado, é composto de notícias e artigos encontrados em *blogs* de dissidentes cubanos e em jornais *on-line*, bem como em um livro de testemunho. As notícias selecionadas têm como tema sobretudo a perseguição política e homossexual em Cuba no período de funcionamento das Umaps. Nessas fontes se acham disponíveis relatos de pessoas que foram internas das Umaps. A princípio, a escolha recaiu sobre dois *blogs* e dois jornais *on-line*: os *blogs* *Generación Y*, de Yoani Sanchez³³, e *Um a p Cuba 1965*, vinculado a uma associação de ex-internos dessas unidades, com direção executiva de Francisco García Martínez³⁴, e os jornais *14ymedio*³⁵ e *Diario de Cuba*.³⁶ Como salientamos anteriormente, utilizaremos ainda o livro de testemunho denominado *Umap: una muerte a plazos* de José Caballero Blanco.

O trabalho propõe-se a enveredar por distintas questões, começando por retomar a relação entre o ideal do “homem novo” e as Umaps. A partir daí, trata-se de elucidar os embates estabelecidos entre a memória dos ex-internos e a memória oficial, sem perder de vista a que tipo de práticas os homossexuais e os dissidentes detidos nessas unidades foram submetidos. Seja como for, como resultado, em parte, do protagonismo desses sujeitos, as Umaps existiram somente por três anos. Isso abre caminho para avançarmos uma série de considerações sobre os limites do poder do Estado cubano, por mais que

³³ Yoani Sánchez é uma blogueira cubana que em 2007 começou a editar o *Generación Y*. Nada coincidentemente, no mesmo ano foi eleita pela revista *Time* como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo, na categoria “heróis e pioneiros”. Seu *blog* ganhou diversos prêmios, como o Ortega y Gasset. Ela também recebeu outros prêmios de grupos contrarrevolucionários e de extrema-direita. A blogueira participou abertamente de protestos contra a Revolução Cubana em mais de uma ocasião e habitualmente apresenta denúncias sobre perseguições e repressão em Cuba. Cf. *Ecured*. Yoani Sánchez. Ver <https://www.ecured.cu/Yoani_S%C3%A1nchez>. Acesso em 14 jan. de 2020.

³⁴ Para além de ex-interno das Umaps, Francisco García foi um dos fundadores da Asociación de Ex Confinados de la Umap, cujo objetivo era reunir as memórias de ex-internos para que a “verdade” sobre aquela instituição fosse relatada. Informação disponível em <<https://www.umapcuba1965.wordpress.com/asociacion-2/>>. Acesso em 29 maio 2022.

³⁵ *14ymedio* é um jornal *on-line* que disponibiliza notícias sobre Cuba e o mundo e hospeda em seu *site* seis *blogs*: *Generación Y*, *Desde aquí*, *Orígenes*, *A pie y descalzos*, *Cajón de Sastre* e *Ventana 14*. Informação disponível em <<https://www.14ymedio.com/>>. Acesso em 29 maio 2022.

³⁶ *Diario de Cuba* é um periódico *on-line* que contém notícias e artigos sobre Cuba e outros países, com destaque para esportes, economia e direitos humanos. Disponível em <<https://diariodecuba.com/>>. Acesso em 29 maio 2022.

frequentemente ele seja classificado por seus críticos como totalitário.³⁷ Sensível, de alguma maneira, às pressões de segmentos descontentes da população, o governo revolucionário acabou por se curvar ante umas tantas demandas de grupos homossexuais, a ponto de incentivar inclusive a promulgação de um novo código para reger as relações familiares.

Quanto ao processo de análise das fontes, ele será fundamentalmente qualitativo, sem renunciar, obviamente, ao uso de alguns dados quantitativos. Entendemos que os meios virtuais aos qual recorremos nos proporcionam a possibilidade de exposição das batalhas de memória, notadamente como o advento dos *blogs*, que permitiram que as falas daqueles que por muito tempo foram reprimidos e silenciados obtivessem a chance de emergir e se difundir através da internet.

Aplica-se a essas situações o que ressalta Michael Pollak, ao referir às memórias de uma maneira geral:

*lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas.*³⁸

E, ao permanecer viva dentre os grupos familiares e redes de amizades, a memória converte-se em parte da identidade do indivíduo. Afinal, como pontua Candau, “transmitir uma memória é fazer viver, assim, uma identidade”.³⁹ Noutras palavras, o testemunho, por exemplo,

³⁷ Entendido por esses sujeitos mais na perspectiva de Hannah Arendt, que concebe o totalitarismo como uma forma de domínio que “não se limita a destruir as capacidades políticas do homem, isolando-o em relação à vida pública, como faziam as velhas tiranias e os velhos despotismos, mas tende a destruir os próprios grupos e instituições que formam o tecido das relações privadas do homem, tornando-o estranho assim ao mundo e privando-o até de seu próprio eu. [...] O terror totalitário, por sua vez, serve para traduzir, na realidade, o mundo fictício da ideologia e confirmá-la, tanto em seu conteúdo, quanto, e sobretudo, em sua lógica deformada. Isso atinge, na verdade, não apenas os inimigos reais (o que acontece na fase da instauração do regime), mas também e especialmente os inimigos ‘objetivos’, cuja identidade é definida pela orientação político-ideológica do Governo mais do que pelo desejo desses inimigos em derrubá-lo”. BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PAQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, p. 1248.

³⁸ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio, *op. cit.*, p. 3. A compreensão das memórias implica investigar ainda as condições de seu silenciamento. Além do mais, Michael Pollak sublinha que a memória não se reduz a um fenômeno individual, por ser, acima de tudo, algo também coletivo, passível de flutuações no tempo, sob o impacto das disputas de poder em torno dela.

³⁹ CANDAU, Joël, *op. cit.*, p. 118.

em determinadas circunstâncias, pode consolidar laços políticos, criar uma nova identidade e até mesmo uma tradição: “o testemunho pode, justamente, servir de caminho para a construção de uma nova identidade pós-catástrofe. [...] O testemunho tanto artístico/literário como o jurídico pode servir para se fazer um novo espaço político para além dos traumas que serviram tanto para esfacelar a sociedade como para construir novos laços políticos”.⁴⁰

A memória, no caso dos ex-umapianos, se configura, nessa linha de pensamento, como um instrumento político e ideológico, para conferir ao grupo um sentimento de pertencimento, que atua como um traço de união entre indivíduos que compartilham das mesmas angústias e anseios. Por essa via, a memória, afirmada como tradição, torna-se efetiva. Dito de outro modo, sua transmissão cria tamanha autoridade e tamanha é sua própria perpetuação que ela é efetivada e aceita.⁴¹

Dessa forma, as lembranças dos ex-umapianos e dos grupos que as transmitem não diferem desse quadro geral: seu compartilhamento só adquiriu relevância quando elas se transformaram em produtoras de um sentimento de identificação entre os indivíduos. À vista disso, a transmissão dessas memórias opera como um dispositivo de busca por si mesmos, criando ressacas de memórias nas quais os sujeitos moldam suas identidades. Como frisa Pollak, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.⁴²

Destaque-se ainda que tomamos o livro e *blogs*, bem como os jornais *on-line* que serão analisados nesta dissertação, como literatura de testemunho, partindo da ideia de que ela envolve uma relação de disputa e de poder.⁴³ Este, por sua vez, não é encarado aqui somente como “algo que atua *sobre nós*, como se nos limitássemos a ser objeto de sua ação. Ele também é exercido *por nós*, o que nos coloca simultaneamente na condição de *sujeitos e objeto* do exercício do poder”.⁴⁴

Os testemunhos dos ex-internos dessas unidades, são, portanto, expressões de

⁴⁰ SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Tempo e Argumento*, v. 2, n. 1, Florianópolis, jan.-jun. 2010, p. 12.

⁴¹ Cf. CANDAU, Joël, *op. cit.*

⁴² POLLAK, Michael, *op. cit.*, p. 5.

⁴³ Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio, *op. cit.*

⁴⁴ PARANHOS, Adalberto. Política e cotidiano: as mil e uma faces do poder”. In: MARCELLINO, Nelson C. (org.). *Introdução às Ciências Sociais*. 17. ed. Campinas: Papirus, 2010, p. 54.

poder, como assinalam Valeria de Marco e Márcio Seligmann-Silva⁴⁵, sem se limitarem a meros relatos de submissão e sofrimento. Eles, por sinal, representam uma manifestação da oposição política num contexto em que “somos todos, conscientemente ou não, seres políticos, como seres sociais que estabelecem entre si relações de poder na sociedade”.⁴⁶ Ou, conforme Wilberth Salgueiro, exprimem “a vontade de resistência, de não se conformar com as múltiplas faces do autoritarismo”.⁴⁷

Esse testemunho, frequentemente acessado através do trauma, aflora, às vezes, como uma ferida de memória, advinda de uma “ausência de solidariedade, do isolamento linguístico (ocasionado pela multiplicidade de idiomas e pela consequente falta de comunicação) e da maneira como vítimas e algozes se comunicavam aos gritos e com vasto uso da violência”⁴⁸; sobretudo, ele pode registrar uma necessidade de sobrevivência e uma carência de narrar.

Assim, os relatos dos ex-umapianos tornam-se uma ponte entre as experiências sofridas dentro das Umaps e o “outro” que se propõe a recepcioná-los, fazendo com que o narrador alcance o objetivo primeiro da narrativa: “renascer”, reacendido o “sítio da outridade”.⁴⁹ Ao falar de certos traumas, Seligmann-Silva diz que, “nestas situações, como nos genocídios ou nas perseguições violentas em massa de determinadas parcelas da população, a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade”.⁵⁰ Daí que o testemunho não se desvincula da recepção, pois “sem a nossa vontade de escutar, sem o desejo de também portar aquele testemunho que se escuta, não existe o testemunho”.⁵¹ A falta de recepção gera uma não elaboração do luto, e, então, o “trauma pode se tornar rancor e ressentimento”.⁵²

No fundo, o testemunho descreve um movimento pendular. Se encarado dialeticamente, ele se reveste de um sentido contraditório, apresentando duas pontas que

⁴⁵ Cf. MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*, n. 62, São Paulo, 2004, e SELIGMANN-SILVA, Márcio, *op. cit.*

⁴⁶ PARANHOS, Adalberto, *op. cit.*, p. 50.

⁴⁷ SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). *Matraga*, v. 19, n. 31, Rio de Janeiro, jul.-dez. 2012, p. 292.

⁴⁸ FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral. Primo Levi e a literatura de testemunho: uma (in)definição. *Locus: Revista de História*, v. 28, n. 1, Juiz de Fora, 2022, p. 239.

⁴⁹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, v. 20, n. 1, Rio de Janeiro, 2008, p. 66.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 67.

⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 72.

⁵² SALGUEIRO, Wilberth, *op. cit.*, p. 293.

se tocam: “por um lado, tanto o testemunho deve ser visto como uma forma de esquecimento, uma ‘fuga para frente’, em direção à palavra e um mergulhar na linguagem, como também, por outro lado, busca-se igualmente, através do testemunho, a *libertação* da cena traumática”.⁵³

E o testemunho confiável seria, como destaca Wilberth Salgueiro, aquele que é mantido ao longo do tempo, que tem a capacidade de sempre se repetir. Sob esse aspecto, a veiculação dos testemunhos dos ex-internos das Umeps pelos *blogs* visa garantir que eles sejam disseminados pelo tempo afora, produzindo a sensação de um testemunho fidedigno, autêntico, seguro, “incontestável”.⁵⁴

Dando um salto à frente, ocupemo-nos agora mais especificamente da análise das fontes às quais recorreremos. Partimos do princípio de que a tecnologia depende dos usos que dela se fazem e das construções de sentido ao seu redor⁵⁵, na medida em que a blogosfera se apresenta como um campo de disputas, prestando-se tanto a dar voz aos oponentes do regime socialista quanto aos defensores do governo cubano.

Nessa perspectiva os *blogs* foram tratados como uma comunidade, em meio à tentativa de compreender quais fatores motivaram as pessoas a expor seus relatos nesses espaços, o que abarca a “necessidade de expressão, desejo de compartilhar saberes, desejo de se integrar em uma comunidade, busca de reconhecimento, exploração criativa, terapia, participação política, defesa de interesses ou mera exposição”.⁵⁶ Ao formarem uma comunidade, subentende-se que elas possuem líderes, adversários, grandezas e misérias, representando “um sistema de controle e crítica dos meios de comunicação, um fator de mobilização social, um novo canal para as fontes convertidas em mídias, um novo formato aplicável às versões eletrônicas dos meios tradicionais para as coberturas extensas, catástrofes e acidentes”.⁵⁷

Por esse motivo, ao analisar os *blogs* e jornais *on-line*, impõe-se procurar esclarecer, tanto quanto possível, quem está por trás deles⁵⁸, quais são as ideologias, o

⁵³ SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 90.

⁵⁴ SALGUEIRO, Wilberth, *op. cit.*, p. 292.

⁵⁵ Cf. TARGINO, Maria das Graças. Blogs como instrumento de legitimação de lutas sociais em Cuba. *Informação & Informação*, v. 18, n. 3, Londrina, set. 2013.

⁵⁶ ORIHUELA, José Luis. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA, Octavio I. Rojas, ALONSO, Julio, ANTÚNEZ, José Luis, ORIHUELA, José Luis e VARELA, Juan. *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. São Paulo: Thomson Learning, 2007, p. 7.

⁵⁷ *Idem, ibidem*, p. 9.

⁵⁸ Uma dificuldade não superada foi a desejada identificação das fontes de financiamento desses *blogs* e jornais *on-line*, algo sobre o que não se dispõe de informações às claras.

que as movem, qual o caráter do conteúdo ali postado, que tipo de interação se busca estabelecer com o público e como este reage. Além do mais, como as fontes *on-line* têm características semelhantes às da imprensa, nós nos serviremos de textos que tratam a imprensa como fonte. Renée Barata Zicman⁵⁹, por exemplo, insiste que ela está fundamentalmente ligada a aspectos políticos e ideológicos. Disso decorre a necessidade de esclarecer os princípios a que se apegam os órgãos de imprensa consultados, o que se coloca “atrás”, “dentro” e “em frente”, fórmula básica proposta por Pierre Albert⁶⁰, que atenta também para a importância do estilo de um veículo e do seu público alvo.⁶¹

Na esteira dessas observações, Tania Regina de Luca nos adverte, entre muitas outras coisas, para a relevância da análise detectar se as matérias são predominantemente informativas ou opinativa.⁶² Seguindo as orientações dessa pesquisadora, é necessário explicitar quais as vinculações políticas desse ou daquele periódico; em nosso caso, trata-se de evidenciar as motivações políticas dos *blogs* e jornais *on-line*, desde suas origens, inclusive seus compromissos com as classes sociais a que se destinam. Até porque, como salientam Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, é indispensável, do ponto de vista teórico-metodológico, analisar o material da imprensa sem descolá-lo do campo das lutas sociais. Para ambas, compreender a imprensa requer que se considere que ela tem uma “linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe”.⁶³

Por fim, vamos nos ater, brevemente, à estrutura desta dissertação. Ela se divide em três capítulos. No primeiro, “A fabricação do ‘homem novo’: o trabalho e o corpo a serviço da Revolução”, enfocaremos a construção do “homem novo”, sob uma ótica social e econômica, evidenciando como tal ideal afetou os corpos dos indivíduos e chamando a atenção para as experiências da produção impostas pelo governo revolucionário cubano com base no trabalho voluntário. A fim de obter uma maior

⁵⁹ Ver ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, n. 4, São Paulo, jun. 1985.

⁶⁰ Ver ALBERT, Pierre. Comment étudier un journal? In: *Cahiers français*, n. 178, Paris, out.-dez 1976. *apud* ZICMAN, Renée Barata, *op. cit.*

⁶¹ Cf. ZICMAN, Renée Barata, História, *op. cit.*, p. 92.

⁶² Ver LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

⁶³ CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa. *Projeto História*, n. 35, São Paulo, dez. 2007, p. 258.

compreensão sobre o assunto, nós o abordaremos igualmente sob uma perspectiva ampliada, já que formulações semelhantes são anteriores à própria Revolução cubana, não sendo, pois, exclusivas do pensamento de Ernesto Che Guevara, quando mais não seja porque emergiram inclusive em países capitalistas.

O segundo capítulo, “‘Dentro de la Revolución, todo; contra la Revolución, nada’: repressão, resistência e experiências homossexuais em Cuba”, focará nas experiências de homossexuais e de contrarrevolucionários no interior das Umaps, procurando retirar os ex-internos dessa instituição da simples condição de vítimas de um poder estatal pretensamente totalitário. Buscaremos reconhecer o protagonismo político da comunidade LGBTQIA+, que está na raiz de transformações significativas no enfrentamento da problemática dos comportamentos “desviantes”. Simultaneamente, situaremos a repressão sexual como algo mais amplo, que transcende as fronteiras da sociedade cubana, enfatizando como a homossexualidade foi enquadrada, durante muito tempo, no mundo capitalista, como uma patologia sexual pelo saber/poder médico.

E, por último, o terceiro capítulo, “1968: o ano do fim da curta existência das Umaps”, privilegiará, como indica o seu título, a extinção das Umaps e o redimensionamento da problemática LGBTQIA+ em Cuba. Longe de conceber os indivíduos “desviantes” como simples objetos ou pacientes ante a ação estatal, apontaremos a importância das manifestações de resistência de diferentes setores sociais, o que acabou por abalar as bases em que se apoiavam as Umaps. Afinal, “qualquer domínio, por mais despótico e ditatorial que venha a ser, inscreve-se inevitavelmente num campo de concorrências ou em ‘campos de lutas’”.⁶⁴ Prova disso foi o próprio fim das Umaps, como que a atestar a permeabilidade do próprio regime político cubano, que foi levado a admitir mudanças em sua política de enfrentamento das relações homoafetivas.

⁶⁴ Ver PARANHOS, Adalberto. O cerco do silêncio e a voz do coro: o “Estado Novo” em questão. In: *Os desafinados: sambas e bambas no “Estado Novo”*. São Paulo: Intermeios/CNPq/Fapemig, 2015, p. 33.

1. A fabricação do “homem novo”: o trabalho e o corpo a serviço da Revolução

As Unidades Militares de Ajuda à Produção (Umaps) foram oficialmente campos de trabalhos agrícolas que buscavam recrutar homens considerados não aptos para o serviço militar. Extraoficialmente – e após diversas denúncias –, elas foram tratadas como campos de trabalhos forçados para homossexuais, contrarrevolucionários, religiosos e *hippies*. Teriam como objetivo reeducar esses indivíduos para que se tornassem revolucionários a partir do ideal do “homem novo”, ou seja, pretendia-se transformar os “desviados” em machos viris, engajados na defesa da Revolução.

Para compreendermos o que realmente foram essas unidades, primeiro é necessário entendermos como se configurava a concepção do “homem novo”. Para tanto, torna-se imprescindível situarmos tal questão para além das fronteiras da ilha caribenha, procurando perceber esse ideal como algo amplo, teorizado ao redor do mundo em diversos regimes e em diferentes temporalidades, e observando também como os *blogs*, jornais *on-line* e livros de testemunhos o abordam, ao atrelá-lo a assuntos do tempo presente.

Diante disso, neste capítulo nos propomos analisar o ideal do “homem novo” e sua relação com as Umaps, em meio às formas de repressão exercidas pelo governo revolucionário, que recaíram sobre mais de trinta mil homens¹ – com foco especial em homossexuais – enviados para essas unidades, sob a lei do serviço militar obrigatório em Cuba no período de 1965 a 1968. Nesse processo recorreremos a testemunhos veiculados em *blogs*, jornais e livros que, mesmo devendo ser tomados com cautela, podem nos ajudar a perceber como ganhou corpo uma memória não oficial da Revolução Cubana. Além disso, examinaremos qual o papel econômico do “homem novo” atribuído pelas Umaps, em um momento em que Cuba travava intensas batalhas geopolíticas, durante a guerra fria, o que, tempos depois, serviu de justificativa para o trabalho e a disciplina militar a que os reclusos eram submetidos.

¹ Cf. o historiador SIERRA MADERO, Abel. Academias para producir machos en Cuba. *Letras Libres*, Madrid, 21 jan. 2016. Disponível em <<https://www.letraslibres.com/espana-mexico/politica/academias-producir-machos-en-cuba>>. Acesso em 17 nov. 2019.

A concepção do “homem novo” em diferentes ideologias e épocas

Ao estudarmos a homossexualidade em Cuba, um dos principais temas que saltam aos olhos é o ideal do “homem novo”, até porque ambas as questões terminaram por ser estreitamente correlacionadas. No entanto, quando nos aprofundamos no conhecimento dessa problemática, vemos que ela emergiu não somente na sociedade cubana ou no mundo socialista.² Aliás, neste Ernesto Che Guevara não foi o primeiro a teorizar sobre.

Tal aspiração, com todas as suas variações, foi amplamente difundida nas mais diversas sociedades, de acordo com as suas especificidades e ideologias. Afinal, “cada época histórica é marcada pelas teorias, princípios, modelos de concepção de vida política, econômica e cultural”.³ Disso decorre que, ao analisarmos o ideal do “homem novo”, devemos levar em consideração o momento em que ele foi cunhado nesse ou naquele país.

Por sinal, concepções dessa natureza não despontaram apenas no mundo contemporâneo. Há passagens que remontam a ela na Bíblia, como reconhece o monsenhor Carlos Manuel de Céspedes⁴: “Efectivamente, este concepto viene de Pablo, quien le dice a los paganos que se han convertido al cristianismo que ya son hombres nuevos. El hombre es nuevo en el mismo momento en que se ha bautizado”.⁵ O “homem novo” da Bíblia é aquele que busca se despir do homem velho que se corrompe por desejos enganosos e se ergue revestido à semelhança de Deus⁶, como consta de Colossenses 3: “Pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos

² Segundo Pericás, no âmbito do socialismo, desde Marx, Engels até Mao Tsé-tung se tem elaborações sobre esse tema. A construção do “homem novo” se conectou à moral comunista, assumindo funções claras e específicas que se associariam, no caso soviético, à ação do Estado. Ver PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o “homem novo”. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998, p. 101.

³ BASÍLIO, Guilherme. Samora Machel: o princípio do “homem novo” e seus significados. *Udziwi: Revista de Educação da UP*, n. 7, Moçambique, 2011, p. 1.

⁴ A família do monsenhor está em Cuba desde o início da colonização espanhola e se envolveu na vida política, econômica e cultural da região. Carlos Manuel de Céspedes se formou em Teologia em 1963 pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Nesse mesmo ano ele voltou a Cuba, de onde sua família havia partido devido a desencontros com o governo revolucionário. Faleceu em 2014. Ver a enciclopédia *on-line* cubana *Ecured* – Carlos Manuel de Céspedes García-Menocal (1936-2014). Disponível em <[https://www.ecured.cu/Carlos_Manuel_de_C%C3%A9spedes_Garc%C3%ADa-Menocal_\(1936-2014\)](https://www.ecured.cu/Carlos_Manuel_de_C%C3%A9spedes_Garc%C3%ADa-Menocal_(1936-2014))>. Acesso em 19 set. 2022.

⁵ CÉSPEDES, Carlos Manuel de *apud* SIERRA MADERO, Abel. La política, la religión y el hombre nuevo: al habla con Carlos Manuel de Céspedes [5 jan. 2014]. Disponível em <http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1388872692_6561.html>. Acesso em 28 out. 2019.

⁶ Ver BÍBLIA Sagrada. Efésios 4. Disponível em <<https://www.bible.com/pt/bible/211/EPH.4.NTLH>>. Acesso em 19 set. 2022. Efésios, também conhecido como Epístola aos efésios ou carta de Paulo aos efésios.

vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem Daquele que o criou”.⁷ Nessa ótica, ao ser batizado, o sujeito deveria estar envolto nos valores divinos.

Já no mundo contemporâneo, as teorizações sobre o ideal do “homem novo” vão operar de forma distinta. Na opinião do monsenhor Céspedes, “el hombre nuevo fue un concepto manipulado políticamente que, lejos de servir para el encuentro, sirvió para la confrontación”.⁸ Daí que sua defesa se ligou frequentemente a embates/guerras/disputas políticas. Em Portugal, por exemplo, durante a luta pela derrubada da monarquia, surgiram pregações sobre o “homem novo” português, com o intuito de legitimar a república.⁹ Esse “homem novo” faria frente ao “velho” que estaria enraizado na monarquia, isto é, ele era visto como uma alternativa para superar a velha sociedade. Mas seu cerne giraria em torno da transformação da sociedade, o que se coloca como um dos muitos pontos de aproximação entre suas expressões nos diversos contextos em que ele foi forjado.

O “homem novo” lusitano se vinculou a questões de caráter religioso, como se explicita na ênfase conferida à “integridade espiritual”, no sentido da procura de plena totalidade. Essa visão se contrapunha a outros ideais do “homem novo”, como o dos libertários, assentado em uma perspectiva racionalista, laica e privada, pois, para estes, como a religião e o Estado eram sustentáculos dos privilégios sociais, proporcionariam um ensino autoritário e dogmático, a serviço dos dominantes.¹⁰ Já o homem português se pautaria na “integridade espiritual” que só poderia vir ao mundo a partir de guerras que interrompessem a paralisia da sociedade. Como aponta Pietro Tessadori, os “movimentos intelectuais europeus consideram seriamente que a possibilidade de regeneração possa acontecer por meio de um combate violento entre forças antagonistas, única alternativa para superar a decadência de uma sociedade símbolo de um mundo há muito tempo velho”.¹¹ A guerra criaria o “homem novo” capaz de suprimir o egoísmo do indivíduo e despertar virtudes heroicas, enquanto o mundo pré-guerra seria marcado pela “degeneração do hedonismo [que] aniquila irremediavelmente a sociedade endereçada a

⁷ *Idem*, Colossenses 3. Disponível em <<https://www.bible.com/pt/bible/211/COL.3.NTLH>>. Acesso em 19 set. 2022. Colossenses ou Epístola aos colossenses ou Carta de Paulo aos colossenses.

⁸ CÉSPEDES, Carlos Manuel *apud* SIERRA MADERO, Abel, *op. cit.*

⁹ Ver TESSADORI, Pietro. *O “homem novo” do fascismo italiano e do Estado Novo português*. Tese [Doutorado em História] – Programa Inter-universitário da Universidade de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Universidade de Évora, Lisboa, 2014.

¹⁰ Cf. RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 149.

¹¹ TESSADORI, Pietro, *op. cit.*, p. 11.

uma decadência, que se funda sobre as desigualdades das massas e sobre a alienação materialista, que produz apatia e encoraja comportamentos imorais”.¹²

Esse “homem novo” que nasceria do pós-guerra estaria incumbido de “uma missão civilizadora mundial, que recuperava, com um arranco acrobático, o gosto pela vitória conseguida com ligames de irmandade e solidariedade humana entre diferentes classes sociais”.¹³ A condenação da alienação materialista e a oposição ao velho, características dessa “missão civilizadora”, são aspectos que se aproximam, de modo geral, em muitas das teorias sobre esse ideal, tanto no universo socialista, como no capitalista/liberal. No caso específico de Portugal o “homem novo” foi concebido nos marcos de um Estado nacionalista e corporativista, de feição política nitidamente conservadora, desejos de guiar os jovens pelo caminho de disciplina e da devoção pela pátria.¹⁴ Ele deveria “encaixar-se na ideia de hierarquização social espontânea e harmoniosa, de uma sociedade rigidamente estruturada, por meio de um autoritarismo que o Estado Novo desenvolvia através de uma retórica discursiva preocupada com a desordem e com a agitação social”.¹⁵

Seguindo a mesma linha de Portugal, o “Estado Novo” brasileiro também concebeu seu próprio “homem novo”. Entretanto, aqui ele era centrado no trabalho, tendo sido produzido discursivamente em meio “às relações que se estabelecem entre trabalho e riqueza e entre trabalho e cidadania”.¹⁶ Com isso o regime estado-novista buscava “transformar o homem em cidadão/trabalhador, responsável por sua riqueza e também pela riqueza do conjunto da nação”.¹⁷ O pressuposto – sob muitos aspectos, quimérico – era de que, através do trabalho, o homem poderia ascender em sua vida social e conquistar cada vez mais bens materiais. Para tanto, o trabalhador brasileiro deveria se submeter à cartilha da ideologia do trabalhismo, mantendo-se distante das lutas de classe e mostrando-se obediente às imposições do governo Getúlio Vargas.¹⁸

O trabalho, como então se apregoava, internalizaria no homem valores sociais que o levariam a servir à sua pátria, concorrendo para a efetivação da paz e da justiça social.

¹² *Idem, ibidem*, p. 13.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 15.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 160.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 179.

¹⁶ GOMES, Ângela Maria de Castro. A construção do “homem novo”: o trabalhador brasileiro. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta e GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 151.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 152.

¹⁸ Cf. PARANHOS, Adalberto. *O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2007. Ver esp. cap. A sinfonia do trabalho.

A educação foi colocada como fundamental para a construção de um “povo integral adaptado à realidade social de seu país e preparado para servi-lo”.¹⁹ Ela forjaria homens vigorosos e responsáveis que alimentariam o sentimento de patriotismo e de preservação da ordem social capitalista.

Noutros contextos, o ideal “homem novo” foi igualmente uma das molas propulsoras do regime fascista, como o capitaneado por Benito Mussolini. Conforme Tessadori, “em Itália o mito do ‘homem novo’ surge essencialmente das opções ditatoriais que visam quebrar a velha hegemonia da classe política liberal, típica daquele mundo burguês, que [...] cria um homem egoísta incapaz de ativar-se pelo melhoramento coletivo da sociedade”.²⁰

Por sua vez, Estados que professavam o comunismo elegeram a moral como questão capital para a criação de um “homem novo” socialista, que, obviamente, se desconecta de princípios cristãos. Numa perspectiva ortodoxa, a moral comunista, para o ideólogo soviético Kolbanoski, seria constituída do ponto de vista proletariado e conduziria os homens a uma luta de libertação da humanidade, procurando excluir todas as formas de exploração. Isso requereria uma renovação do sistema ético dos homens. Na sua idealização, esse autor sustenta que a

*moral comunista deriva seu conteúdo de princípios diferentes. Se, na sociedade baseada nos princípios da propriedade privada dos meios de produção, é alimentada entre os homens a psicologia da propriedade privada em todas suas manifestações amorais, na sociedade socialista, onde existe a propriedade socialista coletiva dos meios de produção, estabelecem-se relações de solidariedade entre todos os seus membros, que possuem interesses comuns, fins comuns e aspirações comuns.*²¹

Calcado numa visão simplista/maniqueísta, típica de manuais doutrinários, V. Kolbanoski considera que a moral burguesa é algo degradante, ao passo que a comunista primária por ser instrutiva, didática, educacional. Daí que o “homem novo” comunista deveria pautar-se na honra dos trabalhadores, estimulando solidariedade mútua entre os operários, que desembocaria em uma alta *performance* no trabalho, fator de grande importância para o progresso da sociedade comunista.²² O “homem novo” soviético,

¹⁹ GOMES, Ângela Maria de Castro, *op. cit.*, p. 158.

²⁰ TESSADORI, Pietro, *op. cit.*, p. 18.

²¹ KOLBANOSKI, V. A moral comunista [1947]. Problemas: Revista Mensal de Cultura Política, 17, Rio de Janeiro, fev.-mar. 1949. In: *Marxists Internet Archive*. Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/17/moral.htm>. Acesso em 13 set. 2022.

²² *Idem*.

*Tal qual definido pelo PCURSS e apresentado por Kolbanoski, compreende que a coletividade, mesmo convertida numa nacionalidade, se sobrepunha aos interesses individuais (característico das sociedades divididas em classes) e que a solidariedade, emanada pelo trabalho, definiria as relações entre os indivíduos e desses com a sociedade. Não importa aqui os sentidos que “coletividade”, “nacionalidade” e “solidariedade” assumem na vida política cotidiana soviética, já que todos podem ser observados como conceitos construídos em função do Estado, mas importa o sentido proposto pelo discurso ao ser disseminado entre outros povos – a moral comunista se contrapunha veementemente à moral burguesa.*²³

A ética do homem soviético, por exemplo, segundo seus apologistas, se baseava no patriotismo, de forma aparentemente semelhante à do “homem novo” capitalista/liberal. No entanto, no primeiro caso o patriotismo não se prestaria, em tese, a ser um meio de alienação e controle do sujeito.²⁴

Che Guevara com a autoridade política de que se investia, batia, em termos gerais, na mesma tecla. Para ele o homem socialista que emergiria da Revolução teria na educação um ponto fundamental. O líder revolucionário entendia que “el capitalismo recurre a la fuerza, pero, además, educa a la gente en el sistema”, ao passo que na sociedade do “homem novo” socialista que se descortinava, “La educación directa adquiere una importancia mucho mayor”²⁵, seria um processo consciente em que o indivíduo perceberia seu poder social e sua relevância nesse mundo.

Em diversas sociedades que se proclamavam socialistas, para além de Cuba, surgiram teorizações sobre o “homem novo”. Moçambique é um exemplo de como lá esse ideal representou o princípio de uma nova identidade nacional, simbolizando um novo poder, um novo Estado.²⁶ Tanto que, na experiência moçambicana, ele também se ligou

²³ LUGARINHO, Mário César. Masculinidade e colonialismo: em direção ao “homem novo” (subsídios para os estudos de gênero e para os estudos pós-coloniais no contexto de língua portuguesa). *Abril*, v. 5, n. 10, Niterói, abr. 2013, p. 29.

²⁴ Cf. VYGOTSKY, Lev. A transformação socialista do homem [1930]. *Marxists Internet Archive*. Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>>. Acesso em 19 jun. 2023.

²⁵ CHE GUEVARA, Ernesto. *El socialismo y el hombre en Cuba*. La Habana: Editora Política, 1988, p. 8 e 9.

²⁶ Em setembro de 1974 foi assinado o “acordo de Lusaka”, que reconheceu a independência de Moçambique. A Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), fator decisivo na luta de oposição ao Estado colonial português, assumiu o governo do país e passou a buscar a “estruturação” de uma nova sociedade, guiada por pensamentos anticapitalistas que ansiavam por uma sociedade “descolonizada, popular, democrática e socialista”. Ver ROCHA, Júlia Tainá Monticeli. *Do “vento da emancipação” à “força motriz da revolução”*: a libertação da mulher nos discursos de Samora Moisés Machel (Moçambique) – 1973-1980. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-RS, Porto Alegre, 2018, esp. cap.

ao modelo educacional que se tentou colocar em prática. Daí sua vinculação ao sistema nacional de educação²⁷, para qual o “homem novo” significaria um ser “livre de dominação estrangeira”²⁸, dotado de consciência patriótica e cientificamente qualificado e culturalmente liberto.²⁹ Ele assumiria os valores de uma sociedade socialista, e seu principal desafio consistiria na reconstrução nacional.

O “homem novo” moçambicano deveria ser livre de “todas as tentativas viciosas, livre de concepções supersticiosas e subjetivas”³⁰ e assinalaria o nascimento de um tempo e de uma realidade revolucionária. O novo aparece, uma vez mais, em franca oposição ao velho, “discutido dialeticamente em oposição à velha sociedade criada e fundamentada pelo imperialismo português”.³¹ Nessa perspectiva, o “homem novo” seria a resultante do casamento entre uma educação e uma ideologia libertadoras, com o objetivo de “transformar todos os valores criados pelo colonialismo e categorizar novos valores ligados à realidade socialista”.³² Como agente da Revolução Moçambicana, que se nutriria da sua seiva, esse sujeito – moralmente renovado – iria ao encontro dos valores do poder político vigente.

A idealização do “homem novo” teve lugar no Brasil – para não nos referirmos a outros países – inclusive no interior do movimento anarquista. Ele foi cunhado por aqui em meio ao crescimento urbano-industrial, numa época em que o proletariado era visto, pelas classes dominantes, como selvagem, ignorante e incivilizado, enquanto a indústria constituía-se em aparelho supostamente moralizador capaz de domesticar esses indivíduos. Nesse contexto, os anarquistas traçarão as bases educacionais e ideológicas da formação de um novo homem, apoiados em valores como o fim da exploração do

“A luta armada agindo como cápsula incubadora”: da luta anticolonial à formação de um novo projeto identitário (1962-1975).

²⁷ De conformidade com a lei n. 4/83, de 23 de março de 1983, o sistema educacional deveria transmitir às novas gerações “experiências, conhecimentos e valores culturais” com o intuito de “assegurar a reprodução da sua ideologia e das suas instituições econômicas e sociais”. Ele reconhecia como direito fundamental de todo cidadão a educação em nível “técnico-científico” como um meio de realização das transformações revolucionárias que desembocariam no desenvolvimento do socialismo. A lei objetivava ainda favorecer “a erradicação do analfabetismo; a introdução da escolaridade obrigatória; a formação de quadros para as necessidades do desenvolvimento econômico e social e da investigação científica, tecnológica e cultural”. Ver MOÇAMBIQUE. Lei n. 4/83, de 23 de março de 1983. *Boletim da República*: 1. série, n. 12, Moçambique, 23 mar. 1983. Disponível em <https://www.iese.ac.mz/lib/PPI/IESEPPI/pastas/governacao/educacao/legislativo_documentos_oficiais/leiSNE.pdf>. Acesso em 13 set. 2022.

²⁸ Cf. BASÍLIO, Guilherme. Samora Machel, *op. cit.*, p. 2.

²⁹ MOÇAMBIQUE, *op. cit.*, p. 13.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 3.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 4.

³² *Idem, ibidem*, p. 5.

trabalho, da dominação política e do Estado, indo, portanto, muito além da política institucional.³³

As concepções dos anarquistas diferiam das dos marxistas, porque,

*Tendo como horizonte a instituição de uma organização social formada por comunas autônomas livremente federadas, os anarquistas recusam a construção de um partido político revolucionário que deveria liderar a classe operaria enquanto sua “vanguarda revolucionária”. Acreditam que esta instituição acabaria por reproduzir em seu interior a divisão social entre os que concebem e mandam e os que executam e obedecem, recriando assim relações hierárquicas entre seus próprios membros, tanto quanto entre a “vanguarda” estabelecida e a massa inconsciente. Para os anarquistas, os instrumentos utilizados para a instituição da sociedade libertária devem desde já refletir a natureza da sociedade projetada. A revolução, como progresso de transformação das relações sociais, começa aqui e agora e não depois do salto que “um dia” será dado, salto revolucionário, depois que a ditadura do proletariado, momento transitório segundo Marx, for extinta.*³⁴

Em vista disso, o “homem novo” anarquista tinha seus pontos de aproximação e de distanciamento do modelo imaginado por Che Guevara. O padrão anarquista de homem se aproximava do socialista quando teorizava sobre o respeito mútuo, visando não incentivar a competição, ao contrário da prática e da ideologia burguesas. Socialistas/marxistas e anarquistas valorizavam a autoemancipação. Che acreditava que as pessoas precisariam ser capacitadas, sob a impulsão das agências revolucionárias (no limite, do Estado), até o momento em que adquiririam condições para se autoeducarem, sempre pensando no coletivo.³⁵ Na ética anarquista, elas, em hipótese alguma, deveriam ser controlados pelo Estado: “O ‘homem novo’ anarquista deve ser capaz de andar sobre as próprias pernas, voar com asas seguras para espaços novos e desconhecidos, aventurar-se, mergulhar profundamente. Nada disso é possível com uma educação que exige obediência e submissão: aos pais, aos mestres, aos chefes, aos governantes, aos preconceitos, a toda sorte de imposições”.³⁶

Tal visão é oposta à de Che Guevara, uma vez que o “homem novo” socialista é concebido como um defensor de sua pátria, um revolucionário, que não teria preguiça, vergonha ou medo de defendê-la, se inspirando na vanguarda comunista. Outra

³³ Cf. RAGO, Margareth, *op. cit.*, p. 12.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 158.

³⁵ CHE GUEVARA, Ernesto, *op. cit.*

³⁶ RAGO, Margareth, *op. cit.*, p. 148.

divergência crucial entre os dois ideais se prende aos estímulos morais e físicos. É verdade que tanto Che quanto os libertários concordavam que os castigos e repressões, bem como os prêmios materiais, eram práticas burguesas. Porém, Che ainda admitia lançar mão de estímulos morais e materiais – mesmo que buscasse extingui-los – para transformar a consciência dos homens. Em contrapartida, os libertários repeliavam tais iniciativas: não deveria haver “nem prêmios, nem punições, nem castigos físicos ou morais, hierarquizando os indivíduos, distribuindo-os nas escolas do melhor ao pior, do mais bem comportado ao preguiçoso, estimulando as rivalidades”.³⁷

A pedagogia libertária, como frisa Margareth Rago,

*propunha a superação da divisão do trabalho manual e intelectual, de modo que a humanidade pudesse recuperar sua unidade originária perdida. A sociedade cindida entre aqueles que detêm o saber e aqueles que executam as tarefas braçais só pode comportar relações de dominação; assim, a superação da divisão social do trabalho só poderia ser conseguida na medida em que todos pudessem exercer simultaneamente atividades manuais e intelectuais, sem privilégio da instrução a uns e todo trabalho físico e alienante a outros. Portanto, desde a própria escola, o aluno deveria participar da fabricação dos instrumentos didáticos, da manutenção das salas, do cuidado com os jardins e bibliotecas, tornando-se um sujeito ativo no processo pedagógico em todos os sentidos. O que seria, também, uma maneira de quebrar a hierarquia e a distância dos papéis atribuídos a professores, alunos e funcionários, evitando que cada um se especializasse rigidamente em uma atividade limitada. Além disso, defendia-se a aprendizagem de um ofício manual na escola, que habilitasse os alunos pobres a enfrentarem as contingências da vida.*³⁸

No caso cubano, a ênfase da proposta de Che Guevara se voltava para a formação de um indivíduo habilitado à construção de uma sociedade econômica e moralmente socialista, que erradicasse crenças limitantes pautadas na experiência capitalista. Dito de outro modo, Che mirava um padrão de guerrilheiro másculo e viril, capaz de forjar uma sociedade fora dos moldes sociais e ideológicos do capitalismo, e para tanto seria imprescindível a fabricação de um sujeito que aliaría o trabalho físico com uma mentalidade coletiva. Nas palavras de Abel Sierra, “el hombre nuevo para el Che, además de tener otros valores, era aquel capaz de dar su vida en la guerrilla, de trabajar en el

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 149.

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 152. Para uma visão mais abrangente sobre o anarquismo, ver WOODCOCK, George (org.). *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

campo, no el hombre que debía cuidar a un viejito en un asilo o ayudar desinteresadamente a un vecino, ni nada de eso”.³⁹

Como disse Fidel Castro, a sociedade cubana “es una patria, una patria que necesita producir para vencer las enormes dificultades [...] la revolución no tiene ninguna obligación de tolerar vagos”⁴⁰, ou seja, vagabundos ou indivíduos que não se dispusessem a contribuir com a Revolução. Por isso ela se atribuía o papel de transformar esses *vagos* em homens úteis, para a superação da velha ordem.

Aí entrava o Serviço Militar Obrigatório (SMO) com a função de ensinar, através da disciplina militar, os jovens “não aptos” a se tornarem úteis à sociedade que se constituía:

*Ya en 1964 Fidel Castro se vanagloriaba del impacto que el SMO estaba teniendo en la juventud cubana y resaltaba el fracaso de instituciones como la familia y la escuela en la educación de los jóvenes. “Pues bien, lo que no pudieron enseñarles en la casa – señalaba –, lo que no pudieron enseñarles en la escuela, lo que no pudieron enseñarles en el instituto, lo aprendieron en el ejército, lo aprendieron en una unidad militar”.*⁴¹

Assim como seu irmão, Raúl Castro Ruz partilhava da mesma opinião e sustentava ser necessária, para a formação de jovens revolucionários, ““una juventud con un carácter templado”, ‘forjado sobre el sacrificio’. Una juventud que se inspirara ‘no en los bailadores de twist ni de rock and roll, ni tampoco en las manifestaciones de alguna pseudointelectualidad’”, libre, portanto, ““de todo lo que debilita el carácter de los hombres””.⁴² A régua destinada a servir como padrão de medida do “homem novo” cubano era dada pela vanguarda revolucionária. Quando Reinaldo Escobar⁴³ percorreu sobre sobre a União de Jovens Comunistas (UJC)⁴⁴, ele resumiu o que, a seu ver, era

³⁹ SIERRA MADERO, Abel. *La política, la religión y el hombre nuevo*, op. cit.

⁴⁰ CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comité central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la clausura del acto para conmemorar el VI aniversario del asalto al palacio presidencial, celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1963*. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html>>. Acesso em 12 set. 2022.

⁴¹ SIERRA MADERO, Abel. *Academias para producir machos en Cuba*, op. cit.

⁴² *Idem*.

⁴³ Nascido em Camagüey, em Cuba, em 1947, Reinaldo Escobar concluiu o curso de jornalismo, em 1971, na Universidad de La Habana. Trabalhou como jornalista de 1973 até o final de 1986 na revista *Cuba internacional*. Ele é casado com Yoani Sánchez e juntamente com ela fundou a revista *Consenso*. Desde 2014 é editor-chefe do jornal digital *14ymedio*. Cf. *Anika entre libros*. Informação disponível em <<https://www.anikaentrelibros.com/autores/r/reinaldo-escobar/>>. Acesso em 18 nov. 2022.

⁴⁴ Criada em 1962, a UJC é uma organização política juvenil instituída pela vanguarda revolucionária, ligada ao Partido Comunista de Cuba, de matriz marxista-leninista e tida como a continuação das tradições

valorizado por essa organização: “lo importante era haber participado en las zafras del pueblo, haber caminado los 66 kilómetros, subido los cinco picos, aprobado las Escuelas de Instrucción Revolucionaria y, muy especialmente, haber disparado al enemigo, ya fuera en Girón o en el Escambray”.⁴⁵

Em síntese, a principal tarefa da UJC era concorrer para a decolagem da economia cubana a partir do esforço coletivo, base de uma nova sociedade balizada pela moral comunista e do proletariado. Isso interferiria em toda a vida de homens e mulheres cubanos. E as Umaps ocuparão uma posição destacada para a viabilização de tal projeto.

O “homem novo” cubano, sua relação com as Umaps e a sexualidade em questão

Durante o processo revolucionário, surgiu em Cuba, como vimos, o ideal do “homem novo”, que foi moralmente associado aos valores de honra, coragem e martírio.⁴⁶ Tais características se correlacionaram ao guerrilheiro revolucionário, tomando-se a vanguarda revolucionária – aqueles que lutaram pela Revolução, os guerrilheiros da Sierra Maestra – como paradigmas de homem másculo e viril.

Esse ideal, no contexto cubano, abrigava duas dimensões fundamentais. Uma, de cunho social, que agia sobre os corpos e a sexualidade dos indivíduos; a outra, econômica, convertendo-o num elemento auxiliar da economia cubana em uma situação em que o país estava envolto em embates políticos nacionais e internacionais. Afinal, para Ernesto Che Guevara, “el hombre, en el socialismo, a pesar de su aparente estandarización, es más completo; a pesar de la falta del mecanismo perfecto para ello, su posibilidad de expresarse y hacerse sentir en el aparato social es infinitamente mayor”.⁴⁷

de guerrilha revolucionária, de acordo com a Rádio Rebelde: “Vocês, camaradas, devem ser a vanguarda de todos os movimentos. Os primeiros a estar prontos para os sacrifícios que a Revolução exige, qualquer que seja a natureza desses sacrifícios. O primeiro a trabalhar. O primeiro a estudar. O primeiro a defender o país”. Seu principal lema é “estudio, trabajo e fuzil” (traduzido). *Ecured* – Unión de Jóvenes Comunistas. Disponível em <https://www.ecured.cu/Uni%C3%B3n_de_J%C3%B3venes_Comunistas>. Acesso em 11 out. 2022.

⁴⁵ ESCOBAR, Reinaldo. *La Unión de Jóvenes Comunista y la devaluación de su militancia* [5 abr. 2016]. Disponível em <https://www.14ymedio.com/blogs/desde_aqui/Union-Jovenes-Comunista-devaluacion-militancia_7_1975072474.html>. Acesso em 20 set. 2022. Ele se refere aqui, entre outras coisas, à tentativa de invasão da ilha, incentivada pelos Estados Unidos, em 1961, via Playa Girón, também conhecida como Baía dos Porcos.

⁴⁶ Ver SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos e ARAS, Lina Maria Brandão. Gênero e Revolução: o novo homem e a nova mulher na Revolução Cubana. *Anais eletrônicos do III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais*: olhares diversos sobre a diferença. João Pessoa, 2011. Disponível em <<http://itaporanga.net/genero/3/01/18.pdf>>. Acesso em 17 jul. 2020.

⁴⁷ CHE GUEVARA, Ernesto, *op. cit.*, p. 12.

Esse “homem novo” socialista exerceria, se preciso, até funções perigosas pelo prazer do dever cumprido, defendendo as massas populares e fazendo sacrifícios durante os períodos críticos da Revolução. A propagação desse modelo ajudou na formação de estereótipos para aqueles que não se encaixavam nos requisitos de masculinidade revolucionária, sendo consequentemente rebaixados à condição de sexualmente “desviados” e/ou contrarrevolucionários.

Evidentemente tal ideal não foi, por si só, responsável por desencadear formas de perseguição homossexual ou o preconceito sexual, muito menos foi Cuba que pôs em movimento o machismo ao redor do mundo. Por sinal, antes da Revolução já havia perseguição a grupos hoje designados LGBTQIA+ na ilha caribenha. A cultura homofóbica vinha de longe, como evidencia Mariela Castro: no mundo hispânico “la cultura homofóbica y machista, heredada fundamentalmente del dominio colonial español, ha condicionado las relaciones humanas y las decisiones políticas. La creación de las Unidades Militares de Ayuda a la Producción (Umap) es un reflejo del manejo social de esos prejuicios”.⁴⁸

Com a Revolução Cubana assistiu-se, isso sim, a uma intensificação da perseguição aos fora da “ordem sexual” hegemônica. Com isso, os corpos dos indivíduos eram compelidos a assumir comportamentos que os definiriam, de um ponto de vista binário, ou como machos ou como “*maricones*” (bichas). Mas, recuando bastante no tempo, constatamos que a honra, valor basilar do “homem novo”, na Idade Média era associado à masculinidade. Mário César Lugarinho ressalta que, “se recuperarmos a maneira como essa lógica se manifestou na Idade Média, observaremos que, nas novelas de cavalaria ou nas cantigas de amor, a honra regia a própria masculinidade do indivíduo: defendê-la era defender o soberano, por conseguinte, porque a devoção à dama nada mais era do que metonímia do próprio serviço ao rei e, por conseguinte, da própria masculinidade”.⁴⁹

No caso cubano, há nítidas aproximações com essa concepção medieval. A integridade, em Cuba, foi conectada ao culto ao guerrilheiro másculo e viril cujo maior atributo seria lutar por sua nação. A defesa dela se ligaria à masculinidade. Para os

⁴⁸ CASTRO, Mariela [declaração logo após Fidel Castro dar uma entrevista se considerando culpado pelas Umap]. *Verdades Ofenden*. Umap, campos de concentración en la Cuba de Fidel Castro. Disponível em <<https://laverdadofende.blog/2014/05/18/umap-campos-de-concentracion-en-la-cuba-de-fidel-castro/>>. Acesso em 15 set. 2022.

⁴⁹ LUGARINHO, Mário César, *op. cit.*, p. 16.

soldados do exército presentes nas Umaps, como Castellanos Fernández⁵⁰, seu dever era “cumplir la orden del mando: atender a reclutas de muy mala conducta social, vagos, hippies, marihuaneros, chulos, religiosos [...] La orden es ser estrictos con una tropa que necesita ser reeducada para que participe activamente en la construcción de la nueva sociedad”.⁵¹ E ele complementa:

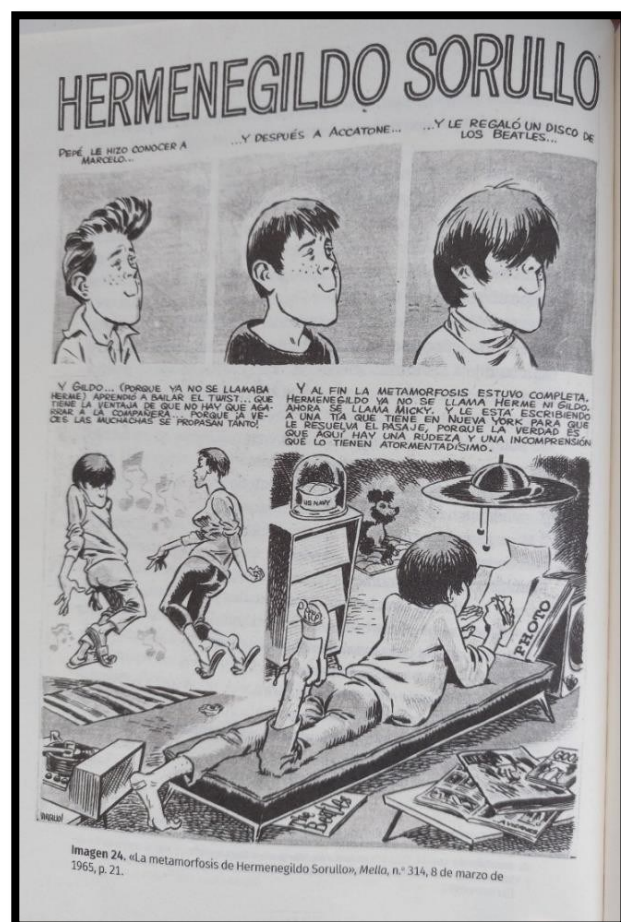
A nosotros se nos dijo que teníamos que ser estrictos con la disciplina de esa tropa. Cada cual ve las cosas desde la posición donde está. Yo estaba allí por una convicción, libre y voluntariamente, con el concepto de que estaba defendiendo mi Patria y defendiendo la Revolución” [...] “¿Qué era duro el trabajo? ¡Claro que era duro! ¿Qué en ese momento había un concepto de que había que rehabilitarlos porque eran un potencial para que el imperialismo norteamericano y sus agentes internos los utilizara como caldo de cultivo para alimentar la contrarrevolución interna y la quinta columna aquí? Pues también.”⁵²

Conforme o testemunho do então sargento Castellanos, tratava-se de reeducar os “maricones” e os demais contrarrevolucionários reclusos nas Umaps. Somente sua reabilitação os transformaria em indivíduos/homens socialistas, aptos a colocar em prática a famosa palavra de ordem de Fidel Castro “¡Patria o muerte!”. Os homens considerados “desviantes”, caso dos homossexuais, eram tidos como mais influenciáveis, mais sujeitos ao imperialismo norte-americano, o inimigo que morava ao lado.

⁵⁰ CASTELLANOS Fernández, ex-sargento dessas unidades. Ver seu depoimento sobre elas em El silencio que no entierra a las Umaps. *Umapcuba1965*. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>. Acesso em 15 set. 2022.

⁵¹ *Idem.*

⁵² *Idem.*



53

Figura 1. Tira que sugere a crítica à assimilação pelos jovens de modismos norte-americanos.

Na tirinha acima, procurava-se demonstrar como os jovens era suscetíveis a serem contaminados pelas más influências “elvis-preslianas” – como denominavam os *niños* que gostavam dos The Beatles e de Elvis Presley.⁵⁴ Nela é possível observar como o meio em que se vivia ia moldando os trejeitos dos indivíduos. Nessa historieta, Gildo só se torna “elvis-presliano”, com toques e tiques femininos, quando conheceu Marcelo, que lhe apresentou The Beatles. O contato com as músicas da banda o levaria, por contraposição, a enxergar Cuba como um lugar de “rudeza y una incomprensión”. Ao deplorar tais atitudes, Numancia Fernández⁵⁵ disse:

⁵³ Extraído de SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida: trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959-1980)*. Santiago de Querétano: Rialta, 2022, p. 144.

⁵⁴ Para uma visão mais ampla sobre a difusão do *rock* em Cuba e, em particular, sobre o desconforto gerado nos meios oficiais ante a disseminação das músicas dos Beatles, ver LACERDA, Glauber Brito Matos e VILLAÇA, Mariana Martins. “Estudo, trabalho, fuzil” e *rock* em Cuba: a música dos Beatles no Noticiero Icaic Latinoamericano (1965-1972). *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v. 25, n. 46, Uberlândia, jan.-jun. 2023.

⁵⁵ Numancia Fernández, oficial cubano que escrevia para um boletim destinado aos dirigentes políticos denominado *Guía para la Acción*. Cf. SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida*, *op. cit.*, p. 69.

*no podemos permitir que un niño sea, ya no un desviado sexual, sino social; un niño que este soñando con el twist, con esas cosas que penetran como cultura para perder a la juventud y alterala, y llevarla a las excitaciones más terribles. El niño es un pedazo de arcilla, que se va moldeando y formando en la primera edad, desde los 3 ó cuatro años hasta los once. Uno lo moldea y consigue hacer con él lo que queremos, hacia el bien o hacia el mal.*⁵⁶

Nessas circunstâncias, a produção do “homem novo” se revestia de importância ímpar, levantando-se como um dique ante essa enxurrada de modismos “alienantes”, dotados de inegável potencial contrarrevolucionário, como apregoavam os defensores da Revolução Cubana. Os corpos dos indivíduos ficavam, então, sujeitos a uma masculinidade engessada por uma vanguarda revolucionária.

No documentário *Mauvaise conduite* (Conducta impropia)⁵⁷ – produzido por Néstor Almendros⁵⁸ e Orlando Jiménez Leal⁵⁹ em 1984, se aborda a temática dos direitos humanos e as perseguições político-sexuais em Cuba, partindo de entrevistas com ex-internos das Umaps, intelectuais e indivíduos que foram alvo de práticas repressivas do governo revolucionário. José Mario Rodríguez, por exemplo, relata sua experiência, desde a detenção até o exílio, e mostra como os interrogatórios se fixavam muitas vezes num determinado padrão de masculinidade:

Então, o militar me disse que caminhasse, que desse uma volta no salão e que caminhasse. Eu, com certo assombro, obedeci, caminhei por todo o salão, dei a volta inteira. Ordenou-me, então, que caminhasse de costas para ele e com muita ironia falou: Vês? De agora em diante nós vamos fazer de você um homem [...] Na entrada havia um cartaz

⁵⁶ FERNÁNDEZ, Numancia: Necesidad del trabajo en el frente infantil. *Guía para la Acción*, v. 3, La Habana, 1966, p. 36, *apud* SIERRA MADERO, Abel. El cuerpo nunca olvida, *op. cit.*, p. 69.

⁵⁷ *Mauvaise conduite*. Direção: Néstor Almendros e Orlando Jiménez Leal. Coprodução: Margaret Menegoz, Barbet Shroeder e Michel Tholouze. França: Antenne 2 e Les Films du Losange, 1984 (115 min).

⁵⁸ Néstor Almendros, um cineasta cubano que, após 1959, realizou diversos filmes para a Revolução. Depois que algumas de suas produções foram censuradas, ele exilou-se em Paris. Ver *Néstor Almendros Biography*. Disponível em <https://www.imdb.com/name/nm0000743/bio?ref_=nm_ov_bio_sm>. Acesso em 27 set. 2022.

⁵⁹ Diretor cubano que, ao sofrer censura por seu curta-metragem *PM*, criticou o famoso discurso de Fidel Castro, *Palabras a los intelectuales*, no qual se definiu a política cultural do governo cubano. Ver *Orlando Jiménez Leal*. Disponível em <https://es.wikipedia.org/wiki/Orlando_Jim%C3%A9nez_Leal>. Acesso em 27 set. 2022.

*enorme onde se lia: Unidade Militar 2.269 e um letreiro com o lema “O trabalho os tornará homens”, uma frase de Lênin.*⁶⁰

Por sua vez, Héctor Santiago⁶¹, ex-interno das Umap, ao ser questionado se dentro dos campos se doutrinavam os indivíduos para que eles se transformassem em homens novos, respondeu:

*De todo. “El trabajo nos hara hombres”. “Están aquí para reeducarse”. “Fidel es muy generoso y quiere que se monten al carro de la Revolución”. “Esto no es un castigo, es un proceso revolucionario, para que no sean más antisociales, ni maricones”. “La Patria necesita hombres, para el uno, dos, tres muchos Vietnam”. Y dale que dale con lo mismo. Las obligatorias clases de Instrucción Revolucionaria: El socialismo en Cuba, de Blas Roca, mucho Lenin, y cada discurso del “Supremo” a discutir. [...] ¡Ya empezaron con la cantaleta! Y el Comisario Político Hermenegildo a los guardias. ¡Sáquenlo y métenlo en El Hoyo! Y en la próxima clase. ¡Ya empezaron...! ¡Porque los había tremendos!*⁶²

Nesses depoimentos nota-se que nas falas dos guardas se acentuava a necessidade de homens viris para uma nova pátria, num momento em que se fazia sentir, de forma premente, a demanda de mão de obra, com Cuba enfrentando o bloqueio econômico com o resto do mundo orquestrado pelos Estados Unidos. Mais tarde Fidel Castro dirá que ““el bloqueo, vigente y con el agravante de que es ley en EU’ [...] Explica sobre la homofobia de hace cinco décadas: ‘teníamos tantos problemas de vida o muerte que no le prestamos atención... piensa cómo eran nuestros días en aquellos primeros meses de la Revolución: la guerra con los yanquis, el asunto de las armas, los planes de atentados contra mi persona...’”⁶³

Seja como for, a expectativa criada sobre o comportamento de homens e mulheres assemelha-se a outras condutas legitimadas em outros tipos de sociedade, como nos mostram Peter Fry e Edward MacRae ao se referirem às pesquisas do antropólogo Pierre

⁶⁰ RODRÍGUEZ, José Mario *apud* CABRERA, Isabel Ibarra e MARQUES, Rickley Leandro. O filme documentário Mauvaise conduite: memória e direitos humanos em Cuba. *Anos 90*, v. 24, n. 46, Porto Alegre, dez. 2017, p. 83.

⁶¹ Héctor Santiago, natural de La Habana, é coreógrafo, dramaturgo, diretor cênico, escritor, pintor e marionetista, cujas obras foram encenadas em muitos países. Ver VIERA, Felix Luis. *Los horrores de la Umap*. Disponível em <<http://www.elblogdemontaner.com/los-horrores-de-la-umap/>>. Acesso em 15 set. 2022.

⁶² SANTIAGO, Héctor *apud* CABRERA, Isabel Ibarra e MARQUES, Rickley Leandro, *op. cit.*, p. 89.

⁶³ CASTRO, Fidel *apud* SAADE, Carmen Lira. Soy el responsable de la persecución a homosexuales que hubo en Cuba: Fidel Castro [31 ago. 2010]. Disponível em <<https://www.jornada.com.mx/2010/08/31/mundo/026e1mun>>. Acesso em 15 set. 2022.

Clastres. Ao falar dos índios guiaiqui, do Paraguai, eles ressaltam que a homossexualidade era mais pautada nos papéis sociais e na divisão do trabalho do que na própria sexualidade. Assim, os homens não podiam tocar nos cestos das mulheres – instrumento de trabalho delas – e as mulheres eram proibidas de tocar nos arcos dos homens – instrumento de caça deles. Na tribo,

*parece claro que entre os guiaiqui a masculinidade se baseia em dois pontos fundamentais: no uso do arco e num papel "ativo" nas relações sexuais. Por outro lado, a feminilidade se baseia no uso do cesto e relações sexuais "passivas". Quando um homem quebra uma das regras básicas da masculinidade, ele se torna uma pessoa malvista (Chachu). Porém, ele pode recuperar uma certa posição na sociedade cruzando a barreira entre os sexos e assumindo o papel social e sexual da mulher.*⁶⁴

Em suma, quando o papel social esperado do homem (o de caçador) é desempenhado na tribo, sua sexualidade não era questionada, independentemente de ele se relacionar com homens ou passar grande parte do seu tempo com as mulheres. Enfim,

*O que existe nestas culturas são identidades sociais e sexuais construídas de combinações de sexo biológico e papéis sexuais. Assim, uma mulher que desempenha o papel feminino (inclusive ela pode manter relações homossexuais e se comportar "femininamente") é simplesmente uma mulher. Se ela desempenha o papel masculino, ela se torna mulher-homem, ou berdache. Uma pessoa que é biologicamente masculina e que desempenha o papel social masculino também é definido como um homem. Ele pode manter relações homossexuais enquanto se comporta "masculinamente", ou o que é frequentemente chamado de "ativamente". Se um indivíduo de sexo masculino desempenha o papel feminino, então ele é chamado de homem-mulher, berdache ou, entre os guiaiqui, kyrypy-meno.*⁶⁵

Mutatis mutandis, pode-se dizer que em Cuba seguiu-se o mesmo parâmetro. Basta constatar que dentro do grupo de dirigentes revolucionários havia homens homossexuais, que jamais foram enviados às Umaps (como relata o documentário *Conducta impropia*).⁶⁶ Eles eram considerados guerrilheiros que participaram da luta armada, ou seja, pessoas que estariam dispostas a morrer pela Revolução.

⁶⁴ FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 35

⁶⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 39.

⁶⁶ Ver *Mauvaise conduite*, *op. cit.*

Isso não significava, obviamente, a plena admissão de condutas “afeminadas” ou homossexuais. María Elena Solé⁶⁷, psiquiatra que prestou serviços à Revolução nas Umaps, em entrevista a Abel Sierra, expôs como se lidava, então, com os “afeminados”,

*Yo también, siendo alumna en el año 65, hice prácticas en el hospital “William Soler”, y allí yo atendía niños amanerados, y el afeminamiento no tiene absolutamente nada que ver con la homosexualidad. Y entonces yo trabajaba con el Doctor [René] Vega Veja, que era profesor mío, y allí yo estuve trabajando con esos niños y yo hice una investigación; claro, como yo era estudiante la dirigía ese profesor y Noemí Pérez Valdés. Y niños que iban a esa consulta porque los padres estaban preocupados porque eran afeminados. A partir de esa investigación, nosotros detectamos algunas cosas comunes, que esos niños en su medio familiar habían sido o bien tenían alguna enfermedad que demandaba más atención, o niños que estaban muy centrados en su medio familiar sin tener vínculo con otros niños de la calle, o que el padre era una figura aunque estuviera presente pero era ausente, o sea, no ausente físicamente, pero era ausente emocionalmente.*⁶⁸

Isso fazia com que a criança do sexo masculino que ostentasse ou demonstrasse “feminilidade” fosse colocada como parte de uma dinâmica familiar falida, o que justificaria a intervenção do Estado, que se propunha a estudar esses indivíduos e reabilitá-los por meio do trabalho, o que implicava sujeição de seus corpos ao padrão do “homem novo”.

Avançando no tempo, por alguns instantes, lembramos que Abel Sierra Madero salienta, através de entrevistas com os chamados *pingueros*⁶⁹, como o homem afeminado/feminino carrega ainda hoje essa carga de rejeição. A despeito das mudanças que se processaram em Cuba na política estatal em relação aos homossexuais, estes, socialmente, continuam a ser enxergados com maus olhos:

Muchos de los pingueros se consideran heterosexuales y ostentan la masculinidad como una entidad inmutable y estática sobre la que no habría ningún cuestionamiento, a partir de establecer una dicotomía en entre la conducta sexual en la “lucha” y el deseo sexual. De hecho,

⁶⁷ María Elena Solé, professora de Psicologia na Universidad de La Habana e membro da equipe criada pelo Ministerio de las Fuerzas Armadas Revolucionarias (Minfar) para a “reabilitação” de homossexuais dentro das Umaps. Ver SIERRA MADERO, Abel e GUERRA, Lillian. “Lo de las Umaps fue un trabajo ‘top secret’: entrevista a la Dra. María Elena Solé Arrondo. *Cuban Studies*, 44, Pittsburgh, 2016.

⁶⁸ *Idem, ibidem*, p. 359.

⁶⁹ Como explicita Sierra, *pinguero* é o indivíduo masculino que se relaciona sexualmente com outros homens, em especial os turistas, por dinheiro ou por bens materiais. SIERRA MADERO, Abel. *Cuerpos en venta: pinguismo y masculinidad* [13 jul. 2013] Disponível em <https://diariodecuba.com/cultura/1373417121_4154.html>. Acesso em 15 set. 2022.

algunos vinieron primeramente a La Habana como chulos [cafetões] de sus propias novias, antes de establecer ellos mismos relaciones sexuales con turistas, mujeres o hombres. Luego, las cosas no funcionaron como esperaban y las novias se fueron de la isla casadas con extranjeros o bien los dejaron solos en "la lucha".⁷⁰

Dessa maneira, muitos deles se definem como homens héteros que estão na “*lucha*”, entendendo seu trabalho apenas como um modo de sobrevivência, sem afetar a sua sexualidade. Preservam-se, assim, valores como o de masculinidade viril, essenciais no ideal do “homem novo”. Daí a negação de seu suposto lado feminino: “El rechazo a lo femenino parece estructurar los discursos de algunos pingüeros. Lo femenino parece constituir un sitio de diferenciación y de cotejo de la masculinidad. Yamel afirma: ‘Yo vine aquí a luchar, no a estar con mujeres como hacen otros; las mujeres son unas chupadoras, te quitan todo el dinero y cuando se te acaba, te la dejan en los calos’”.⁷¹

Aliás, nas falas dos ex-internos e até mesmo dos soldados, observamos que a todo momento a anunciada “transformação em homem” resulta num escanteamento do feminino⁷². Quando José Mario é questionado pelo seu andar, percebe-se a negação da “feminilidade”, pensada até como o antônimo de honra. O feminino seria, além do mais, sinônimo de fraqueza. Mas as mulheres, apesar de tudo, também foram impelidas a defender a Revolução, se bem que em outros setores da vida, uma vez que padrão do “homem novo” buscava ressaltar a masculinidade, reforçando muitas vezes papéis de gênero hierarquicamente construídos⁷³:

⁷⁰ *Idem.*

⁷¹ *Idem.*

⁷² Na opinião de Abel Sierra Madero, esse escanteamento do feminino redundou na discriminação e alijamento de mulheres consideradas “masculinas”, que chegaram a ser enviadas às chamadas Ufmaps, unidades semelhantes às Umaps, só que destinadas a mulheres. Segundo o historiador, “en un lugar conocido como El Jagüey se encontraban confinadas unas setenta mujeres. Habían sido trasladadas de una prisión en Nuevitas con el objetivo de implementar un nuevo experimento concentracionario. Los oficiales, se explica, buscaban que las reclusas contribuyeran a la economía del país, en vez de estar ociosas tras las rejas”. SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida: trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959-1980)*. Santiago de Querétano: Rialta, 2022, p. 21.

⁷³ Os corpos femininos, mesmo sendo chamados a defender a Revolução dentro do mercado de trabalho, foram compelidos a preservar padrões de comportamento que reforçavam o papel social da mulher em um Estado patriarcal. Reforçou-se. Do ponto de vista moral, a importância de ser mãe e de criar seus filhos alinhados com os valores revolucionários. A propósito, o primeiro logo da Federación de Mujeres Cubanas (FMC) mostrava uma mulher com um fuzil e um bebê no colo. Além do mais, sua função no campo profissional se relacionava, comumente, a ofícios majoritariamente femininos, como professora ou enfermeira. Assim, por mais que as novas políticas revolucionárias valorizassem cada vez mais a presença feminina no mercado de trabalho e reconhecessem os direitos das mulheres, seus corpos ainda faziam parte de uma dinâmica patriarcal. Cf. SCHEID, Natália Iglésias da Silva. *As representações da Revolução e do feminino no cinema cubano: Retrato de Teresa (1979), No hay sábado sin sol (1979), Hasta cierto punto (1983) e Los pájaros tirándole a la escopeta (1984)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFMG, Belo Horizonte, 2019.

Os homens comuns aos quais o “homem novo” se contrapunha eram homens do contexto anterior; a sociedade cubana foi historicamente fundamentada em hierarquias de gênero, classe e raça que articulavam uma complexa estrutura patriarcal. Entretanto, se nas sociedades patriarcais aos homens comuns imputou-lhes a proteção da família a partir de noções de honra, para o guerrilheiro existiu uma responsabilidade ainda maior, a de salvar e defender a pátria. Apesar de o discurso afirmar a existência de uma nova moral, a atribuição desta carga aos homens cubanos foi indicada a partir das mesmas representações sobre masculinidade vigentes nas sociedades de ordem patriarcal, através das noções de força, virilidade e honra.”⁷⁴

Sob vários aspectos, portanto, o “homem novo” perpetuava, nas relações de gêneros, valores hegemônicos e heteronormativos. De mais a mais, era condenável para o homem assumir papéis ou trejeitos “femininos” publicamente. Porém, como já apontado, para aqueles que assimilavam os valores viris de masculinidade pulsante na época, a homossexualidade não os impedira de serem guerrilheiros ou dirigentes partidários.

As circunstâncias do culto à masculinidade revolucionária culminaram com a implementação de um processo de “higienização” dos corpos, compreendido como uma espécie de limpeza das ruas que visava varrer para longe os vícios do capitalismo. Em outras palavras, “para el discurso revolucionario, las prácticas y las dinámicas que acontecen dentro del fenómeno del sexo transaccional constituyen un reto y un desafío al proyecto y a la moral socialistas”.⁷⁵

A criação das Umaps se conectava à preocupação com a “higiene social”: “La idea de crear las Umaps surge a principios del año 1965, cuando un grupo de ‘especialistas’ soviéticos llega a Cuba para ‘aconsejar’ al gobierno cubano en métodos de control de prostitutas y homosexuales”.⁷⁶ A decorrente política de erradicação da prostituição seria motivo de glorificação da Revolução cubana e serviria para justificar o surgimento das Umaps.

Por tudo o que analisamos, as Umaps iriam corroborar as ações governamentais com vistas à prisão, domesticação e reabilitação dos indivíduos “desviados” ou “desviantes”. À semelhança do que frisou Margareth Rago ao focar o trabalho fabril no

⁷⁴ SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos e ARAS, Lina Maria Brandão, *op. cit.*

⁷⁵ SIERRA MADERO, Abel. *Cuerpos en venta, op. cit.*

⁷⁶ *UmapCuba1965*. La Umap-Cuba. Disponível em <https://umapcuba1965.wordpress.com/2020/10/31/la-umap-cuba/>. Acesso em 14 out. 2022

século XIX e XX⁷⁷, que objetivava fabricar “corpos doces”, na expressão de Michel Foucault⁷⁸, as Umaps agiam como tal⁷⁹. Para Abel Sierra,

*De este modo, los discursos de higiene y aquellos provenientes del campo de la psicología se adecuaron para la justificación de las Umaps. Las unidades se convirtieron en un espacio de cuarentena, un laboratorio que permitía no solo mantener a los confinados aislados, sino también la oportunidad de estudiarlos. En mayo de 1966, a unos meses de emplazadas las Umaps, María Elena Solé integró un equipo de psicólogos y médicos que formó parte una operación secreta organizada por la dirección política del Minfar para diseñar y trabajar en programas de rehabilitación y reeducación de homosexuales en las Umaps.*⁸⁰

No entanto, as medidas de “higienização” social não foram, evidentemente, oriundas do contexto revolucionário cubano. Elas, de há muito, se espalharam pelo planeta e conviveram com o mundo capitalista. No que diz respeito mais de perto, Fry e MacRae, ao se deterem na ditadura brasileira, atentam para determinados lugares em que se desencadearam providências para “limpar” as ruas de homossexuais e de prostitutas, num aberto confronto com o movimento gay e lésbico de São Paulo. José Wilson Richetti⁸¹ notabilizou-se como caçador de sujeitos de comportamentos “desviantes”. Ele “começou uma cruzada moralizante com o fim de “limpar” o centro da cidade de prostitutas e homossexuais. Os métodos eram os de sempre: “batidas relâmpago nos locais de reunião, a prisão ilegal para averiguação de antecedentes, mesmo no caso de pessoas

⁷⁷ Ver RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*, op. cit., p. 20.

⁷⁸ Ver FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977, esp. cap. Os corpos dóceis.

⁷⁹ De acordo com o pesquisador Rafael Saddi, a Revolução almejava também a produção de um novo corpo: “o homem revolucionário disciplinado e correto é aquele capaz de ter um controle minucioso sobre todos os músculos do corpo”. Esse corpo resultaria de estratégias que mesclavam práticas físicas e uma disciplina revolucionária: “De alguma forma, a disciplina buscava moralizar a tropa revolucionária, criando o homem revolucionário abnegado, desligado dos valores do mundo corrupto e entregue inteiramente à vida de sacrifícios. Ao disciplinar o corpo individual ia se criando, ao mesmo tempo, o corpo revolucionário combatente”. SADDI, Rafael. *O ascetismo revolucionário do movimento 26 de julho*: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958). Tese (Doutorado em História) – UFG, Goiânia, 2009, p. 143, 147 e 151.

⁸⁰ SIERRA MADERO, Abel. *Academias para produzir machos em Cuba*, op. cit.

⁸¹ José Wilson Richetti, delegado da Polícia Civil lotado no Deops/SP na década de 1960 na Delegacia Seccional Centro, que ficava na famosa Boca do Lixo – o maior território de prostituição da história da cidade de São Paulo. Nos anos 1980, Richetti foi delegado do Deic (Departamento Estadual de Investigações Criminais). Durante o governo estadual de Paulo Maluf (1979-1982), ele se tornou um dos responsáveis pelo policiamento ostensivo na região central da capital paulista por meio de rondas que objetivavam “limpar a cidade dos assaltantes, traficantes de drogas, prostitutas, travestis, homossexuais e desocupados”. Cf. informações

Disponíveis em <<http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/jose-wilson-richetti/>>. Acesso em 18 nov. 2022.

com seus documentos em ordem, e o emprego de uma brutalidade extremada especialmente no caso de prostitutas e travestis”.⁸²

Políticas de higienização dessa natureza não eram uma novidade. Pelo mundo afora, por muito tempo, o saber médico associou os corpos dos homossexuais e prostitutas a pessoas doentes ou cientificamente problemáticas.⁸³ Rotulados como “anormais”, os homossexuais, em particular, foram tachados como portadores de uma patologia, convertendo-se em vítimas da ciência e da medicina. Chegou-se ao ponto de se recomendar como solução ou cura desse terrível mal a adoção da lobotomia, que nada mais é do que uma “operação cirúrgica que consistia na retirada de uma parte dos lóbulos frontais do cérebro, relacionadas com a produção de fantasias e do prazer sexual”.⁸⁴

O “homem novo” e a economia

Em Cuba o ideal de “homem novo” não se resumiu exclusivamente à afirmação de um padrão básico de masculinidade. Como afirma Abel Sierra,

*ese concepto estuvo asociado a un campo ideológico más amplio de homogeneización social en el que la moda, las prácticas urbanas de sociabilidad, los credos religiosos y la actitud ante el trabajo fueron elementos claves para armonizar con la visión normativa oficial. De ahí que no resulte extraño que a las Umapas fueran enviados, además de homosexuales, delincuentes, religiosos, intelectuales o simplemente muchachos de ascendencia burguesa.*⁸⁵

Contudo falar do “homem novo”, restringindo-o somente à sua dimensão “ética” e “espiritual”, em uma nação em queurgia o desenvolvimento das forças produtivas e a diversificação agrícola e industrial, em um curto tempo, implicaria não compreender seu sentido mais amplo.⁸⁶ Afinal, Cuba deparava-se com muitos gargalos econômicos a serem superados. Acresça-se a isso a efervescência política, que sacudia o mundo dividido em duas grandes potências (Estados Unidos e União Soviética). Nessa conjuntura, os governantes cubanos, ao ponderarem sobre suas demandas políticas e econômicas internas, optaram por se aproximar do bloco socialista.

⁸² FRY, Peter e MACRAE, Edward, *op. cit.*, p. 28.

⁸³ Ver *idem, ibidem*, esp. cap. Pecado, crime, doença e sem-vergonhice.

⁸⁴ *Idem, ibidem*, p. 71.

⁸⁵ SIERRA MADERO, Abel. Academias para producir machos en Cuba, *op. cit.*

⁸⁶ Cf. PERICÁS, Luiz Bernardo, *op. cit.*

Homens e mulheres foram chamados a defender sua pátria frente ao imperialismo como parte da estratégia de construção de uma nova sociedade. Na América Latina, Cuba tornava-se exemplo de que “um pequeno grupo de guerrilheiros de firmes convicções poderia derrotar as forças repressivas de um governo antipopular”, e, assim, “a conquista do poder estatal” desencadearia “um dinâmico processo de transição socialista”.⁸⁷ Nesse contexto, o “homem novo” era imaginado para oferecer uma contribuição decisiva para o erguimento econômico da nação.

Ernesto Che Guevara expôs as ideias que animavam seu projeto revolucionário em *El socialismo y el hombre en Cuba*.⁸⁸ Após a Revolução, o governo empenhava-se em difundir uma nova mentalidade social, pautada no trabalho na defesa da pátria. Para tanto, deveria interferir “*en nuestros hábitos, en nuestras mentes*”.⁸⁹ Guevara vislumbrava um homem do futuro que incorporasse na sua vivência cotidiana uma atitude heroica inspirada em uma vanguarda revolucionária.

O novo homem comunista deveria ser aquele que demonstrasse riqueza interna, possuidor de valores afinados com a Revolução; ele trataria seus próximos e a si mesmo como algo universal, rompendo com o mundo dominado pelo particular e pelo privado. Esse sujeito erradicaria crenças antigas e dogmas de uma sociedade capitalista na qual “solamente se puede llegar sobre el fracasso de otros”.⁹⁰ Desse modo, o “homem novo” seria um fator fundamental em todo o processo revolucionário, no qual a consciência econômica se conectaria à consciência social e política. Por isso ele foi plasmado como o motor econômico da nova sociedade. Para tanto, “Che argumentaba que la liberación plena de la classe humana se alcanza cuando el trabajo se convierte em un deber social realizado con completa satisfacion y sostenido por un sistema de valores que contribuya a la realización de acciones conscientes de las tareas encomendadas”.⁹¹

Para Che Guevara, o verdadeiro homem comunista se doaria de corpo e alma ao seu país, sedimentando suas novas bases por meio do trabalho voluntário.⁹² Suas premissas eram diretamente associadas a uma questão de ordem moral – até porque os aspectos materiais não eram considerados como o principal fundamento na transformação

⁸⁷ AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p. 17.

⁸⁸ CHE GUEVARA, Ernesto, *op. cit.*

⁸⁹ *Idem, ibidem*, p. 2.

⁹⁰ *Idem, ibidem*, p. 6.

⁹¹ SIERRA MADERO, Abel. Academias para producir machos en Cuba, *op. cit.*, p. 27.

⁹² O trabalho voluntário estaria firmado sobre o sistema orçamentário de financiamento, originário do Ministério das Indústrias, do qual Che Guevara era titular, ele que defendia a substituição do “monopólio privado” anterior pelo “monopólio estatal”. Para maiores informações, ver BANDERA, Vinicius. O debate econômico dos anos 60. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.), *op. cit.*

da sociedade. O novo homem socialista não deveria ceder à tentação material. Che enfatizava que, antes de mais nada, impunha-se mobilizar as massas levando em conta sua índole moral. Logo, sua maior preocupação consistia em “evitar que a competitividade embutida na gestão descentralizada fosse afastando a Revolução do rumo à segunda fase da sociedade comunista”.⁹³

A sociedade nascente seria uma escola que moldaria o indivíduo e o transformaria em uma pessoa consciente, social e economicamente, que trabalharia com completa satisfação por saber que estaria ajudando sua pátria, incentivada por um sistema de valores que contribuiria para a realização de suas ações. Nessa lógica, o trabalho voluntário afastaria os indivíduos da alienação, da sua subordinação ao apego aos “bens de consumo” e aceleraria a transição da sociedade capitalista para o socialismo:

*Cuba se entendía a sí misma como una nave espacial que iba sola en el camino al comunismo, porque estábamos aislados de todo el continente, pero también muy distantes del socialismo soviético y del chino, describe. 1965 es un año cargado de hitos. Comienzan los experimentos de los pueblos “comunistas”, donde no se utilizaba el dinero; se constituye el primer Comité Central de un Partido Comunista; el Che Guevara escribe su texto (El hombre y el socialismo en Cuba), en el que aborda la necesidad de construir una conciencia revolucionaria al mismo tiempo que se producían las transformaciones en la economía y la esfera del trabajo. Esa nueva conciencia tendería al logro de un hombre nuevo, ideal, que voluntaria y conscientemente produjera un cambio en la historia, hacia el socialismo.*⁹⁴

A construção desse novo sujeito socialista desenrolava-se em paralelo ao investimento no desenvolvimento das forças econômicas cubanas. Sob esse prisma, as Umaps possuiriam a incumbência de converter indivíduos “não aptos”, economicamente, em agentes produtivos para a Revolução, em vez de ficarem à mercê do imperialismo, servindo conseqüentemente ou inconscientemente às forças inimigas como armas contrarrevolucionárias. Por isso, as Umaps foram definidas oficialmente como campos de trabalho agrícolas, num período em que os problemas econômicos adquiriram um grande peso, representando ameaças ao processo revolucionário.

Em um dossiê produzido por Manuel Zayas⁹⁵ é possível encontrar diversas matérias da imprensa estatal acerca da importância econômica das Umaps. Por sinal,

⁹³ *Idem, ibidem*, p. 84.

⁹⁴ *UmapCuba1965*. El silencio que no entierra a las Umaps, *op. cit.* [6 abr. 2016].

⁹⁵ Manuel Zayas, um jornalista e cineasta cubano, formado em Comunicação Social pela Universidad de La Habana. Produziu as películas como *Café con leche* (2003), *Éxodo* (2004) e *Extravagantes seres* (2004). Zayas é definido por alguns *blogs* como um dos cineastas mais polêmicos da ilha caribenha,

ressalte-se que as mídias oficiais só começaram a mencionar a existência dessas unidades militares depois que Paul Kidd, jornalista canadense, fez uma viagem não autorizada até elas, passando-se por diplomata. Foi quando ele conseguiu publicar fotos e relatos sobre o que eram aqueles campos. Conforme um relato posterior,

“Después que fue ordenada su salida de Cuba, viajó a México desde donde transmitió las fotografías a agencias de noticias de todo el mundo. Entiendo que recibieron amplia cobertura”, precisó la viuda de Kidd.

Y en efecto. El 9 de noviembre de 1966, la agencia de noticias United Press International (UPI) transmitía al mundo la primera noticia sobre los campamentos de las Umaps. El despacho, firmado por Paul Kidd, se hacía acompañar por fotografías de su autoría, “las primeras imágenes sin censurar tomadas dentro de uno de aquellos establecimientos”.⁹⁶

Desfeito o silêncio que se abatia sobre as Umaps, as coisas mudaram de figura. Segundo Héctor Santiago,

Tanto corrió “la bola” que no pudieron seguir ocultándolo. Además, se dieron a conocer en Canadá las fotos de un campamento Umap. Entonces publicaron en el periódico Granma que las Umaps existían, y eran diferentes al SMO, con fotos de los complacidos participantes cortando caña: dando las gracias por la oportunidad de reformarse que les ofrecía quien tú sabes, y a tenor de la Emulación Socialista los que cortaran más caña recibirían regalos. Y también el Supremo, en un discurso el 13 de marzo de 1966 en la escalinata de la Universidad de La Habana – aunque años después declararía que en su momento no había tenido tiempo para ocuparse de asuntos como las Umaps y desconocía sobre las recogidas de antisociales y maricones –, reveló su existencia y su propósito: acabar con los “preslinianos” – admiradores de Elvis Presley –, los pitusos – así les llamaban a quienes vestían jeans ceñidos al cuerpo –, a los vagos y degenerados enemigos de los abnegados revolucionarios, que luchaban por implantar el socialismo. Ya antes, en otro discurso en ese mismo lugar, él llamó a cortar con navajas los pitusas (jeans), meterle tijera a las minifaldas, rapar a los peludos y a todos los que tenían afros (supongo que las personas de pelo encrespado que llevaban un peinado muy frondoso, propio de los hombres y mujeres de color).⁹⁷

apontado como “uno de esos ‘malditos’ que se atreve a narrar historias al margen de los relatos oficiales, y a recuperar la memoria vejada que acecha en silencio la conciencia de los censores”, como se lê em SÁNCHEZ, Suset. Siento predilección por malditos y marginados. Disponível em <<https://www.cubaencuentro.com/entrevistas/articulos/siento-predileccion-por-malditos-y-marginados-17311>>. Acesso em 30 set. 2022.

⁹⁶ KIDD, Paul *apud Verdades Ofendern*, op. cit.

⁹⁷ SANTIAGO, Héctor *apud VIERA*, Felix Luis, op. cit.

Premido pelas circunstâncias, o jornal *Granma* – órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunistas de Cuba – publicou em 14 de abril de 1966 uma matéria sobre as Umaps na qual alinha os principais objetivos que justificariam o funcionamento dessas unidades:



Figura 2. Matéria jornalística sobre as Umaps. *Granma*, La Habana, 14 abr. 1966.

Lia-se aí que a missão das Umaps era atuar “profundamente” a fim de ajudar os jovens, que “*se convertirán en hombre útiles a la sociedad*”. O jornal assegura que nelas seria dispensado a eles um tratamento respeitoso, embasado em “gran comprensión humana”. O homem do futuro socialista colocaria o trabalho como dever social e se disporia a sacrificar-se pelo conjunto, acima da ambição material por ganhos pessoais. Desse jeito, o “homem novo” atingiria sua condição plena.⁹⁹

Em outra matéria intitulada “Unidades Militares de Ayuda a la Producción. Un recorrido”, publicada em *Verde Olivo* – outro periódico oficial do regime – se insistia na estreita vinculação entre a moral socialista e o trabalho em favor da sociedade, ou melhor, da Revolução. A propósito, convém antes atentar para o discurso pronunciado por Fidel Castro em 13 de março de 1963. Nele o grande líder revolucionário criticou os dogmas

⁹⁸ Extraído de ZAYAS, Manuel. Dossier: la prensa oficial y las Umaps. Disponível em <https://manuelzayas.files.wordpress.com/2013/05/pdf_umap.pdf>. Acesso em 30 set. 2022.

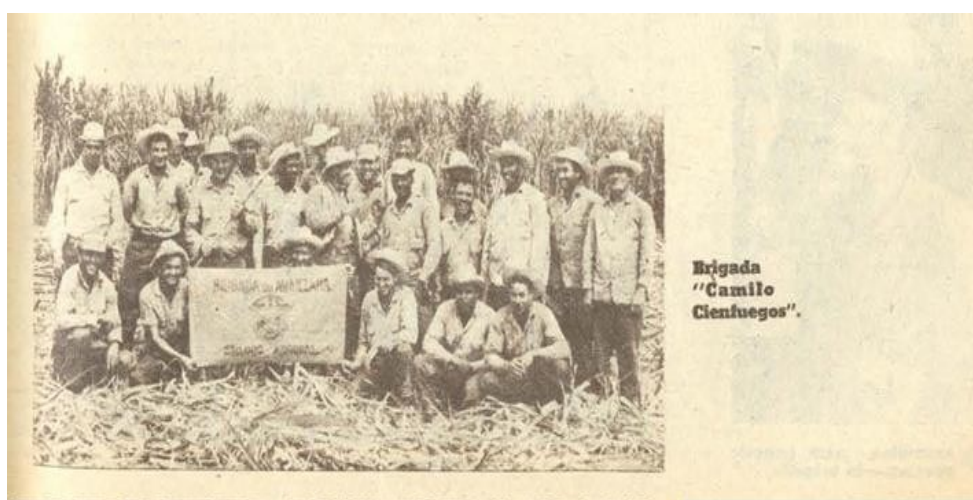
⁹⁹ Repisavam-se os ensinamentos de CHE GUEVARA, Ernesto, *op. cit.*

de algumas religiões que se chocavam abertamente com as orientações do governo, como, por exemplo, ao pregarem que seus seguidores não poderiam jurar a bandeira cubana ou empunhar armas em defesa da pátria (enquanto isso, os partidários da Revolução o apoiavam gritando fervorosamente “¡Paredón, paredón!”). Era inadmissível que

bajo pretexto de la religión,[vengan a] decir: “no uses armas, no te defiendas, no seas miliciano”; o cuando hay que hacer una recogida de algodón, o de café, o de caña, o un trabajo especial, y las masas se movilizan un domingo, o un sábado, o cualquier día, entonces llegan ellos y dicen: “no trabajes el séptimo día”. Y entonces empiezan bajo el pretexto religioso a predicar contra el trabajo voluntario. Pero, además, predicán que la bandera no debe jurarse, y les dicen a los padres: “no mandes a los niños a las escuelas el viernes para que no juren la bandera”. ¿Y es que nuestra patria – patria que ha tenido que luchar tanto por su independencia y por su bandera, patria que ha dejado tantos héroes en el camino, patria que por su destino ha dado la vida de tantos jóvenes, de tantos trabajadores, de tantos campesinos, de tantos hombres y mujeres dignos – puede tolerar que nadie predique esa irreverencia contra la patria, esa irreverencia contra la bandera? [exclamaciones de “¡Paredón, paredón!”].¹⁰⁰

Tal descompromisso com o processo revolucionário determinaria, no limite, a ida desses indivíduos as Umaps. De toda maneira, após a circulação dos artigos de Kidd, os reclusos que se achavam nessas unidades começaram a ser retratados como jovens bem tratados, não mais como inimigos da Revolução, e, sim, como pessoas que prestavam sua colaboração à pátria e que estariam transmutando seus dogmas através do trabalho ali exercido. As imagens estampadas em *Verde Olivo* tentavam apresentar uma nova realidade:

¹⁰⁰ CASTRO, Fidel, *op. cit.*



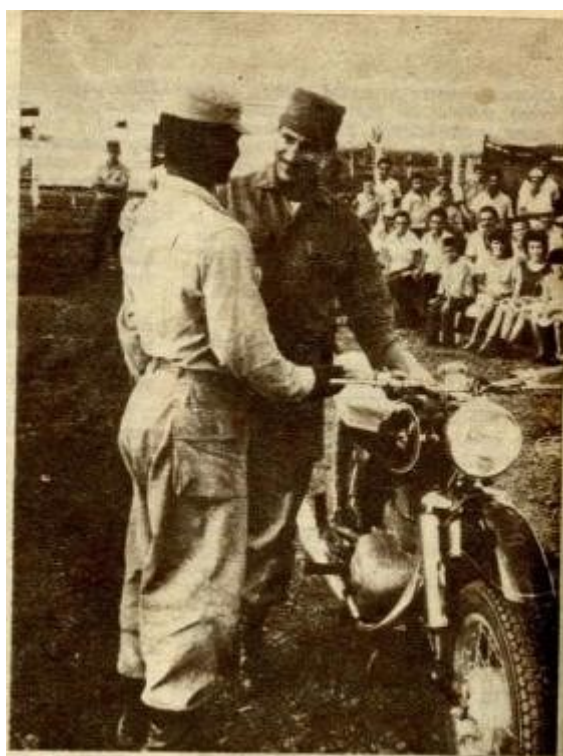
101

Figuras 3 e 4. Imagens de brigadas de internos das Umeps.

Nas fotos de algumas brigadas das Umeps, destaca-se o corte de cana. Os umepianos, tidos na matéria como valiosos e inspiradores, seriam solidários uns aos outros, comprometidos a trabalhar pela Revolução. Exaltava-se o fato de que algumas delas alcançavam 600 mil arrobas no corte de cana, outras 250 mil arrobas: “el jefe de lote habla de la brigada: ‘Ha habido um avance tremendo em esos campos. Antes estábamos reducidos: no teníamos fuerza de trabajo suficiente. Estos compañeros son muy productivos. Se ponen de meta este médio campo pa’ por la tarde, y lo cortan. Ahora me están pidiendo luces. Mechones pa’ apilar por la noche. Son incansables’”.¹⁰²

¹⁰¹ Retiradas de ZAYAS, Manuel, *op. cit.*

¹⁰² *Apud idem, ibidem.* Nas Umeps os jovens se dividiam em grupos para o serviço de corte de cana. Cada um constituía uma brigada que, em geral, recebia o nome de uma importante figura revolucionária ou de seus próprios oficiais.



103

Figuras 5 e 6. Umapianos recebendo prêmios nas Umaps por sua produção.

Nas figuras acima, também inseridas em *Verde Olivo*, documentou-se a entrega de prêmios materiais (moto) e de honra (medalhas). Nessa linha, os umapianos foram, então, alçados ao patamar de revolucionários exemplares, empenhados em “salvar” a pátria, como quem cumpre alegremente seu dever. No noticiário oficial, exaltava-se sua

¹⁰³ Extraídas de ZAYAS, Manuel, *op. cit.*

índole moral renovada, que os colocava acima dos estímulos materiais. Che Guevara não se cansava de repetir que “lo importante es que los hombres van adquiriendo cada día más conciencia de la necesidad de su incorporación a la sociedad y, al mismo tiempo, de su importancia como motores de la misma”.¹⁰⁴

Entretanto, se olharmos as Umaps por outro ângulo, as falas das autoridades soam igualmente como justificativa para as longas jornadas de trabalho que imperavam nelas. Quando se afirmava que aqueles jovens “*son incansables*”, transmite-se a ideia, por certo bastante contestável, de que esse penoso encargo era assumido voluntariamente pelos umapianos, não por obrigação, mas por sua determinação em honrar sua pátria. Exemplo disso seria o testemunho de um interno, um dos líderes da brigada campeã no corte de cana. Identificado em uma reportagem jornalística como Astor Tarragó, ele expressou a seguinte opinião: “Lo que tiene que hacer las demás brigadas es cortar mucha caña para que alcancen un lugar como el nuestro. Para que la gente vea que las Umaps producen de verdad”.¹⁰⁵ Nada de queixas, nem de lamúrias: tudo pela produção e pelo bem da pátria e da Revolução.¹⁰⁶

Nessa perspectiva, os corpos dos internos das Umaps assumiram um papel econômico central, se pensarmos no processo “transnacional de construcción del socialismo junto a la Unión Soviética, el bloque de países socialistas del Este y China” e na constituição de “muchos recursos simbólicos en la creación de estereotipos nacionales que estuvieron asociados casi siempre a complejos procesos de masculinización”.¹⁰⁷ A criação dessas unidades se vinculou diretamente a uma teoria de guerra, que incorporava um discurso ideológico e econômico, para o qual aqueles corpos eram importantes num momento de criação de uma sociedade socialista. Sob tais condições,

La retórica de la guerra, empleada recurrentemente por los líderes de la Revolución, se integró al discurso ideológico y económico en forma de campañas de tipo militar y los trabajadores fueron vistos como héroes y soldados, no solo para insertarlos en una ritualidad política sino para utilizarlos como fuerza de trabajo sin tener que compensarlos económicamente. En un artículo de 1969, el economista Carmelo Mesa-Lago hacía un análisis de las formas de trabajo no pagado durante los años sesenta en Cuba y entre esos modelos mencionaba a

¹⁰⁴ CHE GUEVARA, Ernesto, *op. cit.*, p. 10.

¹⁰⁵ TARRAGÓ, Astor, *apud* ZAYAS, Manuel, *op. cit.*

¹⁰⁶ Isso nos permite lançar uma ponte entre a emulação desse tipo de comportamento e o stakanovismo, prática cujas origens nos remetem à União Soviética stalinista dos anos 1930, por alusão à iniciativa do mineiro Alexei Stakhanov, que pregava o aumento da produtividade dos trabalhadores com base na sua força de vontade. Ver verbete Stakanovismo no *Marxists Internet Archive*, *op. cit.*

¹⁰⁷ SIERRA MADERO, Abel. Academias para producir machos en Cuba, *op. cit.*

*las Umaps. De acuerdo con Mesa-Lago, el gobierno logró ahorrar por concepto de trabajo no pagado alrededor de trescientos millones de pesos cubanos, entre 1962 y 1967.*¹⁰⁸

Economicamente as Umaps respondiam à “necessidade agrária” da ilha caribenha, que se encontrava presa a uma economia açucareira, ligada a um processo muito mais amplo que seria concluído, em parte, em 1970 com a meta de produção de dez milhões de toneladas de açúcar. Dessa forma, “Castro necesitaba movilizar y desplazar una importante cantidad de fuerza de trabajo hacia las zonas donde existían grandes plantaciones de caña. La provincia de Camagüey, con extensiones considerables de tierra y escasa mano de obra, fue escogida de modo estratégico para el emplazamiento de las Umaps a fines de 1965”.¹⁰⁹ As Umaps, sob o aspecto econômico, tinham, portanto, a função de ajudar na produção agrícola de Cuba, mobilizando força de trabalho pautada, como vimos, nos valores do trabalho voluntário, independentemente de maiores estímulos materiais, enquanto se buscava reeducar os jovens de acordo com os preceitos revolucionários.

No entanto, elas não foram as únicas unidades instituídas com esse intuito. Em 1968, ano de extinção das Umaps, criou-se o Reglamento para Campamentos de Apátridas¹¹⁰, que visava estabelecer diretrizes para o funcionamento de albergues militares, os quais, mesmo com algumas modificações, ainda seguiam certas prescrições conformadoras do “homem novo”. Assim, por exemplo, os chefes dos albergues deveriam ser avisados caso se cometessem infrações envolvendo: “1. - Ausencia injustificada que pueda catalogarse como fuga del campamento. 2.- Todo acto grave de indisciplina, alteración, riña, agresión etc. 3. - Los casos de homosexualidad. 4.- Cualquier otro tipo de anormalidad o falta considerada grave”.¹¹¹

¹⁰⁸ *Idem.*

¹⁰⁹ *Idem.* Em diferentes épocas e em distintos países tiveram lugar as “batalhas de produção”. No Brasil, no período do “Estado Novo”, como mostra Adalberto Paranhos, em meio à Segunda Guerra Mundial, “a ‘batalha de produção’ ou [...] a ‘arregimentação das forças de trabalho’ passaria a figurar como uma das preocupações constantes do MTIC [Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio]”. Por consequência, “a militarização do corpo, do trabalho, enfim, da vida cotidiana – processo em marcha no ‘Estado Novo’ – receberá, sob o impacto da guerra, novos estímulos. Os trabalhadores, tomados como ‘soldados do exército de produção’, serão, persistentemente, objeto de apelos e atos voltados para a disciplinarização do seu dia a dia”. PARANHOS, Adalberto, *op. cit.*, p. 177. Ver, a respeito, esp. o cap. Toque de reunir.

¹¹⁰ CF. ZAYAS, Manuel. Reglamento para Campamentos de Apátridas. Disponível em <<https://manuelzayas.wordpress.com/campamentos-de-apatridas-cuba-1968/>>. Acesso em 15 set. 2022.

¹¹¹ *Idem.* A rigidez desses dispositivos disciplinares denotava, enfim, a existência, em todas essas instituições – das Umaps aos albergues militares – de resistências variadas. Nada de novo. Como frisa Margareth Rago, atenta ao contexto das lutas dos trabalhadores submetidos à ditadura do capital, “obstinadamente, os operários resistem as técnicas punitivas introduzidas no espaço produtivo para sujeitá-los às rígidas imposições dos patrões: a imagem da fábrica-prisão construída pelo discurso operário

A homossexualidade continuava, pois, a ser enquadrada como algo ruim, antirrevolucionário, e a disciplina, uma norma inegociável, como é próprio das organizações militares em geral. Tais aspectos caracterizavam igualmente as escolas internacionalistas, situadas na Ilha da Juventude e instaladas em 1970. Elas eram um lugar para se estudar e trabalhar, voltadas para alunos estrangeiros de países com os quais Cuba mantinha relações militares e políticas de solidariedade.

A despeito de serem posteriores à extinção das Umaps, as escolas internacionalistas conservavam o mesmo viés ideológico do culto ao “homem novo” e valorizavam o trabalho como um dever social.¹¹² A principal diferença entre elas decorria do fato de que tais instituições se propunham a formar jovens sem a imposição de um serviço militar obrigatório, se bem que, se impunha a eles a obrigação de “trabalhar e estudar, pelo desenvolvimento do país e de si próprios como revolucionários/as, como ‘homens novos’”.¹¹³ De todo modo, nas escolas da Ilha da Juventude unia-se o útil, o trabalho em favor da pátria, ao necessário, o povoamento do local.¹¹⁴

Afinado com a orientação do governo revolucionário, em 1971 ocorreu o Congresso Nacional de Educação e Cultura. Nele também se insistia em apregoar a necessidade de fazer emergir o “homem novo”. Definiu-se, nesse evento, que a finalidade precípua da educação era “conjugar o amor à pátria socialista com o respeito aos outros povos do mundo, mediante o incremento das atividades e tarefas dirigidas à solidariedade entre os homens e aos povos que lutam por sua libertação”.¹¹⁵ A preocupação com o desenvolvimento econômico deveria estar atrelada ao processo educacional, que, “não só conjuga o estudo ao trabalho, a teoria e a prática, mas também estabelece o elo fundamental, em caráter social, entre a escola e a fábrica. Essa prática se baseia na experiência, desenvolvendo a capacidade crítica, que permite ao estudante formar uma

visa a desmistificar a idealização do espaço de trabalho realizada pela linguagem do poder. Na imprensa anarquista, inúmeros artigos retratam as situações de opressão, de humilhação e de violência física e moral vivenciadas pelos produtores, constantemente vigiados por superiores hierárquicos”. RAGO, Margaret, *op. cit.*, p. 21.

¹¹² Cf. SILVA, Alexsandro de Sousa e VILLAÇA, Mariana Martins. As escolas internacionalistas da Ilha da Juventude: formação revolucionária de jovens africanos em Cuba (anos 1970 e 1980). *Varia História*, v. 38, n. 76, Belo Horizonte, jan.-abr. 2022.

¹¹³ *Idem, ibidem*, p. 203.

¹¹⁴ Relatos variados dão conta de que os jovens eram expostos a altas jornadas de trabalho e conviviam com a falta de liberdade na vida cotidiana, controle de correspondências e de alimentos, sem falar da intensa militarização que dominava essas escolas. Cf. *idem, ibidem*.

¹¹⁵ RESOLUÇÕES do I Congresso Nacional de Educação e Cultura. São Paulo: Livramento, 1980, p. 10.

visão dos processos modernos de produção e um pensamento técnico de alta produtividade”.¹¹⁶

Para além desses acampamentos, das escolas internacionalistas e do congresso de educação, em 1973 foi constituído o Ejército Juvenil del Trabajo. Segundo Abel Sierra,

Una vez que se dismantelan las UMAP en 1968, el gobierno revolucionario diseñó otras instituciones que estuvieron igualmente supervisadas por las Fuerzas Armadas e integradas a la producción. Entre esas instituciones estuvo la Columna Juvenil del Centenario hasta el año 1973 en que se disuelve. Ese mismo año se crea el Ejército Juvenil del Trabajo (EJT). El EJT aún existe como una institución dentro de las FAR [Fuerzas Armadas Revolucionarias] y constituye una de las modalidades en las que los jóvenes pueden pasar el tiempo del SMO [Servicio Militar Obligatorio].¹¹⁷

As principais missões do EJT seriam contribuir para a educação – militar, laboral e desportiva – dos jovens, proteção do meio ambiente e uso racional dele, paralelamente à preparação militar de seus membros e ao desenvolvimento de atividades que impulsionariam o avanço econômico do país.¹¹⁸

As Umaps, as escolas internacionalistas, os albergues militares, o Ejército Juvenil del Trabajo, apontavam, em última instância, para um mesmo fim, já suficientemente enfatizado aqui. Contudo, eles não devem ser analisados abstraindo a conjuntura da guerra fria, das ações terroristas e das ameaças do imperialismo estadunidense que se direcionaram para Cuba, com a intenção de minar seu projeto socialista. Como salienta Mariela Castro,

É interessante também lembrar o contexto da época. Nosso país se encontrava constantemente sob a agressão dos Estados Unidos: a Baía dos Porcos em abril de 1961, a Crise dos Mísseis em 1962 e os grupos da CIA compostos por exilados cubanos, que multiplicavam os atentados terroristas. As bombas explodiam todos os dias em Cuba, queimavam canaviais, sabotavam as ferrovias, atacavam teatros com bazuca. Não se pode esquecer essa realidade; vivíamos em estado de sítio. Grupos paramilitares agiam nas montanhas do Escambray e assassinavam trabalhadores rurais favoráveis à Revolução, torturavam e executavam jovens professores que tinham se integrado à campanha de alfabetização. No total, 3.478 cubanos perderam a vida por conta do terrorismo naquela época. Foi um período muito difícil; nós nos encontrávamos permanentemente agredidos e a luta de classes

¹¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 20.

¹¹⁷ SIERRA MADERO, Abel e GUERRA, Lillian, *op. cit.*, p. 365.

¹¹⁸ Cf. *Ecured* – Ejército Juvenil del Trabajo. Disponível em <<https://www.ecured.cu/EJT>>. Acesso em 17 nov. 2022.

*estava em seu auge. Os latifundiários tinham reagido com muita violência à reforma agrária e não estavam dispostos a perder sua posição de poder na sociedade. Então havia uma mobilização geral para a defesa da nação, e neste contexto nasceram as Umaps.*¹¹⁹

Nessas circunstâncias, as Umaps foram integradas à luta pela defesa da nação em meio a batalhas intensas que se travavam contra todo “desvio” moral ou ético, visto como uma ameaça em potencial. Nem por isso, entretanto deixaram de ser vividas experiências homossexuais que simbolizavam resistência no interior das Umaps, como veremos no capítulo a seguir.

¹¹⁹ CASTRO, Mariela. Sobre homofobia, Fidel sempre assumiu responsabilidades, diz Mariela Castro. Entrevista concedida a *Opera Mundi*. 2 fev. 2013. Disponível em <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/26925/sobre-homofobia-fidel-sempre-assumiu-responsabilidades-diz-mariela-castro>>. Acesso em 15 set. 2022.

2. “Dentro de la Revolución, todo; contra da Revolución, nada”: repressão, resistência e experiências homossexuais em Cuba

Em 2007, com a emergência de uma blogosfera cubana autoqualificada independente, surgiram alguns testemunhos sobre as Unidades Militares de Ajuda à Produção (Umaps) vinculado a *blogs*, nos quais ex-internos dessas unidades ou que tiveram acesso a relatos acerca das experiências ali vividas – seja na condição de amigos ou familiares – expõem suas narrativas. Ao publicar suas vivências eles buscaram apontar os culpados, além de procurar criar entre ex-umapianos um sentimento de comunidade, conferindo sentido às suas memórias. Através dos testemunhos é possível notar uma indignação pulsante diante do regime revolucionário, e uma vontade de que os líderes da Revolução, em particular os irmãos Fidel e Raúl Castro, assumissem a culpa pela implantação das Umaps.

Historicamente, esses sujeitos foram, por muito tempo, reduzidos à condição de “sem voz”, quando não à de tolerantes ante todo tipo de tratamento recebido no interior das Umaps. Entretanto, o intuito deste capítulo será entender os relatos dessas pessoas por outro prisma, objetivando encarar os ex-umapianos para além de vítimas indefesas de um poder estatal supostamente totalitário. Na esteira disso, compreendemos o poder como algo que permeia todas as relações dentro e fora das Umaps, e não como algo pretensamente vertical, que operaria de cima para baixo. Trata-se de perceber que, mesmo em meio à repressão sexual da época, a comunidade LGBTQIA+ em Cuba dispunha de certo protagonismo político, o que não deixou de influenciar as transformações recentes das políticas públicas cubanas em relação a ela. Paralelamente, situaremos a violência sexual como algo mais amplo, que perpassa as fronteiras da ilha caribenha. Afinal, ao longo dos anos a homossexualidade foi enquadrada como doença, uma perversão para cuja “cura” recorria-se a tratamentos psiquiátricos e físicos no mundo capitalista.

Em síntese, exploraremos aqui os relatos da repressão exercida pelo governo revolucionário, os atos de resistência a essas arbitrariedades, bem como as experiências, não só de internos das Umaps, mas também dos chamados *jefes*, que comandavam essas unidades, para captarmos melhor os embates de memória que cercam essa parte da história cubana.

A repressão para além das fronteiras cubanas

Quando falamos em repressão sexual e Umaps em Cuba, alguns discursos tentam se aproveitar disso para fazer uma crítica ferrenha à Revolução Cubana, desconsiderando muitas vezes o contexto histórico em que as Umaps foram instituídas e a conjuntura econômica do país. Os testemunhos das Umaps passam, assim, em larga medida, a ser uma peça da artilharia crítica apontada contra o socialismo cubano e seus líderes.

Contudo, antes de entrarmos em uma análise mais detida sobre o tema específico desta dissertação, é pertinente nos referirmos, ainda que brevemente, à opressão sexual fora das fronteiras da ilha caribenha. Isso porque, obviamente, Cuba não foi, no século XX, nem o único nem um lugar à parte do mundo onde país onde havia repulsão a sujeitos homossexuais, muito menos a única nação em que a homossexualidade foi considerada doença e perseguida sob diversas formas.

O Brasil, por exemplo, no período 1964-1985, viveu sob um sistema ditatorial que abominava os paradigmas socialistas, porém tal circunstância e não impediu o compartilhamento da repulsa oficial à “pederastia”. A repressão à homofobia associava-se, em ambos os países, ao combate à subversão política, ou seja, aquele que se assumia publicamente como homossexual era considerado inimigo da preservação da ordem e dos bons costumes, calcada no culto à família tradicional, e, conseqüentemente, um perigo para a pátria. Se em Cuba, os homossexuais eram tidos como mais suscetíveis à submissão aos valores preconizados pelo capitalismo, no Brasil eles eram vistos como ameaças à ideologia do regime, razão pela qual, no limite, poderiam ou deveriam até ser “encarcerados”. A propósito, o pesquisador Benjamin Cowan¹, ao analisar os discursos homofóbicos dessa época, observa “a associação entre a homossexualidade como uma ameaça e a subversão política foi um dos conceitos básicos que sustentava a ideologia da ditadura e que servia como justificativa para os vários tipos de repressão sobre a sociedade brasileira e, especificamente, aos gays, às lésbicas e às travestis nos anos 1960 e 1970”.²

Em 1980, o jornal *O Estado de S. Paulo* divulgou uma série de procedimentos elaborados pela polícia do Estado para retirar homossexuais, principalmente os travestis,

¹ Benjamin Cowan, historiador norte-americano que pesquisa principalmente o tema sobre perseguição homossexual e ditadura. Ver Ben Cowan. Disponível em <<https://history.ucsd.edu/people/faculty/cowan.html>>. Acesso em 13 jul. 2023.

² COWAN, Benjamin *apud* SÃO PAULO. *Comissão Estadual da Verdade de São Paulo Rubens Paiva*. Relatório. São Paulo: Alesp, 2015, p. 2.

das ruas e encarcerá-los, com a premissa de que esses sujeitos seriam uma ameaça às famílias e representariam uma intimidação ao poder vigente, pois suscitariam a subversão política.³

Essa ação persecutória contra os homossexuais motivou um pedido para que se destinasse um prédio especial para o aprisionamento deles. Esperava-se que “a secretaria de segurança providencie um prédio próprio para recolher os travestis, enquanto os delegados os enquadrarem ‘nos dispositivos legais’”.⁴ Tudo isso implicava o reforço de estigmas sobre os homossexuais no imaginário popular, rebaixando-os como sinônimo de prostituição e de pervertidos.⁵ Essa evocação da moral como modo de julgar a homossexualidade baseava-se em discursos médicos e jurídicos que tentavam justificar o controle de “sexualidades que consideravam como pervertidas”.⁶ E, à semelhança de Cuba, envolvia uma ligação com a concepção sobre a obrigatoriedade – em especial dos pobres – de trabalhar.

No Brasil dos anos 1970 os desocupados (os que não tinham um emprego regular ou atividade equivalente) também eram colocados como um problema da nação, por aderirem à “vadiagem”. Ao focar o crescimento da prostituição de travestis no país e o problema da “vadiagem” na sociedade, Rafael Freitas Ocanha explicita o teor da discriminação a esse segmento social: Ele nos deixa claro essa discriminação, quando escreve:

O vadio é considerado elemento pernicioso à sociedade, por viver como parasita, sem nada produzir de útil ao meio em que vive. E o que é pior: está sempre próximo da delinquência ou colaborando para a ocorrência de infrações penais mais graves. E a vadiagem é elemento integrante dos dois tipos contravencionais inafiançáveis. O primeiro (art. 59) pune aquele que, habitualmente, se entrega à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência; ou que subsiste mediante ocupação ilícita. O art. 60 considera contravenção à mendicância, por ociosidade ou cupidez.⁷

³ Ver Polícia já tem plano conjunto contra travestis. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 abr. 1980, p. 20. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800401-32223-nac-0020-999-20-not/busca/plano+conjunto+contra+travestis>>. Acesso em 27 mar. 2023.

⁴ *Idem*.

⁵ Cf. OCANHA, Rafael Freitas. Travestis paulistanas na mira da Polícia Civil: a prática da contravenção penal de vadiagem (1976-1977). *Anais eletrônicos do XXIII Encontro Regional de História da Anpuh-SP*, Assis, 2016. Disponível em <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1475255809_ARQUIVO_RafaelOcanha-TextoCompleto.pdf>. Acesso em 27 mar. 2023.

⁶ Polícia já tem plano conjunto contra travestis, *op. cit.*, p. 20.

⁷ OCANHA, Rafael Freitas, *op. cit.*, p. 5. Isso se afinava, grosso modo, com a história da repressão político-social no Brasil. Como ressalta Sidney Chalhoub, com a desestruturação do sistema de produção ancorado

Visando não facilitar a atuação de travestis e à “prevenção” da delinquência, a Justiça, aos olhos dos delegados de polícia engajados nessa cruzada “antivagabundagem”, deveria ser rigorosa, para que eles não andassem pelas ruas “assaltando, agredindo e matando”. Novamente, a violência é justificada “pelo prisma da violação”, isto é, sua função consistiria em barrar a “transgressão de regras, normas e leis aceitas por uma coletividade e das quais ela depende para continuar existindo”. Disso decorreria a conveniência de pôr em ação “um conjunto de mecanismos visíveis e invisíveis que vêm do alto para baixo da sociedade, unificando-a verticalmente e espalhando-se pelo interior das relações sociais”.⁸

James Green, ao estudar sobre a homossexualidade e desejos na América Latina, frisa que, no século passado, a constante repulsa a sujeitos homoafetivos estava longe de ser uma peculiaridade desse ou daquele país. Segundo esse historiador, o preconceito contra gays e lésbicas foi marcante em todo o continente. Como exemplo, ele cita o Movimento de Esquerda Revolucionária chileno, que organizou, em 1975, “uma reunião na baía de San Francisco, na Califórnia, para decidir se um ativista gay norte-americano, que outrora havia se destacado como importante personagem no movimento norte-americano de solidariedade internacional ao Chile, deveria ser ou não convidado a integrar a organização. O líder político das atividades de solidariedade do MIR [Movimiento de Izquierda Revolucionaria], nos Estados Unidos, foi objetivo: *en el MIR, no hay maricones*”.⁹

Green sinaliza também como esse duradouro preconceito se vinculava – como apontado em parte no primeiro capítulo deste trabalho –, aos papéis sociais assumidos por homens e mulheres. De acordo com o pesquisador,

no trabalho escravo, os capitalistas e o Estado criaram condições para o surgimento de uma ideologia do trabalho em meio à transição do regime monárquico para a República. Ver CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores na Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 39-58. E por essa via chegamos, mais adiante, ao “Estado Novo e à ideologia do trabalhismo. Como salienta Adalberto Paranhos, “greves, ociosidade ou malandragem não podiam mesmo ser toleradas pelo governo Vargas, empenhado em colocar em movimento a roda do desenvolvimento capitalista nestes trópicos. Tudo o que colidisse com esse ‘ideal patriótico’ ficava sob a mira do DIP [Departamento de Imprensa e Propaganda] e da polícia”. Daí que “a vadiagem, estigmatizada nos relatórios policiais [da Primeira República] como ‘viveiro natural da delinquência’, era contraposta ao trabalho sob as ordens do capital. Na sua campanha de valorização do trabalho, o ‘Estado Novo’ se nutria, portanto, dessa tradição”. PARANHOS, Adalberto. *Os desafinados: sambas e bambas no “Estado Novo”*. São Paulo: Intermeios/CNPq/Fapemig, 2015, p. 91 e 93, respectivamente.

⁸ CHAUI, Marilena. A não violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. I *Conferência Brasileira de Educação*, São Paulo, 31 mar. 1980, p. 1.

⁹ GREEN, James Naylor. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. *Cadernos AEL*, v. 10, n. 18 e 19, Campinas, 2003, p. 34.

*aqueles homens que assumiram um jeito afeminado ou aquelas mulheres que adotaram atitudes ou comportamentos tidos como masculinos, tornaram-se os símbolos dessa perversa transgressão sexual. A divisão dos papéis de gênero, que tanto perturbou o ordenamento “normal” da sociedade, causou uma angustiante generalização dos comportamentos sexuais de homens e mulheres identificados com o erotismo entre o mesmo sexo. Além disso, a pressuposta passividade dos homens afeminados na atividade sexual e a associação das mulheres masculinas com o anormal comportamento agressivo forjaram estereótipos unilaterais da homossexualidade como patológico e profundamente subversivo às normas hegemônicas associadas aos papéis de gênero tradicionais.*¹⁰

Nesse passo, a repressão à homoafetividade se evidenciava em muitos lugares do planeta, como nos Estados Unidos (EUA), supostamente um dos berços da democracia... Em 1984, a revista *Mariel*, por exemplo, reproduziu uma chamada feita em 1977 para uma marcha diante da Organização das Nações Unidas (ONU). O comunicado denunciava o suicídio de um homossexual cubano em Miami, EUA, mostrando como o exílio naquele país não era um “mar de rosas”, ao contrário do que se poderia esperar ou do que era a apregoado. A manifestação repudiava ainda a campanha que previa a revogação da lei que proibia a discriminação com base em orientação sexual no condado de Miami-Dade.¹¹

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 23.

¹¹ Ver *Mariel*: Revista de Literatura y Arte, v. 1, n. 5, New York, Spring 1984. Este periódico foi publicado pela primeira vez em 1983 em Nova York e Miami, por Reinaldo Arenas e seu último número saiu em 1985. Ele se converteu em uma “espécie de manifesto de identidade dos escritores, intelectuais e artistas” que compunham a chamada “geração Mariel”. Faziam parte desse grupo, entre outros, Juan Abreu, Reinaldo Arenas, René Cifuentes, Luis de la Paz, Reinaldo García Ramos, Roberto Valero, Carlos Victoria, José Lezama Lima, Severo Sarduy, Lydia Cabrera, Enrique Labrador Ruiz, Carlos Franqui, Eugenio Florit, Jorge Oliva, Armando Valladares, Alberto Baeza Flores, José Balza, Eugenio Florit, Juan Abreu, Marcia Morgado, René Ariza, Delfin Prats, Gustavo Pérez Firmat, Ana María Simo e Pío E. Serrano. Entre os principais temas abordados figuravam o exílio cubano, a liberdade de expressão, a literatura cubana e intelectuais como José Martí. Cf. MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. Tese (Doutorado em História) – UnB, Brasília, 2009, p. 10. Disponível em <https://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/4253/1/2009_RickleyLeandroMarques.pdf>. Acesso em 19 fev. 2022, e *Mariel*. Índice de Títulos. Disponível em <<https://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em 10 jul. 2023.

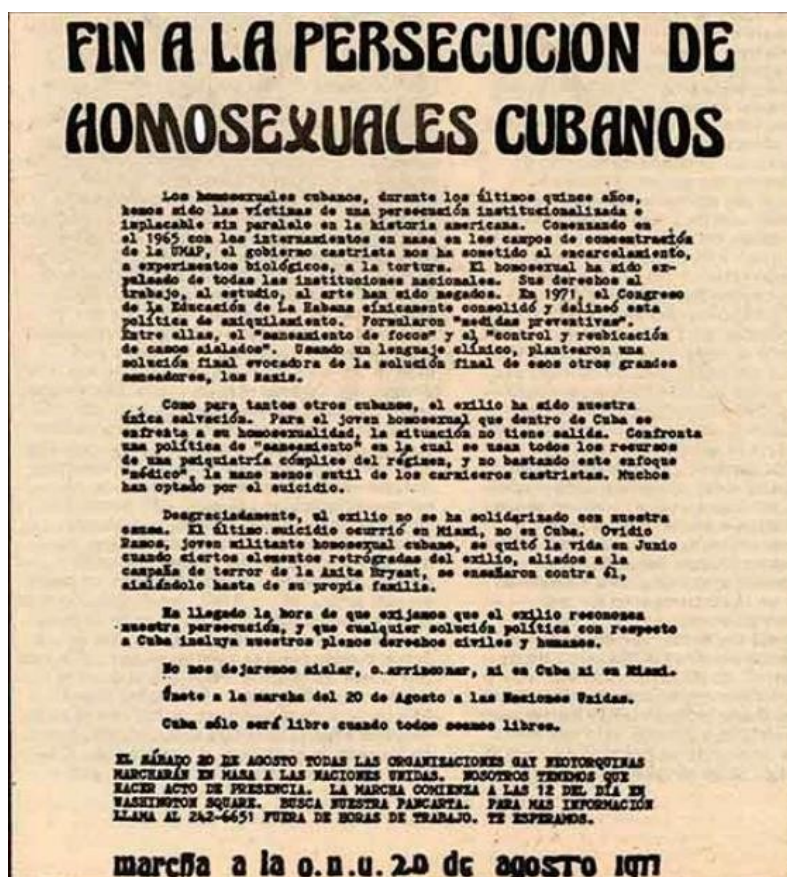


Figura 7: Anúncio da marcha diante da ONU em 1977.

Essas matérias e textos, aqui arrolados de passagem, sobre a perseguição a sujeitos homossexuais na América Latina e EUA nos asseguram que o enfrentamento do “problema” não se limitou, claro, a Cuba e às Umaps. Diferentemente até do que se viu na ilha, onde o aprisionamento de pessoas “sexualmente desviadas” se apresentava como uma medida profilática de fortes razões econômicas, no Brasil se defendeu a prisão de travestis com vistas à “higienização” social. Com isso em mente, passaremos à análise dos testemunhos dos ex-umapianos.

2007: o ressurgir de memórias de repressão

Em 1984, surgiu o documentário *Conducta impropria*¹³ que visava, em suma, discutir a problemática dos direitos humanos e perseguições em Cuba, partindo de

¹² Extraído de *Mariel*, op. cit., p. 15. Disponível em <<http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em 19 mar. 2020.

¹³ *Mauvaise conduite*. Direção: Néstor Almendros e Orlando Jiménez Leal. Coprodução: Margaret Menegoz, Barbet Shroeder e Michel Tholouze. França: Antenne 2 e Les Films du Losange, 1984 (115 min).

entrevistas com ex-internos das Umaps, intelectuais e indivíduos que sofreram com as práticas repressivas exercidas pelo governo revolucionário. Nesse filme, produzido por companhias francesas e dirigido pelos cineastas cubanos Néstor Almendros e Orlando Jiménez Leal, a narrativa se apoia em depoimentos que contam com imagens de arquivos para complementá-las, situando-as historicamente e contrapondo-se ao discurso oficial que se tinha sobre as Umaps. Essas entrevistas se valem da chamada “voz de deus”¹⁴, dar sentido às experiências dos perseguidos.

Conducta impropia foi o primeiro veículo midiático não oficial a trazer relatos de indivíduos que passaram pelas Umaps. No momento de sua estreia, agitou as águas dentro da esquerda internacional e influenciou a visão de diversos intelectuais sobre a ilha caribenha.¹⁵ Abel Sierra destaca que

Esas historias pasaron a formar parte de un relato anticomunista al que supuestamente los exiliados tenían que acudir para poder sobrevivir fuera de Cuba. Al menos eso pensaba Ambrosio Fornet, uno de los intelectuales más reconocidos en la isla, cuando en 1984 fue entrevistado por Gay Community News. Aunque reconoció que las Umaps fueron una suerte de “academia para producir machos”, Fornet criticó las visiones que sobre la represión ofrecieron escritores y artistas cubanos exiliados en el documental Conducta impropia (1984), de Néstor Almendros y Orlando Jiménez Leal. De acuerdo con Fornet, la mayoría de los testigos que aparecieron en el filme mintió sobre las Umaps y los escritores estaban diciendo “lo que deben decir porque están viviendo del anticomunismo”. “La idea de un Estado policial represivo que persigue personas es totalmente absurda y estúpida”, agregó.¹⁶

Avançando no tempo, após o documentário, os testemunhos relacionados às Umaps voltaram à baila em 2007, quando emergiram, através da *web*, novos relatos de ex-internos ou de seus familiares. Com isso, devemos nos perguntar por que tais memórias se disseminaram vinte e três anos após o lançamento de *Conducta impropia* e quarenta e dois anos depois do surgimento delas. O que se passava em Cuba nas discussões sobre sexualidade e orientação sexual, que fez com que essas rememorações viessem à tona novamente?

¹⁴ “Voz de deus”, para Bill Nichols é aquela voz ouvida, que transmite autoridade, mas jamais é vista. Ver NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005, p. 44.

¹⁵ Cf. SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida: trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959-1980)*. Santiago de Querétano: Rialta, 2022, p. 234.

¹⁶ *Idem*, Academias para producir machos en Cuba. *Letras Libres*, Madrid, 21 jan. 2016. Disponível em <<https://www.lettraslibres.com/espana-mexico/politica/academias-producir-machos-en-cuba>>. Acesso em 17 nov. 2019.

Um dos incômodos relatados pelos ex-internos homossexuais guarda relação direta com a situação de Mariela Castro Espín, filha de Raúl Castro e Vilma Espín, diretora do maior órgão oficial de defesa dos diretos LGBTQIA+ em Cuba, o Cenesex, mencionado anteriormente. Mesmo ocupando tal cargo, ela se posiciona sempre em defesa do tio e do pai no que concerne às Umaps. Dessa forma, torna-se alvo de muitas críticas por suas ações à frente da instituição.

Em meados de 2007, o Cenesex, segundo Abel Sierra, iniciou uma política que ele denomina de *travestismo de Estado*, que seria “una serie de mutaciones orientadas a garantizar la continuidad del sistema ya borrar el pasado”. Ela serviria como “un proyecto de despolitización y asimilación encaminado a producir determinados cuerpos y subjetividades, también a controlar su historia política y cultural”.¹⁷ Em outras palavras, seria um espaço de “crítica controlada”.¹⁸

No mesmo ano, Mariela Castro começou a estar cada vez mais em foco nos jornais, por colocar em voga as questões LGBTQIA+ pelo Cenesex e por transitar pelas ruas rodeada de homossexuais, buscando garantir que “la diversidad sexual ya formaba parte de la revolución y de una ‘manera revolucionaria’”.¹⁹ Seja como for, por ocupar espaço central nas discussões sobre homossexualidade, ela foi acusada de “minimizar” o significado das Umaps, bem como de tentar isentar Fidel Castro de qualquer responsabilidade pela existência delas.

Entretanto, em entrevista a Carmen Lira Saade, jornalista mexicana, Fidel Castro assumiu, aparentemente, sua culpa pela experiência das Umaps: “Sí – recuerda –, fueron momentos de una gran injusticia, ¡una gran injusticia! – repite enfático –, la haya hecho quien sea. Si la hicimos nosotros, nosotros... Estoy tratando de delimitar mi responsabilidad en todo eso porque, desde luego, personalmente, yo no tengo ese tipo de prejuicios”. No entanto, Fidel ainda pondera sua fala: “teníamos tantos problemas de vida o muerte que no le prestamos atención... Piensa cómo eran nuestros días en aquellos primeros meses de la Revolución: la guerra con los yanquis, el asunto de las armas, los planes de atentados contra mi persona”.²⁰

¹⁷ SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida*, op. cit., p. 282.

¹⁸ É interessante notar que Abel Sierra sustenta que só podemos compreender essa noção a partir do entendimento do Estado como um corpo fluido, e não rígido e imutável. Ver *idem, ibidem*, op. cit., p. 281.

¹⁹ Cf. *idem*.

²⁰ CASTRO, Fidel *apud* LIRA SAADE, Carmen. Soy el responsable de la persecución a homosexuales que hubo en Cuba: Fidel Castro. Disponível em <<https://www.jornada.com.mx/2010/08/31/mundo/026elmun>>. Acesso em 15 set. 2022.

Após essa declaração, Mariela Castro, em uma entrevista ao diário argentino *Clarín*, em 4 de novembro de 2007, discordou abertamente de seu tio: “Siento decir que no estoy de acuerdo con Fidel. Yo lo respeto. Respeto que él, como caballero de su época y con su espíritu quijotesco, asuma la responsabilidad por ser el máximo líder. Desde ese lugar, lo comprendo”.²¹ Na mesma entrevista, quando questionada sobre esses campos de trabalho forçado, ela respondeu: “No eran campos, eran unidades militares de apoyo a la producción que se habían creado como una modalidad de servicio militar para facilitar que los hijos de obreros y campesinos salieran con una calificación que les permitiera un acceso a un trabajo mejor remunerado”.²²

Esse modo tipo de posicionamento provocou muitas críticas da parte de ex-internos das Umaps, que se avolumaram desde então. A tal ponto que, em 2009, surgiu o *UmapCuba1965*, um blog derivado da Asociación de Ex Confinados de la Umap.²³ Essa associação levantou as seguintes bandeiras de lutas, por ela listadas como “conquistas”:

*Reconocimiento de los ex confinados como presos políticos.
Integrar la organización en el Consejo del Presidio Político Cubano.
Lograr que el Departamento de Estado reconociera a los ex confinados de la Umap como presos políticos y que tuviesen similar reconocimiento a los demás presos políticos.
Por dos años se publicó un boletín bi mensual bajo el nombre Umap.
Participación en numerosos programas de radio y televisión, el primero en “Mesa Revuelta” dirigido por reconocido periodista, Agustín Tamargo. Por espacio de un año los programas del lunes son dedicados íntegramente a la Umap.
En la estación CMQ la periodista Cary Roque establece los martes como el Día de la Umap; permanece en el aire por dos años.
La organización se integra a las organizaciones “sombrillas” Unidad Cubana y Foro Patriótico Cubano.
La idea de un miembro del ejecutivo de la organización de rescatar del olvido y honrar a las víctimas del castro comunismo es tomada por la organización; se crea el “Memorial Cubano”.
El historiador Enrique Ros escribe con el apoyo de la organización el libro “Umap, el ulag castrista”.²⁴*

²¹ CASTRO, Mariela *apud Verdades Ofenden*. Umap, campos de concentración en la Cuba de Fidel Castro. Disponível em <<https://laverdadofende.blog/2014/05/18/umap-campos-de-concentracion-en-la-cuba-de-fidel-castro/>>. Acesso em 15 set. 2022.

²² *Idem*.

²³ Essa entidade foi criada por Francisco García Martínez, um ex-interno da Umap, na década de 1980, com o propósito de reunir e divulgar testemunhos sobre a vida nessa instituição. Participaram da criação outros ex-umapianos como Francisco García Martínez, Rev. Orlando Colás, Emilio Izquierdo, Enrique Trigo, Raúl Inda, Cecilio Lorenzo, Hugo Arza, Renato Gómez e Juan Villar. Para maiores informações, ver *Acto 50*. Acesso em 14 out. 2022.

²⁴ *Idem*.

O *blog* hospeda uma grande quantidade de testemunhos. Além de vídeos alusivos ao encontro os 50 anos das Umaps (ver figura 8), é possível encontrar também uma relação dos repressores (ver anexo II), os nomes das unidades e sua localização aproximada (ver anexo I). A imagem abaixo nos mostra a logotipo do evento, com destaque para a frase “*Donde nunca existió un gesto humano*”.



Figura 8. Logotipo do encontro sobre os 50 anos da Umap.

Não se pense, contudo, que todos os ex-reclusos compartilham, ao pé da letra, a mesma opinião que expressa uma visão extremada, contaminada, de alto a baixo, por uma experiência própria embebida em dores, em ressentimentos, que até certo ponto são compreensíveis, se bem que bloqueiam uma análise mais fria dos fatos. Héctor Santiago²⁶, por exemplo, relativiza, ao menos parcialmente, o peso das acusações dos ex-confinados: “La memoria es mala y muy mal agradecida. Se recuerda más a quien te pateó que a quien te limpió las nalgas. Quizás es que eran tan pocos los buenos... Sí, el cabo José Antonio: aunque estaba prohibido, siempre les llevaba agua a los que sufrían “el hoyo” y “el palo”. Tiene que haber otros. ¡Gracias!”.²⁷ Seu relato evidencia que, mesmo em meio àqueles

²⁵ Extraído de *UmapCuba1965*. Acto 50 Aniversario. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/5185-2/>>. Acesso em 14 out. 2022

²⁶ Héctor Santiago, cubano nacionalizado mexicano, nascido em 1944, formou-se em dramaturgia em Cuba e é também coreógrafo, dançarino e escritor. Em 1965, foi preso nas Umaps, acusado de ser “antissocial”, denominação atribuída a homossexuais. Cf. VIERA, Félix Luis. *Los horrores de la Umap*. Disponível em <<http://www.elblogdemontaner.com/los-horrores-de-la-umap/>>. Acesso em 15 set. 2022.

²⁷ SANTIAGO, Héctor *apud* VIERA, Félix Luis, *op. cit.*

campos, existiam “gestos humanos”, até porque regime disciplinar algum opera de forma totalitária e inteiramente eficaz, como enfatiza Michele Perrot.²⁸

Por mais parciais e tendenciosos que sejam, esses testemunhos que emergiram a partir de 2007 adquirem importância, porque os documentos oficiais sobre essas unidades não são acessíveis e/ou foram destruídos. E eles nos ajudam, de alguma maneira, a compreender a experiência dos internos e até dos guardas, ao aludirem ao tratamento dispensado aos umapianos, suas formas de resistência e suas vivências.

Os *blogs* que deram vazão às denúncias tornaram-se um ambiente propício para o estudo dos relatos dos ex-confinados das Umapi. Estes, ao socializarem suas experiências, buscaram, por essa via, se integrar, fazer parte de uma comunidade, encontrando na escrita uma alternativa para falar sobre seu passado, na defesa de seus interesses, impulsionada por seu engajamento movido pelo propósito de desacreditar a Revolução Cubana e/ou o socialismo como um todo, num movimento de adesão, confessada ou não, aos valores da sociedade burguesa, como se esta fosse o *habitat* por excelência da liberdade e da democracia.

Umapi: experiência, resistência e repressão

Para analisarmos os mecanismos de repressão que afetaram os homossexuais nas Umapi, convém antes atentar para o discurso/visão se tinha em Cuba sobre homoafetividade. Em entrevista concedida por Fidel Castro a Lee Lockwood, no ano de criação das Umapi, algumas pistas nos são fornecidas. O comandante-em-chefe da Revolução Cubana apontava que

*No podemos llegar a creer que un homosexual pudiera reunir las condiciones y los requisitos de conducta que nos permitirían considerarlo un verdadero revolucionario, un verdadero militante comunista. Una desviación de esta naturaleza está en contradicción con el concepto que tenemos sobre lo que debe ser un militante comunista [...] Bajo las condiciones en que vivimos, a causa de los problemas con que nuestro país se enfrenta, debemos inculcar a los jóvenes el espíritu de la disciplina, de lucha y trabajo.*²⁹

²⁸ “Ora, é preciso lembrar que nunca um sistema disciplinar chegou a se realizar plenamente. [...] O regulamento sempre é mais ou menos contornado”. PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 55.

²⁹ CASTRO, Fidel *apud* SIERRA MADERO, Abel. *Del hombre nuevo al travestismo de Estado*. Disponível em <http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1390513833_6826.html>. Acesso em 30 out. 2019.

A Unión de Jóvenes Comunistas (UJC) também se posicionou a respeito disso em 31 de maio de 1965. Para ela os homossexuais seriam indivíduos débeis, quase incapazes de assumir um papel revolucionário. Por esse motivo, não poderiam “*ganarse el derecho*” de entrar na universidade, a menos que antes passassem pelo Serviço Militar Obrigatório (SMO). Numa palavra, eles eram vistos como inimigos: “Ustedes saben quiénes son, los han tenido que combatir muchas veces [...] apliquen la fuerza del poder obrero y campesino, la fuerza de las masas, el derecho de las masas contra sus enemigos [...] ¡Fuera los homosexuales y los contrarrevolucionarios de nuestros planteles!”³⁰

Essas pessoas tidas como “moralmente desviadas” ou “*gusanos*” [vermes] deveriam, se necessário fosse e para o bem da Revolução, ter seu sangue derramado, como declarou Fidel Castro: “cuando no quede más remedio que derramar la sangre de muchos mosquitos, o muchos gusanos, pues entonces derramemos la sangre de los gusanos. Porque si estamos en defensa de la Revolución dispuestos a que se derrame la sangre de los revolucionarios, no vacilaremos en derramar la sangre de nuestros enemigos cuando las circunstancias lo exijan. (Aplausos.)”.³¹

Na ótica da Revolução, a missão reservada às Umaps era a de promover a “regeneração social”. Impunha-se, para tanto, refrear os desvirtuamentos e evitar que os internos se tornassem “*más antisociales*” ou “*maricones*”. No discurso de Fidel Castro, proferido em 13 de março de 1966, fica evidente como o governo empenhava-se em legitimar as Umaps:

*nuestro problema con estos señores tenemos que resolverlos sencillamente. Son unas pocas decenas. De esas pocas decenas, unos tendrán que ir a la cárcel por delito de tipo común, sencillamente por desfalco, uso indebido de fondos; otros tendrán que ir al Servicio Militar; otros tendrán que ir a la Umap, Unidades Militares de Ayuda a la Producción; y otros tendrán que ir a centros de rehabilitación de acuerdo con las disposiciones del Código de Defensa Social (Aplausos.).*³²

³⁰ SIERRA MADERO, Abel. Academias para producir machos en Cuba, *op. cit.*

³¹ CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comité central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la conmemoración del IX aniversario del asalto al palacio presidencial, celebrado en la escalinata de la Universidad de la Habana, el 13 de marzo de 1966.* Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f130366e.html>>.

³² *Idem.*

Conforme a Comisión Interamericana de Derechos Humanos³³, o Código de Defensa Social definia como crime político uma ação que “ofende un derecho o un interés político del Estado, o un derecho político de los ciudadanos”. Entretanto, o mesmo código salvaguardava o direito à liberdade de pensamento e a proteção contra prisões arbitrárias. E as violações a essas normas não foram poucas:

*Desde su establecimiento, la Comisión recibió numerosas comunicaciones en que se denunciaban diversos actos violatorios de los derechos humanos en la República de Cuba. Con el fin de facilitar el conocimiento de las mismas por parte de la Comisión, la Secretaría las clasificó en generales y específicas, teniendo en cuenta para ello si las comunicaciones recibidas contenían meramente una relación de tipo general sobre violaciones de derechos humanos o si, por el contrario, se referían a hechos concretos sobre la violación de un derecho en contra de un individuo o un grupo de personas.*³⁴

Com a homossexualidade sendo considerada um “desvio patológico” e seus portadores, “maricones”, estigmatizados como consideradas, como mais suscetíveis às influências deletérias imperialismo, as Umaps foram concebidas como uma tentativa de reabilitação dessas pessoas e, como vimos anteriormente, como um meio de aumentar a mão de obra em prol da Revolução.

Elas foram criadas em 1965, com base na lei 1129 de 26 de novembro de 1963, que estabeleceu o Serviço Militar Obrigatório (SMO) para homens entre 16 e 45 anos durante um período de três anos.³⁵ O pesquisador Joseph Tahbaz contabiliza que essas unidades abrigavam, em média, 35 mil reclusos, dos quais 500 entregues a cuidados psiquiátricos, 180 cometeram suicídio e 70 morreram em consequência de torturas.³⁶ Do total de confinados, cerca de 3600 (um pouco mais de 10%) eram “maricones de mierda”.³⁷

³³ COMISIÓN Interamericana de Derechos Humanos. III – Violaciones de los derechos humanos. Disponível em <<http://www.cidh.org/countryrep/Cuba62sp/3.htm/>>. Acesso em 17 jul. 2020.

³⁴ *Idem*, II – Informaciones recibidas por la comisión sobre la situación de los derechos humanos. Disponível em <<http://www.cidh.org/countryrep/Cuba62sp/2.htm/>>. Acesso em 17 jul. 2020.

³⁵ Cf. SIERRA MADERO, Abel Sierra. Academias para producir machos en Cuba, *op. cit.*

³⁶ Ver TAHBAZ, Joseph. *Demystifying las Umap: the politics of sugar, gender, and religion in 1960s Cuba*. Disponível em <<https://udspace.udel.edu/items/67eb987d-d6cb-43be-b6ef-4579136d8213/>> Acesso em 3 dez. 2019.

³⁷ CABALLERO BLANCO, José. *Umap: una muerte a plazos*. S./l.: Dhar Services, 2013, p. 79.

As unidades se localizavam na província de Camagüey, e os internos eram transportados até lá em ônibus. Héctor Santiago, em entrevista a Félix Luis Viera, conta sua experiência:

Nos metieron en unos ómnibus con las ventanas cubiertas por periódicos o pintadas de negro. Delante guiaban al convoy unos jeeps con los guardias armados y detrás lo cerraban otros. Íbamos a gran velocidad, evitando las grandes ciudades y pasando por pueblecitos desiertos con las ventanas cerradas, sin testigos y había milicianos en las calles en penumbras. En la parte de atrás del ómnibus orinábamos y defecábamos — con el calor tropical, los gases y pestes formaron parte del menú. Así, hasta el estadio de béisbol de Ciego de Ávila, el viaje duraría unas 8 o 10 horas, sin agua ni comida.³⁸

O trabalho nas Umaps era (mal) remunerado, os internos ganhavam 7 pesos por 12 a 14 horas trabalhadas, visando à produção, principalmente, de açúcar. Trabalhava-se de segunda a sábado, com folgas aos domingos, quando “no fuese programado trabajo voluntario”.³⁹ As longas jornadas de trabalho, a pouca remuneração e a preocupação extrema com a produção tornaram essas unidades, na visão de muitos reclusos, campos de trabalho forçado ou campos de concentração⁴⁰. Nesse ponto, porém, as opiniões sobre as Umaps revelam uma divergência, talvez sutil: para uns, desde o começo, elas se destinavam a encarcerar contrarrevolucionários, homossexuais, religiosos e *hippies*, e, em meio a isso, o regime aproveitou-se de sua mão de obra. Outros entendem que essas unidades foram pensadas inicialmente para ajudar na produção, em um momento em que Cuba enfrentava problemas econômicos, mas sua principal função teria sido desvirtuada.

Esse parece ser o caso de Raimundo García Franco, pastor evangélico que lutou no Movimento 26 de Julho e foi interno das Umaps por dois anos. Abel Sierra afirma que

³⁸ SANTIAGO, Héctor *apud* VIERA, Félix Luis, *op. cit.*

³⁹ *Verdades ofenden*. Umap, campos de concentración en la Cuba de Fidel Castro, *op. cit.*

⁴⁰ Ao falarmos sobre essas unidades, abre-se uma discussão sobre o seu estatuto: elas foram ou não campos de concentração? Para Joseph Tahbaz, a resposta a tal questão é negativa, pois a função das Umaps não era matar um grupo específico de indivíduos, e sim explorar sua mão de obra. Já a pesquisadora Silvia Miskulin entende que denominá-las como tais é um procedimento extremamente polêmico, embora não possamos negar o seu caráter de campos de trabalho obrigatório. Miskulin salienta que Anne Applebaum define bem o que seria um campo de concentração: estes foram “constituídos para encarcerar pessoas não pelo que elas fizeram, mas pelo que elas eram. Diferentemente dos campos de concentração de criminosos condenados e dos campos de prisioneiros de guerra, os de concentração foram criados para um tipo específico de prisioneiro civil não criminoso, membro de um grupo ‘inimigo’ ou, pelo menos, de uma categoria de pessoa que, pela raça ou suposta tendência política, era considerada perigosa ou estranha à sociedade”. A propósito, ver TAHBAZ, Joseph. *Demystifying las Umap: the politics of sugar, gender, and religion in 1960s Cuba*. Disponível em <<https://udspace.udel.edu/items/67eb987d-d6cb-43be-b6ef-4579136d8213/>> Acesso em 3 dez. 2019, e MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 98.

“García Franco consideraba a las Umap como un proyecto que ‘perseguía un resultado más humano, más revolucionario, más constructivo’, pero que, por cuestiones de gestión, no sistemáticas, fracasó”.⁴¹ Já José Caballero Blanco, outro ex-confinado, as Umaps representavam para o Estado Revolucionário cubano “mano de obra barata, carne de cañón y cerebros para lavar, toda una bicoca”.⁴² Na mesma perspectiva, o historiador Joseph Tahbaz sublinha que o seu objetivo não era matar civis, e sim “aprovechar la fuerza laboral de las 'lacas sociales', sin preocupación alguna por su costo humano”.⁴³

Quaisquer que fossem as opiniões dos ex-internos dessas unidades, para Yoe Suárez⁴⁴ alguns consensos prevaleciam:

Hay consenso sobre la existencia de torturas en los campamentos, especialmente durante el primero de los dos llamados Umap. Lo confirma alguien como el pastor Alberto González, que por su vocación espiritual prefiere alejarse de la política, y un exiliado como el novelista Félix Luis Viera.

Hay consenso en cuanto al error que representaron esas unidades para la clase política del país. Según Raúl Suárez, pastor simpatizante del gobierno, “por el sufrimiento causado a quienes pasamos por ella”, porque ofreció “una imagen en el país, y también fuera, que contrastaba sensiblemente con el sentido humanista de la obra revolucionaria”. Según la Asociación de Ex Confinados de la Umap, asentada en la Florida, porque revela el carácter totalitario del castrismo.

Hay consenso en la necesidad de desagravio. Muchos esperan que el Estado pida perdón.

Hay consenso respecto a que eran (o se concibieron) como campos de trabajo y de adoctrinamiento político. Lo expresa el Informe de la Comisión Interamericana de Derechos Humanos en 1967, y un año antes la prensa oficial al aceptar que en las noches se daban clases de «instrucción revolucionaria».

*Hay consenso acerca de que el motivo de concentración en las UMAP fue de tipo ideológico.*⁴⁵

Nesse período, outro denominador comum consistia na ideia de que a homossexualidade era uma doença. Enquadrada como tal pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 1948, quando a sexta revisão da Classificação Internacional de

⁴¹ SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida*, op. cit., p. 253.

⁴² CABALLERO BLANCO, José, op. cit., p. 18.

⁴³ TAHBAZ, Joseph apud PONTE, Antonio José. *Qué fueron las Umap*. Disponível em <https://diariodecuba.com/cuba/1393116891_7285.html>. Acesso em 28 out. 2019.

⁴⁴ Yoe Suárez, jornalista cubano que desde 2014 que escreve notadamente sobre direitos humanos, religião e crenças. Ver YOE SUÁREZ-CUBA. Disponível em <<https://www.cswusa.org/yoesuarez/>>. Acesso em 27 jan. 2023.

⁴⁵ SUÁREZ, Yoe. *La Umap de Valentín*. Disponível em <https://revistaelestornudo.com/_trashed/>. Acesso em 15 set. 2022.

Doenças (CID) a categorizou como um transtorno, uma patologia, essa concepção nefasta se manteve até a décima revisão, em 1993.⁴⁶ Nessas circunstâncias, os homossexuais foram submetidos a “tratamentos” psicológicos de todos os tipos, incluindo torturas físicas. María Elena Solé, psiquiatra que trabalhava nessas unidades, em entrevista a Abel Sierra, confirmou tal realidade: “En ese entonces eso [la homosexualidad] estaba en la clasificación internacional de enfermedades como una patología, o sea, antes se consideraba que el homosexual era una desviación sexual y estaba dentro de la clasificación de enfermedades”.⁴⁷

Assim, colocou-se em ação “una política sanitaria de erradicación de la homosexualidad”.⁴⁸ Os homossexuais passaram a ser divididos em classificações que iam de A1, o homossexual que não era contra a Revolução, não tinha trejeitos femininos nem queria deixar o país, até A4, o indivíduo ostensivamente afeminado, revolucionário ou não, que não apoiava a Revolução e pretendia abandonar a ilha. Segundo Maria Elena Solé, “el A1 era, bueno todos eran homosexuales. El A1 no hacía ostentación de su problema, no manifestaba hostilidad hacia la Revolución, no quería decir que fuera revolucionario, que además no era contradictorio porque allí si había muchos revolucionarios, inclusive los A4”.⁴⁹

Os homossexuais deveriam ser submetidos a um tratamento que objetivava sua “reabilitação”. Conforme Héctor Santiago,

*Ellos, al igual que los soviéticos, ¡ay, siempre ellos!, pensaban que la sexualidad podía reacomodarse y esto aplicaron en los países del eje comunista y pensaban que en Cuba sería efectivo para que los maricones se transformaran en el “Hombre Nuevo” machazo criollo guevarista. Así, mientras veías películas pornográficas de sexo heterosexual y mujeres desnudas, te daban café, cigarros, jamón — ¿qué es eso? —, agua fría, sodas, etcétera. Después, cambiaban “palo pa’ rumba” y veías machos encuerados, falos erectos, mientras te aplicaban los electros o te inyectaban insulina para choquearte.*⁵⁰

⁴⁶ Cf. LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a classificação internacional de doenças. *Revista de Saúde Pública*, v. 18, n. 5, São Paulo, out. 1984. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/rnPK5HhLVnFKvCJj5qN7R8n/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 13 jul. 2023.

⁴⁷ SOLÉ ARRONDO, María Elena *apud* SIERRA MADERO, Abel e GUERRA, Lillian. "Lo de las Umeps fue un trabajo ‘top secret’": entrevista a la Dra. María Elena Solé Arrondo. *Cuban Studies*, 44, Pittsburgh, 2016, p. 358.

⁴⁸ *Verdades Ofenden*, *op. cit.*

⁴⁹ SOLÉ ARRONDO, María Elena *apud* SIERRA MADERO, Abel. "Lo de las Umeps fue un trabajo ‘top secret’", *op. cit.*, p. 359.

⁵⁰ SANTIAGO, Héctor *apud* VIERA, Felix Luis, *op. cit.*

O método usado para “reabilitar” os “desviados” era o do comportamentalismo e/ou behaviorismo, baseado na teoria de Burrhus Frederic Skinner do condicionamento operante, no qual se analisa o comportamento observável através de estímulos e resposta a eles. Em outras palavras, levam-se em conta o reforço positivo – que aumentaria as chances de uma resposta futura que o produz – e o reforço negativo, que, ao contrário, busca remover uma determinada resposta a um determinado incentivo.⁵¹

No entanto, esse método foi logo repudiado pelos internos, como expôs Heberto Padilla⁵² em entrevista ao documentário *Conducta impropia*. Cada vez que imagens femininas apareciam na tela, os confinados homossexuais se mostravam excitados e, quando era mostrado homens, expressavam nojo e repulsa.⁵³ Apesar de toda resistência, não devemos pensar que esse tipo de tratamento, aliado ao machismo enraizado na época, não afetou os umapianos. Solé relatou que os homossexuais muitas vezes eram preconceituosos em relação a outros homossexuais, quando não diante de sua própria homossexualidade: “ellos mismos [los homosexuales], porque en ese entonces la mayoría de ellos no querían ser homosexuales, sobre todo los que venían de una familia integrada, con un hogar más o menos estable, y nosotros pensábamos que lo ideal sería que esas personas que sí lo eran se comportaran normalmente”.⁵⁴ No entanto, ela ressalta que não eram todos: “algunos hasta homosexuales no querían estar con otros homosexuales, y otros estaban contentísimos entre ellos”.⁵⁵

No curso da entrevista, a psiquiatra se justificou, alegando que se acreditava, naquele momento, que podia, efetivamente, “regenerar” esses sujeitos, tidos como “doentes”:

Eso fue una experiencia, grande, grande, grande. Pero sí te puedo asegurar que en ningún momento hubo la intención deliberada — además, yo soy una persona bastante humana, bastante sensible, soy incapaz deliberadamente a hacerle daño a alguien —, en ningún momento tuvo la intención de a ellos dañarles... Todo el tiempo estuvo

⁵¹ Cf. SKINNER, Burrhus Frederic. *1904 - Ciência e comportamento humano*. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

⁵² Heberto Padilla, jornalista, poeta e professor cubano que ganhou diversos prêmios com seus trabalhos. Ele fez parte da Casa de las Américas, do *Granma* e de *La Gaceta de Cuba*. O jornalista foi acusado, em 1971, de realizar atividades subversivas, sendo obrigado a se retratar publicamente. Tal acontecimento ficou conhecido como “caso Padilla”. Ver MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 215.

⁵³ *Mauvaise conduite*, *op. cit.*, (1h:06:16).

⁵⁴ SOLÉ ARRONDO, María Elena *apud* SIERRA MADERO, Abel. “Lo de las Umapi fue un trabajo ‘top secret’”, *op. cit.*, p. 358.

⁵⁵ *Idem, ibidem*, p. 364.

*la intención rehabilitarlos, incorporarlos a la sociedad, hacerlos mejores.*⁵⁶

Para “*hacerlos mejores*”, os internos possuíam um cartão de identificação, e dele constavam as seguintes informações: nome e sobrenome, grau – se o sujeito era soldado ou até mesmo cabos⁵⁷ –, data de nascimento, escolaridade, endereço e um número, como se pode observar na imagem abaixo,

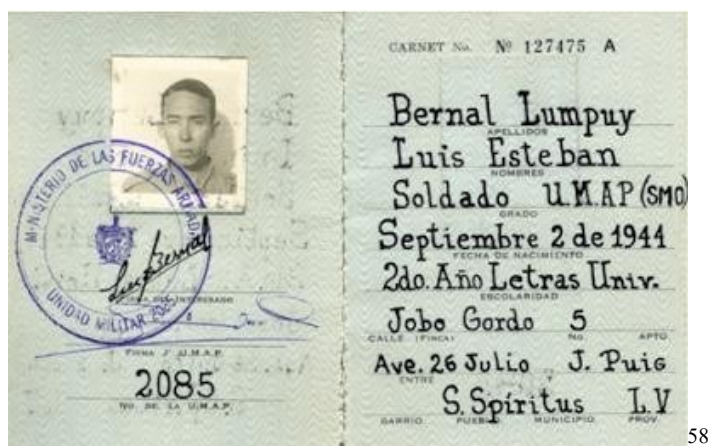


Figura 9. Cartão de identificação dos internos das Umaps.

Era atribuído aos reclusos um número pelo qual passariam a ser chamados. José Caballero Blanco explica que, após chegar em seu pelotão, foi-lhe conferido um número: “Me asignaron el número 12 del primer pelotón”. E ainda ressalta “otra vez volvía a ser un simple número fácil de substituir”.⁵⁹ Essa numeração era passível de modificação quando necessário. Outro interno informa que teve três números em um período de dois anos: “llevó el número ‘4’, el ‘48’ y el ‘56’”.⁶⁰ Por serem identificados apenas pelos números, os confinados estabeleciam entre si uma forma de identificação que se quebrava quando eles eram trocados, o que reforçava o processo de pretensa despersonalização dessas pessoas.

Tal troca causava a ativação da protomemória, que são os costumes involuntários, inconscientes, o próprio senso prático.⁶¹ Ao se provocar a perda de um marco identitário

⁵⁶ *Idem.*

⁵⁷ Ver SUÁREZ, Yoe. *La Umap de Valentín*, *op. cit.*

⁵⁸ Extraído de *Verdades Ofenden*, *op. cit.*

⁵⁹ CABALERO BLANCO, *op. cit.*, p. 50.

⁶⁰ *UmapCuba1965*. Marino. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2020/07/15/marino/>>. Acesso em 14 fev. 2023.

⁶¹ Cf. CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2018, p. 119.

da maior importância, com a substituição do próprio nome por números e a mudança posterior desses, os umapianos ficavam à mercê de um jogo psicológico que os transformava, ao menos em princípio, em brinquedos de forças que lhes eram superiores.

Em meio a esse processo de modelagem de identidades, María Elena Solé assinala que persistia, no imediata, pós-Revolução havia um baixo nível de escolaridade em Cuba, fator que, a seu ver, prejudicaria a afirmação da ideologia revolucionária. As Umapias entravam nesse ponto como um instrumento de reeducação e controle:

Entonces yo pienso que si al triunfo de la Revolución, efectivamente, la mayoría del pueblo era analfabeta o tenía cuarto grado o quinto grado, es decir, el nivel de escolaridad era muy bajo y pienso también que el nivel cultural y social era también muy bajo, muchísimo más bajo todavía el nivel político, para que la gente tuviera una determinada ideología acerca de las cosas. Los comités militares empiezan a reclutar a todo el mundo... que eso fue en el año 64... yo calculo que de esos que ellos no pudieron reclutar, que tenían la edad.⁶²

Novamente, percebe-se que, do ponto de vista dos comandantes da Revolução, era necessário transformar esses indivíduos em corpos úteis, econômica e politicamente. E, para tanto, não se recorria exclusivamente à tortura psicológica e física: “Hubo, según afirma Tahbaz, toda variedad de trato por parte de los guardas, desde el abuso hasta la compasión”.⁶³

Dentro dessas unidades o trabalho, como já frisamos, era penoso, espinhoso, doloroso e, por vezes, insuportável. Um dos ex-internos – identificado em notícia veiculada em um *blog* como Gustavo – qualifica suas experiências como “horribles”:

tenías que ir al trabajo forzado aún enfermo con fiebre de 40 y aquellos sargentos que ni los de Batista hacían estos carceleros, con las botas saliendo las puntas interiormente sin medias, en charcos de agua. Cortando caña, cuando te tirabas en la guardarraya y te negabas porque no podías con la fiebre, te levantaban, te insultaban y vejaban, luego pasando hambre subsistías por la comida que en las visitas te llevaba tu familia, traslados de madrugada para otras unidades. Solo nosotros sabemos lo que pasamos. Y el mundo estaba ajeno a esto.⁶⁴

⁶² SOLÉ ARRONDO, María Elena *apud* SIERRA MADERO, Abel, *op. cit.*, p. 361.

⁶³ *Verdades Ofenden, op. cit.*

⁶⁴ GUSTAVO *apud* *Verdades Ofenden, op. cit.*

Francisco García Martínez, criador do *blog UmapCuba1965* e diretor executivo da Asociación de Ex Confinados de la Umap, também alude aos maus-tratos que imperavam nessas unidades:

Mis manos y piernas están llenas de heridas, muchas hechas por mí para tratar de salir de aquel infierno. Nos tenían en lugares remotos de Camagüey, donde los mosquitos mataban a los caballos y también a las personas. Allí vi amarrar a los hombres desnudos a una cerca de alambre de púas. Todavía tengo en mi memoria presente los gritos de aquellos hombres torturados, quienes permanecían noches y días enteros amarrados sin recibir ni comida, ni agua. A mí me obligaron abrir hoyos en la tierra de mi altura, para cubrir completamente mi cuerpo. Después me ordenaban taparlo y a abrir otro. A otros les mandaban a abrir hoyos y los llenaban de agua y los mantenían cuatro días con la cabeza afuera solamente. [...] compañeros míos arrastrarlos amarrados a un caballo por las guardarrayas. Creo que en tortura vi todo lo que se puede ver en este mundo.⁶⁵

De toda maneira, José Caballero destaca que os homossexuais, juntamente com os Testemunhas de Jeová, foram “un ejemplo de resistencia y valor ante las torturas físicas y psicológicas a las que fueron sometidos”.⁶⁶ Enquanto isso, ele assegura que as torturas implicavam trabalhar ao sol sem poder beber água ou descansar, até ser jogado em valas “llenas de excrementos, que les daba hasta el pecho”.⁶⁷ Na imagem abaixo temos uma noção de como eram essas torturas, de acordo com Yoe Suárez:

⁶⁵ GARCÍA MARTÍNEZ, Francisco *apud Verdades Ofenden*, *op. cit.* José Caballero Blanco complementa: “Llamaba la atención que por fuera de la cerca y alrededor del campamento, había lomas de tierra y unos hoyos no muy profundos parecidos a trincheras. Luego nos enteramos de que esos fosos eran el resultado de castigos ejemplarizantes con el objetivo de ablandar las voluntades más rebeldes”. CABALLERO BLANCO, *op. cit.*, p. 54.

⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 74.

⁶⁷ *Idem, ibidem*, p. 86.



Figura 10. Ilustração dos castigos dentro das Umaps.

Mas as torturas físicas – convém reiterar – não eram a única forma de punição. Adotaram-se igualmente os castigos psicológicos. Como, por exemplo, os falsos fuzilamentos, também ilustrados acima, que consistiam em levar os testemunhas de Jeová para o campo, onde “fingían que los fusilaban, haciéndoselos creer a los que quedaban en el campamento. Luego les decían que si no querían correr la misma suerte tenían que ponerse los uniformes y trabajar. Al negarse, volvían a agarrar a otro y repetían la mascarada del fusilamiento. Ninguno aceptó, aunque no sabían que solo era un simulacro”.⁶⁹

Por sua vez, Juan Antonio Zas Irigoyen lembra que, como parte das punições psicológicas, os guardas buscaram “mezclar a todo el mundo, por dejar de traer y mezclar empezaron a traer, presos de la cárcel del Príncipe, en La Habana, homosexuales, pastores bautistas, sacerdotes de la iglesia católica, testigos de Jehová (los más abusados), todo con el objetivo de corromper y desmoralizar a unos con otros; al menos en mi campamento, rápidamente nos dimos cuenta y tratamos de neutralizar lo más posible que sucediera esto”.⁷⁰

⁶⁸ Extraído de SUÁREZ, Yoe, *op. cit.* A propósito, neste e em todos os demais casos, devemos atentar para o fato de que, como sublinha Ana Maria Mauad, as imagens geram representações e marcas corporais. Seu significado se interliga a práticas sociais e, dessa forma, elas se tornam parte de um processo contínuo de produção de sentido, em meio a diferentes processos de simbolização. MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? Um estudo de história visual. *História: Questões & Debates*, v. 61, n. 2, Curitiba, jul.-dez. 2014.

⁶⁹ CABALLERO BLANCO, José, *op. cit.*, p. 87.

⁷⁰ ZAS IRIGOYEN, Juan Antonio *apud UmapCuba1965*. Testemonios – Verdad Oculta. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/verdad-oculta/>>. Acesso em 13 jul. 2023.

Quando Juan Antonio Zas afirma que no seu acampamento “trataram de neutralizar” tais ações, são cabíveis pelo menos duas interpretações. A primeira, de que entre os internos existia preconceito em relação aos homossexuais, ao “diferente”, ou seja, certos grupos não eram bem-vistos. Os homossexuais e algumas religiões, por exemplo, são designados por ele como “*los más abusados*”. A outra se baseia na relação de solidariedade dos reclusos, isto é, mesmo que tentassem desmoralizá-los, lançando sobre eles a pecha de integrantes de grupos marginalizados, os internos procuravam “neutralizar” esse procedimento que visava jogar uns contra os outros.

Tal interpretação é evidenciada em outros relatos de apoio, assistência e companheirismo. Caballero Blanco conta em seu livro uma dessas manifestações de solidariedade entre os confinados em um dia de visitas:

Hubo un momento dramático y fue cuando Armando comenzó a llorar en el pecho de su mamá, dejando salir toda la presión que sentíamos sobre nosotros. Nos sorprendió, pues era el más ecuánime de nuestro grupo. En ese momento, como diríamos más tarde, se rompió emocionalmente, repitiendo: “Sáquennos de aquí”. Fuimos hacia él y lo regamos para que se compusiera, pues no queríamos darle el gusto a los oficiales de que nos vieran flaquear. Ya a solas en nuestras hamacas era distinto, pues cada uno de nosotros en ciertos momentos nos habíamos desahogado con el llanto. Quien piense que es cierta la máxima de “los hombres no lloran”, enseñada a cada varón, nunca estuvo en las Umap.⁷¹

Expressões de solidariedade também são descritas por por Noel Fernández, ex-interno levado a Camagüey, que relata o que viu acontecer com os adventistas do sétimo dia: “Algunos guardábamos parte de nuestra comida los sábados para dársela a los adventistas, que eran obligados a permanecer de pie toda la mañana y la tarde en el centro del campamento. El jefe de unidad gritaba que si la Biblia dice que el que no trabaja no come, ya que ellos no trabajaban ese día no tenían derecho a la comida”.⁷²

Por outro lado, Roberto Fernández Retamar⁷³, ao dar seu testemunho, pontua que durante sua pós-graduação pastoral na Umap, teve experiências que jamais esquecerá. Dentre elas, um gesto de amparo que, assim como os citados acima, nos mostra que a

⁷¹ CABALLERO BLANCO, José, *op. cit.*, p. 112.

⁷² FERNÁNDEZ, Noel *apud UmapCuba1965*. El silencio que no entierra a las Umap. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>. Acesso em 28 jan. 2023

⁷³ Roberto Fernández Retamar, poeta, ensaísta cubano e ganhador do prêmio nacional de literatura em 1989. Revolucionário, atuou como presidente da Casa de las Américas, e foi membro da Academia Cubana de la Lengua. Ver *Ecured*. Roberto Fernández Retamar. Disponível em <https://www.ecured.cu/Roberto_Fern%C3%A1ndez_Retama>. Acesso em 23 fev. 2023.

repressão não era algo que impedia a existência de uma rede de solidariedade entre os internos: “Yo era el «maestro» cocinero del Batallón 17 — radicado muy cerca de Piedrecitas, municipio de Florida, Ciego de Ávila. Eran más o menos las doce del día, y pasaba una compañía integrada en su totalidad por homosexuales. Se me acercaron y me pidieron agua. Y les di. Cuando uno de los jefes me vio en ese trajín, posteriormente me obligó a fregar los vasos con ceniza y agua caliente”.⁷⁴

Mesmo sabendo que seria castigado, como o foi obrigado, a lavar copos com água fervente, Fernández Retamar não deixou de prestar ajuda aos homossexuais, indo de encontro, novamente, ao apregoado pela peça publicitária do *blog UmapCuba1965*: “*Donde nunca existió un gesto humano*”. Acresça-se, porém, que, apesar de socorro dado aos homossexuais, esse testemunho, adicionado ao *blog* ao final de 2020, deixa claro que o revolucionário, ainda que não concordasse com medidas repressivas postas em prática nas Umaps, achava que esse tipo de desvio podia ser erradicado:

*Frente a lo que llamas “desviados” y “marginados”, son las condiciones específicas de la sociedad en un momento determinado las que crean estas actitudes, y por lo tanto, somos responsables, y como tales debemos trabajar y buscar, como se ha hecho en ciertas ocasiones, para encontrar soluciones humanas y justas frente a estas actitudes. Las medidas represivas no erradican estos estilos de conductas que se dan en nuestra sociedad.*⁷⁵

Isso nos faz pensar como o preconceito sexual perdura para além da cerca de “*alambre de púas*” das Umaps e, mesmo com tanto avanço nessa área na sociedade cubana e com a relevante atuação do Cenesex, ele se mostra enraizado nas sociedades de modo geral, e não apenas em Cuba.

Independentemente disso, todas essas formas de solidariedade podem e devem ser consideradas como formas de resistência e de poder, que circula por toda parte e diz respeito a todos nós.⁷⁶ Afinal, em sua encarnação político-social como algo contraditório, o poder não é suscetível de apropriação exclusivamente pelo Estado e pelas classes dominantes. Antes, ele se cola às relações sociais.⁷⁷ Nessa perspectiva, os internos das

⁷⁴ *UmapCuba1965*. Roberto Fernández Retamar. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2020/07/15/roberto-fernandez-retamar/>>. Acesso em 14 out. 2022

⁷⁵ *Idem*.

⁷⁶ Cf. PARANHOS, Adalberto. O cerco do silêncio e a voz do coro: o “Estado Novo” em questão. In: *Os desafinados: sambas e bambas no “Estado Novo”*, op. cit.

⁷⁷ Cf. *idem*, Política e cotidiano: as mil e uma faces do poder. In: MARCELLINO, Nelson C. *Introdução às Ciências Sociais*. 17. ed. Campinas: Papirus, 2010.

Umaps não eram sujeitos destituídos de poder, que não exerciam resistência frente às forças do Estado. No entanto, eles esbarravam no poder repressivo representado pelos guardas que estavam à frente das unidades.⁷⁸ Apesar das dificuldades enfrentadas, María Elena Solé frisa que “ellos hacían allí concursos y nos invitaban a nosotros – los guardias no se tenían que enterar: rompían los mosquiteros, raspaban los ladrillos para echarse en la cara, raspaban las cazuelas para pintarse el pelo de negro, se hacían tremendos trajes con los mosquiteros y hacían desfiles de moda”.⁷⁹ E ela continua, “Entonces ellos hacía fiestas, bailes. Por eso yo te digo que ellos, no todos estaban tan mal allí; no todos estaban tan mal allí. También dependía de la unidad, y, ¿de qué dependía la unidad? Del guardia que estuviera al frente. Si tú cogías un salvaje de estos, evidentemente, allí había una represión tremenda”.⁸⁰

Kiko Oliveira⁸¹, um ex-professor e sargento dessas unidades, observa, como Solé, que os açoitamentos dependiam dos chamados *jefes*, cujo comportamento era variável: “hay jefes hijoeputas, y otros muy buenas personas”.⁸² Aliás, ele relembra de um episódio, que em princípio o desagradou, por envolver certo desacato à sua autoridade: “Una vez un recluta, no recuerdo de qué religión, empezó a sabotearme la clase de Historia con versos bíblicos. Eso me cayó mal – narra Kiko que, según su propio decir, leía a Martí y la Biblia desde niño. Miró al alumno y le recordó, como un librazo: – Al César lo que es del César, y a Dios lo que es de Dios. Y ahora, estás bajo el César”.⁸³

Nas Umaps os desfiles de moda com trajes improvisados e “festas” não eram os únicos meios de resistência, notadamente nas unidades que acolhiam homossexuais. Havia reações mais penosas para exprimir o descontentamento quanto ao trabalho árduo e às torturas. Muitos relatos se referem à mutilação e ao suicídio como forma de resistir.⁸⁴

⁷⁸ Cf. SOLÉ Arrondo, María Elena *apud* SIERRA MADERO, Abel, *op. cit.*, 362.

⁷⁹ *Idem*. Descortinava-se, nessas situações de “festa”, no interior de uma instituição repressiva como as Umaps, aquilo que o antropólogo José Sergio Leite Lopes denomina “microfísica da resistência” ao pesquisar as relações fabris na vila operária de uma empresa têxtil de Paulista, em Pernambuco: os operários “criavam condições para uma ‘microfísica da resistência’ que se exerce desde a reação e a resposta ao despotismo da hierarquia da administração fabril, até a reinterpretação e reambientação criativas das duras condições de trabalho na fábrica”. LOPES, José Sergio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe na “cidade das chaminés”*. São Paulo: Marco Zero/Universidade de Brasília/MCT-CNPq, 1988, p. 81.

⁸⁰ SOLÉ Arrondo, María Elena *apud* SIERRA MADERO, Abel, *op. cit.*, 362.

⁸¹ Kiko Oliveira, professor de História, Matemática e Espanhol, se ofereceu, no fim de 1967 e início de 1968, para dar aula a um grupo de recrutas das Umaps ao norte de Camagüey. Ver *UmapCuba1965*. Kiko Oliveira. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2020/07/15/kiko-oliveira/>>. Acesso em 14 out. 2022

⁸² *Idem*.

⁸³ *Idem*.

⁸⁴ Um adendo histórico. O suicídio foi igualmente um recurso extremo de muitos escravizados no Brasil para escaparem à torrente de suplícios que os atingiam, o que, de resto, gerava sérios prejuízos financeiros

Outros chegaram a manter relações sexuais com guardas como tática ou de facilitação de fugas desses acampamentos.

Ramón Lamadrid foi um dos que tentou e conseguiu fugir das Umaps. Todavia, sua história não acabou com final feliz. Segundo Manuel Zayas⁸⁵, depois da fuga, Ramoncito foi morto:

*“le dispararon al salir de la casa de su madre en Marianao, el 24 de enero de 1966. Le tiraron y le agarraron el bajo vientre los jenízaros de la policía militar castrista porque se había fugado del campo de concentración de la Umap en Camagüey unos días antes”. Malherido “lo llevaron al Hospital Naval, donde dos semanas después falleció. Las únicas que lo iban a ver allí fueron Dulce, Regina y Rosalía Álvarez”, quienes frecuentaban la iglesia de San Juan y eran vecinas de la farmacia donde el muchacho trabajaba.*⁸⁶

As mutilações foram um expediente de resistência mais ou menos comum. Para poder descansar, muitos sujeitos se mutilavam, a fim de conseguir uma folga: “La automutilación no siempre daba buenos resultados, pero hasta ese extremo se llegaba, con tal de escapar – aunque solo fuese por unos días –, de las fatigosas labores”.⁸⁷

Luis Bernal Lumpuy, um soldado das Umaps, desce a maiores detalhes sobre mutilações, suicídios e fugas:

*Quienes se atrevieron a saltar las alambradas que rodeaban las barracas murieron ametrallados por los soldados. Algunos escapaban de los hospitales, en los que ingresaban después de herirse cortándose los tendones de la mano. Esa última técnica de fuga era macabra. Quienes se especializaron en ese tipo de cirugía empleaban una cuchilla para cortar los tendones de la mano de un amigo que se lo pedía, luego cubrían la herida con tierra y el machete con sangre, y gritaban avisando que había ocurrido un accidente. Muchos quedaron con la mano inutilizada para siempre. Algunos se lanzaron delante de los camiones en marcha, se cortaron las venas o se envenenaron. Hubo unos doscientos suicidios.*⁸⁸

aos seus proprietários. Ver KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 415-420.

⁸⁵ Manuel Zayas, cineasta e jornalista, estudou na Universidad de La Habana. Seus filmes mais conhecidos são *Seres extravagantes* (2004) e *Café con leche* (um documentário sobre Guillén Landrián) (2003). Ver IMDb. Manuel Zayas Biography. Disponível em <https://www.imdb.com/name/nm1392402/bio?ref_=nm_ov_bio_sm/>. Acesso em 27 out. 2019.

⁸⁶ ZAYAS, Manuel *apud UmapCuba1965*. Manuel Zayas – Nueva York. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2013/05/31/manuel-zayas-nueva-york/>>. Acesso em 14 out. 2022

⁸⁷ CABALLERO BLANCO, José, *op. cit.*, p. 58.

⁸⁸ BERNAK LUMPUY, Luis *apud UmapCuba1965*. Testemonios – Verdad Oculta, *op. cit.*

Essas formas de resistências eram tão constantes que, como salienta Luis Bernal, havia “especialistas” entre os internos nesses tipos de “cirurgias”. Eles se encontravam por todas as Umaps e em diversos pelotões, como no agrupamento de José Caballero Blanco um deles era chamado de

el Cirujano, porque se especializó en dar cortes en las piernas con un machete sumamente afilado. Cuando alguien solicitaba sus servicios – bien ocultos entre la alta yerba –, levantaba la pata del pantalón de la pierna contraria a la mano con que usaba el machete. El Cirujano apoyaba su “bisturi” en ángulo sobre la pierna y con una lima le daba un golpe encima, causando el corte deseado. El “paciente” tenía que ser valiente y aguantar el “tratamiento”. Luego se cortaba la tela del pantalón y esa área se embarraba con la sangre de la herida. Por último, el accidentado llamaba al cabo para que este autorizara llevarlo a la enfermería.⁸⁹

Luis Bernal assinala que tal técnica, mesmo que eficiente, produzia, às vezes, efeitos irreversíveis: “Muchos quedaron con la mano inutilizada para siempre”. Contudo, o procedimento, além de proporcionar uma “folga” aos internos, rendia-lhes algum dinheiro.⁹⁰ Simultaneamente, promovia-se a desaceleração da produção, o que implicava, no fundo, contra as Umaps. José Caballero Blanco se refere às operações tartaruga: “Como aquellos jóvenes no podían negarse a ir al campo bajo pena de más maltratos, entonces trabajaban lentamente. A eso se le denomina ‘paso de jicotea’, una forma de protesta que consiste en bajar el ritmo de trabajo de manera tal que la producción se vea afectada”.⁹¹ Porém, como isso afetava diretamente a produção, eles sofriam consequências: “En ocasiones, dependiendo de las órdenes del teniente, si no sacábamos la norma antes de la hora de almuerzo, nos mantenían trabajando en el campo sin ir al campamento hasta la tarde, a la caída del sol”.⁹²

Embora as Umaps sejam sempre apontadas como um lugar no qual os confinados só apanhavam, tal observação não procede. Eles deram muitas demonstrações de que não eram completamente submissos o poder estatal. O jogo do poder que se desenrolava

⁸⁹ CABALLERO BLANCO, José, *op. cit.*, p. 57.

⁹⁰ Héctor Santiago, em entrevista ao *Cubaencuentro*, explica que, dependendo do ferimento, ganhava-se, como compensação, dinheiro, cigarro etc.: “Bueno, pues un machetazo superficial en la mano: una caja de cigarros y 10 pesos. Cortándote un tendón del dedo: 20 pesos, una libra de azúcar y otra de gofio. Varios tendones de los dedos de los pies o un corte en la rodilla: 40 pesos, dos cajas de cigarro, una toalla, una sábana y unos cuantos jabones”. SANTIAGO, Héctor *apud* VIERA, Félix Luis, *op. cit.*

⁹¹ CABALLERO BLANCO, José, *op. cit.*, p. 69.

⁹² *Idem, ibidem*, p. 57.

nesses recintos envolvia agressões e reações. Veja-se o depoimento do ex-umapiano Raimundo Jorge Martínez:

Hubo discusiones serias entre custodios y reclusos. Recuerdo a uno que le decían Eleggua. Se negó a trabajar un día por sentirse enfermo. El teniente lo amenazó y golpeó. El muchacho sacó un machete que tenía escondido y lo descargó contra brazos y piernas del militar. A Eleggua lo llevaron preso a Camagüey. Le celebraron juicio sumario, fue condenado a muerte y fusilado. El carcelero quedó discapacitado.⁹³

Em outro momento, conforme Caballero Blanco, em um treinamento com rifles, um interno de seu grupo tentou acertar um sargento, atitude vista com bons olhos pelo escritor:

Nos encontrábamos a una distancia de 100 metros de las mismas y como a 200 del camino, a un nivel más elevado de estas. El acance efectivo de esos rifles era como de 400 metros. Antes de dar la voz de fuego, avisaban a los sargentos para detener el tránsito, colocándose ellos en medio del camino y a los extremos de las líneas de tiradores. Al parecer en el instante que nuestra fila recibió la orden de disparar, alguien supuestamente erró el blanco y disparo dos veces en dirección al sargento Perdigón, quien tuvo que tirarse a tierra al sentir el silbido de las balas. Con tantos rifles disparando a la vez fue imposible determinar quien tuvo la genial idea.⁹⁴

Essas passagens atestam que os reclusos, como seres humanos, não continham, em determinadas situações, seus ataques de raiva, por não aceitarem de cabeça baixa os desrespeitos que lhes eram impostos, a despeito de viverem cercados por ameaças físicas e psicológicas. Héctor Santiago recorda como os testemunhas de Jeová se recusavam a cantar o hino nacional, jurar a bandeira e empunhar armas para a defesa da Revolução, atos condenados por sua religião. Sempre que o hino era entoado, reproduzia-se a mesma cena: “El himno nacional. “¡Hijeputas testigos de Jehová! ¿No van a saludar a la bandera?” “¡Mi Patria es Jehová!” “¡No te arranques el monograma!” “¡Solo llevo a Jehová en mi corazón!”. Batazos, puñetazos, bayonetazos, golpes con cadenas, sogas, mangueras. “¡Saluda!” “¡No!”. Más de lo mismo cada mañana”.⁹⁵ Os próprios internos tinham a consciência de que não eram apenas submissos:

⁹³ MARTÍNEZ, Raimundo Jorge *apud Verdades Ofenden*, op. cit.

⁹⁴ CABALLERO BLANCO, José, op. cit., p. 27.

⁹⁵ SANTIAGO, Héctor *apud VIERA*, Félix Luis, op. cit.

Muchos podrán pensar que las Umap se hallaban constituidas por personas que, cual rebaño de carneros, estábamos dispuestos a ser degollados de la forma más sumisa, pero están equivocados de plano. No hubo un solo momento que no buscáramos el modo de manifestar nuestra inconformidad con la suerte que nos quisieron dar, ya fuera con desobediencia o sabotaje. A veces, en la limpia de caña las cortábamos y volvíamos a enterrar, para que pareciera que estaban vivas. Otras, a través de la tea justiciera aplicaba a los campos de caña. O, como en una ocasión, quemando un campamento por completo.⁹⁶

Resistir ia além de protestar, atirar em seus superiores, sabotar a plantação e se automutilar; como mencionamos, a própria sexualidade era usada a favor dos internos, que desenvolviam relações carnavais com os seus guardas e chefes para, *a posteriori*, chantageá-los ou desprestigiá-los:

Es bueno aclarar que algunos oficiales considerados “super machos” y, encargados de la represión en esas unidades “especiales”, fueron removidos de sus puestos, y juzgados penalmente por el Minfar [Ministerio de las Fuerzas Armadas], por haber tenido relaciones sexuales con los reclutas a su cuidado. Los confinados de esas unidades tenían unas armas que usaron con mucha eficacia contra los cuadros de mando: el chantaje y la desmoralización.⁹⁷

Não se sabe ao certo o tipo de julgamento sofrido pelos guardas que mantinham relações sexuais com os internos, se sobre eles começou a pesar algum tipo de repressão que se igualava à dos umapianos, ou se simplesmente foram afastados de seus postos. Fosse como fosse, comportamentos dessa natureza não eram tolerados, e o simples afastamento de seus postos por tal motivo acarretava grande constrangimento perante a sociedade cubana em geral.

Contudo, nem todo relacionamento sexual entre internos e guardas envolvia de resistência ou tentativa de extorsão. Alguns ex-reclusos relataram relações afetivas com os guardas, como foi o caso de Justo Pérez, que assumiu isso abertamente ao escrever uma carta a Héctor Santiago:

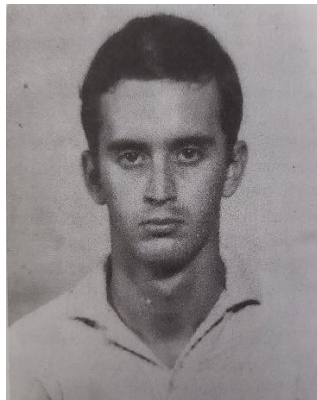
¿Cómo tengo que contarte? Imagínate que aquí está Miguel de cabo, mi primer amor desde La Ofelia; estuvimos separados tres meses y pensamos que ya jamás nos veríamos. Cuando llegué aquí y lo veo, no te imaginas que feliz fui, pero ahora imagínate cuál es mi situación frente a estas locas, él que es tan fuerte; tengo que estar aguantándolo

⁹⁶ CABALLERO BLANCO, José, *op. cit.*, p. 94.

⁹⁷ *Idem, ibidem*, p. 75.

*todo el día, pues si se lo llevan que vivimos, figúrate. Por otra parte, la guarnición es un gran grupo de bugarrones.*⁹⁸

Enquanto uns se valiam da sexualidade como um modo de resistência ou viviam amores dentro dessas unidades, outros foram abusados pelo mesmo motivo, como aconteceu com Benjamín de la Torre.⁹⁹ De acordo com Héctor Santiago e Reinaldo García Reina, confinados que viveram no mesmo acampamento de Benjamín, ele se tornou objeto de constantes abusos sexualmente pelos guardas, o que resultou em seu suicídio em 11 de outubro de 1968.¹⁰⁰ Detalhe: não se tem notícia se tais agentes da repressão foram presos ou julgados.



101

Figura 41. Foto de Benjamín de la Torre.

O suicídio, para Benjamín de la Torre, tanto quanto para outros presos, era visto como uma forma de libertação, um meio de fuga das Umaps, como fica claro em um de seus poemas: “Wagner, como tú, apetezco la muerte libertadora,/ deseo rugir de dolor y de placer./ Hoy, como nunca, mi sexo es partícipe de la conmoción de mi espíritu/ y proclamo el terrible y sublime derecho a la fuga”.¹⁰² Entretanto, na visão dos adeptos da Revolução, associava-se o suicídio poderia ser associado a sentimentos como decepção e infelicidade, (quando não a covardia) o que significava que aquele que o cometia não

⁹⁸ PÉREZ, Justo [carta de Justo Pérez a Héctor Santiago, 18 de noviembre de 1966]. Héctor Santiago Papers, *Cuban Heritage Collection*, University of Miami, CHC5176, Caja 3, Folder 15, p. 3 *apud* SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida*, *op. cit.*, p. 198.

⁹⁹ Benjamín de la Torre, um dos homossexuais estudados pelos psicólogos das Umaps. Foi para nelas Umaps depois de “una delación de la presidenta del Comité de Defensa de la Revolución (CDR)”. SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida*, *op. cit.*, p. 198.

¹⁰⁰ Cf. *idem*.

¹⁰¹ Retirada de *Idem, ibidem*, p. 200.

¹⁰² DE LA TORRE, Benjamín. Citado por DE LA TORRE MOLINA, Carolina. *Benjamín: cuando morir es más sensato que esperar*. Madrid: Verbum, 2018, p. 446. *apud* SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida*, *op. cit.*, p. 201.

estava feliz e realizado com a Revolução Cubana. Daí qualificarem os suicidas como traidores, uma vez que “morir por la patria y la Revolución era la única vía políticamente acepta para autodestruirse”.¹⁰³

Outro aspecto importante que, apesar do discurso que embasava a existência das Umaps girar em torno de uma moral pautada – como vimos no capítulo anterior – no “homem novo”, num sujeito que pensaria acima de tudo no coletivo, essas unidades, segundo José Caballero, não estavam infensas à corrupção e ao individualismo. Entre os chefes corruptos figuraria um que atendia pelo nome de Cutiño:

*era un poco más instruido que el anterior, pero también más corrupto. Muchas veces vi su carro, un Chevrolet Belair del 56, parqueado de marcha atrás, con el maletero abierto, en la puerta de nuestro almacén de suministros. No creo que fuera para airear el baúl de su automóvil, sino para llenarlo de los insumos destinados a nosotros, que de por sí ya eran pocos. El hambre siempre estuvo acompañándonos, como esposa fiel.*¹⁰⁴

A situação reinante nas Umaps, às voltas com sofrimentos e carências de toda ordem, só poderia, como citado anteriormente, encorajar tentativas de fuga. Prova disso foi a luta dos bailarinos de Alicia Alonso¹⁰⁵ para se livrarem dessas unidades. Por vezes, a “*prima ballerina assoluta*” interveio, usando sua amizade com os irmãos Castro, para que os membros de seu balé fossem libertados, pois “tenían algo mejor que hacer que estar uniformados, ya que se encontraban en la edad idónea para bailar”. Afinal, dizia, “mis bailarines están hechos para bailar y no para cortar caña”.¹⁰⁶ De toda maneira, ao que parece, Alicia Alonso procurou ajudar seus bailarinos não por se opor à homofobia, e sim por pensar, em primeiríssimo lugar, nos interesses de sua companhia e nas apresentações internacionais que estavam por vir.

É sabido, todavia, que o caso dos bailarinos de Alicia Alonso não foi uma ocorrência isolada. Houve, naquele período, outros sujeitos que se livraram das Umaps graças à interferência de figuras de destaque nos meios revolucionários. Um ex-interno anônimo narrou como escapou do jugo umapiano, ainda traz que momentaneamente:

¹⁰³ SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida*, op. cit., p. 249.

¹⁰⁴ CABALLERO BLANCO, José. *Umap: Una muerte a plazos*, op. cit., p. 103.

¹⁰⁵ Alicia Alonso, bailarina de prestígio em Cuba, chamada de “*prima ballerina assoluta*”, foi diretora do Ballet Nacional de Cuba, que a colocou sob os holofotes internacionais. Era amiga próxima dos Castro e assumidamente revolucionária. Ver *Ecured*. Alicia Alonso. Disponível em <https://www.ecured.cu/Alicia_Alonso/>. Acesso em 21 mar. 2023.

¹⁰⁶ ALONSO, Alicia *apud* WIRTH, Isis. Alicia y las Umap. Disponível em <http://archivo.diariodecuba.com/cultura/1364763335_2560.html/>. Acesso em 14 out. 2019.

Anónimo - 24 de febrero de 2014 - 05:26 – Tengo amigos que fueron recogidos en sus casas, o sus trabajos, o al salir de misa y llevados manu militari para un centro, de donde eran trasladados para Camagüey. En mi caso, debo decir en honor a la verdad que fui citado a unas deprimentes oficinas improvisadas en un campo deportivo ruinoso ya en aquellos años, y allí sometido a un fuerte interrogatorio que comenzó a desesperar a los dos oficiales que hacían de el bueno y el malo (esto lo supe mucho después), pues no acababan de encontrar las razones para que el CDR me denunciara por vagancia, ya que tenía un tratamiento médico riguroso (había sufrido una operación en el cerebro y debía tomar anticonvulsivos) y, claro, mi homosexualidad no era “ostensible” como exigía la ley, sino un discreto amaneramiento que pasaba por una buena educación obtenida en un colegio religioso. “Voy a consultar su caso con el capitán; esperé un momento” y en ese instante le solté en el tono más neutro que pude conseguir: “teniente, descendemos por línea directa de mambises, habrá visto mi apellido; Celia nos dijo que no seríamos molestados”. Me libré de ir a las Umap, pero a los pocos meses fui enviado, a despecho de cualquier alcurnia mambisa, para el SMO, donde casi me vuelvo loco por los malos tratos y los abusos, que hoy comprendo es propio de cualquier campamento militar de reclutas. De haber sido enviado a las Umap seguramente me habría suicidado.¹⁰⁷

Percebe-se que, para evitar seu encaminhamento às Umaps, ele lançou mão do prestígio de Celia Sánchez, umas das fundadoras do Movimento 26 de julho na província do Oriente e amiga íntima de Fidel Castro.¹⁰⁸ Isso nos alerta para o fato de que o sistema repressivo cubano não era de todo inflexível. As Umaps, em particular, apesar de todos os pesares, eram permeáveis a intervenções e críticas. No rastro disso, por sinal, ocorreu, em 1968, uma série inumerável de manifestações de intelectuais, tanto em âmbito nacional quanto internacional, o que abreviou o fim dessa experiência que manchou a Revolução.

¹⁰⁷ ANÓNIMO *apud* PONTE, Antonio José, *op. cit.*

¹⁰⁸ Cf. LEVINO, José. *Celia Sánchez: a flor mais autóctone da revolução. A verdade*. Disponível em <<https://averdade.org.br/2011/09/celia-sanchez-a-flor-mais-autoctone-da-revolucao/>>. Acesso em 24 dez. 2019.

3. 1968, o ano do fim da curta existência das Umaps

As Umaps foram desmanteladas em 1968. O seu curto período de existência nos põe a pensar sobre os motivos que levaram à extinção delas e o que aconteceu depois, sem desconhecer que para aqueles que passaram por essas unidades sua existência pode não ter sido tão curta. Para tanto, buscaremos, neste capítulo, entender o que aconteceu nesse ano, não só em Cuba, como no mundo, e quais foram os possíveis fatores que levaram à tomada de decisão sobre o fechamento dessas unidades. A partir disso, procuraremos perceber qual foi o peso da intelectualidade nessa decisão e como a tensão mundial e a morte de Ernesto Che Guevara podem ter influenciado em tal deliberação, num momento em que Cuba foi colocada sob os holofotes do planeta.

Nessa caminhada, consideraremos os depoimentos de ex-internos nos *blogs*, jornais *on-line* e livro de testemunho, bem como as manifestações contrárias de intelectuais influentes na época, como Graham Greene, Mario Vargas Llosa, Jean-Paul Sartre e Gian Giacomo Feltrineli. Também analisaremos o papel desempenhado pelas organizações que defendiam o direito LGBTQIA+ nos anos 1960 e que expressaram seu descontentamento frente às Umaps, como foi o caso da New York Mattachine Society, sem deixar de lado os posicionamentos contra esses acampamentos dentro de Cuba, avaliando como eles contribuíram para aumentar a pressão contra as Umaps.

As Umaps sob pressão: o protesto dos intelectuais

As Umaps vigoraram em Cuba por um período relativamente curto, de 1965 a 1968. Ora, o que aconteceu para que um governo tido como “totalitário” por seus opositores desmantelasse um projeto que, de certa forma, “ajudava” a incrementar produção? O que acontecia, então, na Cuba e no mundo que culminasse com o rápido desmonte desses acampamentos?

No cenário internacional, 1968 foi um “ano louco, enigmático, revolucionário, utópico, radical, rebelde, mítico, inesperado, surpreendente, profético, das ilusões perdidas”.¹ Alastraram-se intensos protestos em que

¹ ZAPPA, Regina e SATO, Ernesto. 1968: eles só queriam mudar o mundo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 9.

*Jovens de todo o planeta alimentavam também uma generosa e generalizada revolta contra o mundo bipolar, os valores sociais ultrapassados, o falso moralismo, a repressão sexual, as injustiças sociais e a guerra no Vietnã, onde um poderoso país imperialista exercia uma agressão cruel contra uma pequena e subdesenvolvida nação do Terceiro Mundo. Uma guerra que repercutia e também era travada no território americano, especialmente nas universidades, onde milhares de estudantes protestavam quase diariamente contra o recrutamento obrigatório para o serviço militar, apoiados por uma opinião pública crescentemente contrária à guerra e revoltada com o número de mortos e feridos americanos. Aos 18 anos, os jovens eram convocados para lutar e morrer no Vietnã. No entanto, eles sequer tinham o direito de votar. Teriam ainda que esperar mais três anos para completar 21 e poder escolher um presidente.*²

Movidos por sonhos libertários, aspirava-se ao rompimento da bipolaridade EUA x União Soviética que afetava toda a humanidade. Foi um momento de vitórias e derrotas de movimentos sociais, de sangrentos conflitos raciais, de mobilização de jovens e da explosão da contracultura, expressando a propagação de novos valores que buscavam estimular o desenvolvimento de sua individualidade, de sua capacidade de inovar e ser único.

No Brasil, manifestações artísticas estavam a todo vapor. Sob diferentes vertentes, afinaram-se os protestos no meio musical. Estudantes brasileiros foram às ruas lutar pelo fim da ditadura militar, o que serviu de alibi para a “promulgação do Ato Institucional n.5 (AI-5), [quando] os militares, depois de quatro anos no poder [estatal], finalmente tiraram o disfarce e assumiram plenamente as feições do regime que impunham. Uma ditadura cruel e despótica”.³

Em Cuba, a morte de Ernesto Che Guevara⁴, ocorrida em 1967, fez com que 1968 fosse batizado como o “ano do guerrilheiro heroico”. Em meio a essas lutas, a figura de Che Guevara e de outros líderes cubanos tornou-se

um novo modelo de ativismo no cenário mundial, cuja filosofia de ação baseava-se na revolução permanente, nos questionamentos “antiautoritários”, na “audácia e imaginação no poder.” Estas ideias estiveram presentes na revolução cultural da China e nos protestos da juventude que eclodiram em 1968, seja em maio na França, ou nos

² *Idem.*

³ *Idem, ibidem*, p. 11.

⁴ Che morreu outubro de 1967 na Bolívia, onde se juntou a um grupo de guerrilheiros bolivianos, com o objetivo derrubar o governo ditatorial vigente no país. Ver PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e a luta revolucionária na Bolívia*. São Paulo: Xamã, 2008.

*Estados Unidos contra a guerra do Vietnã, ou ainda nas manifestações do México, Brasil, Alemanha, Checoslováquia, entre outros países.*⁵

Estava-se, no início de 1968, havia apenas sete anos do “ataque de Playa Girón; cinco de la crisis de los misiles; tres de que Cuba había quedado prácticamente sola en el hemisferio; dos del fin de la guerra civil en el Escambray; y apenas tres meses de la muerte del Che Guevara en Bolivia”.⁶ Vivía-se grande efervescência pelo mundo afora, e Cuba se encontrava, cada vez mais, sob a alça de mira do imperialismo estadunidense.

Contudo, “la izquierda de casi todas partes apoyaba de manera generalizada la Revolución Cubana. En Europa se había percibido originalmente como una revolución ‘sin ideología’, que no había llegado al poder liderada por un partido comunista subordinado a Moscú, sino por una guerrilla campesina, que había abierto una vía socialista alternativa a la del estalinismo y los bloques del mundo bipolar”.⁷

1968 foi também foi o ano da “ofensiva revolucionária”, que em linhas gerais representou a institucionalização da Revolução e “visava estimular a criação do ‘homem novo’, estatizar massivamente o setor privado por meio da centralização econômica, do esforço coletivo e do combate ao individualismo”.⁸ Além de assinalar uma aproximação cada vez maior entre Cuba e URSS – foi quando Fidel Castro declarou apoio à invasão soviética a Praga – esse encontro marcou igualmente a intensificação da campanha em prol do trabalho voluntário, com “ênfase no igualitarismo, com redução das diferenças salariais, substituição dos incentivos materiais pelos incentivos morais e uma expansão dos serviços sociais gratuitos”.⁹

Se se incentivava, crescentemente, o trabalho voluntário, como e por que as Umaps que foram fechadas? Talvez encontremos a resposta para essa questão, atentando para a representatividade e força que grandes intelectuais, em geral, para as tensões entre intelectuais cubanos e o governo revolucionário, que não poderia ou não deveria permanecer inflexível diante de suas críticas.

Em 1968, realizou-se o Congreso Cultural de La Havana, que contou com mais de 500 intelectuais dos mais diversos países. Seu principal objetivo, segundo Sílvia Miskulin, era “reforçar o engajamento político de escritores e artistas e fortalecer a

⁵ MISKULIN, Sílvia. O ano de 1968 em Cuba: mudanças na política internacional e na política cultural. *Esboços: Histórias em Contextos Globais*, v. 15, n. 20, Florianópolis, abr. 2009, p. 48.

⁶ HERNÁNDEZ, Rafael. El año rojo: política, sociedad y cultura en 1968. *Revista de Estudios Sociales*, n. 33, Bogotá, ago. 2009, p. 44.

⁷ *Idem, ibidem*, p. 46.

⁸ MISKULIN, Sílvia, *op. cit.*, p. 52.

⁹ *Idem*.

concepção das produções culturais como parte da luta anti-imperialista, em prol das revoluções e do ‘Terceiro Mundo’”, ressaltando ainda “a necessidade da ‘luta armada’ e a participação dos intelectuais para se alcançar as transformações nos ‘países subdesenvolvidos’”.¹⁰

No entanto, antes de nos determos, mais especificamente, no exame de como a pressão de intelectuais fora de Cuba concorreu para o desmonte das Umaps, convém nos atermos à relação entre Revolução e intelectualidade dentro da ilha, que desandou, sob vários aspectos, a ponto de provocar a ruptura de vários integrantes da *intelligentsia* não cubanos com o regime capitaneado por Fidel Castro. Logo após a derrubada do governo do ditador Fulgencio Batista (1952-1959), os novos governantes passaram a exigir dos cidadãos um compromisso com a Revolução, e no âmbito artístico e intelectual essa demanda não era diferente. Conforme Sílvia Miskulin,

*A conformação de políticas culturais iniciou-se nos anos sessenta, pouco depois do triunfo da Revolução Cubana. O governo passou a elaborar diretrizes, ao mesmo tempo em que patrocinava as atividades culturais, exigindo um compromisso do artista e do escritor com a nova sociedade. A efervescência política e artística que predominou nos primeiros anos dessa década era acompanhada por disputas entre distintos grupos de intelectuais, que buscavam ocupar espaços e participar da definição dessas políticas. O campo cultural cubano não era homogêneo e as tensões e confrontos foram bastante frequentes.*¹¹

Os confrontos no campo cultural cubano geraram modificações nos meios de produção artística e jornalística de Cuba. Ao mesmo tempo em que diversos jornais contrarrevolucionários foram fechados, novos jornais e revistas, que até então funcionavam de maneira “ilícita”, e outros organizados pelo governo revolucionário ganharam um “lugar ao sol”.¹²

Apesar da emergência de desencontros e embates de haver diversos conflitos entre os intelectuais cubanos e os governantes pós-Batista revolucionário, cabe aqui pontuar que tais conflitos não afloraram de imediato. Nos anos iniciais da Revolução, seu caráter socialista ainda não havia sido anunciado, e ela era definida por seu caráter supostamente humanista. Nas palavras de Fidel Castro, “puedo afirmar aquí que nada ni nadie detendrá nuestra Revolución democrática y humanista”. Justamente por isso e por “las felices

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 48.

¹¹ MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961- 1975)*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 29.

¹² *Idem, ibidem*, p. 31.

circunstancias en que se está llevando adelante nuestra Revolución, que Cuba se ha convertido en el modelo y en la esperanza de todos los pueblos de América Latina”.¹³

A declaração de Fidel Castro repercutiu favoravelmente junto a muitos intelectuais dentro e fora de Cuba, que se dispuseram a apoiar a Revolução, por se considerarem de esquerda, embora fossem críticos do possuírem críticas ao regime soviético.¹⁴ A situação entre intelectualidade e governo começou a se deteriorar com a censura, em maio de 1961, a *Post Meridien* (P.M.), documentário que retrata a vida noturna em La Habana. Filmado por Sabá Cabrera Infante¹⁵ e Orlando Jiménez-Leal, o curta enfoca a vida de prostitutas e marginais, lado que oficialmente buscava ocultar.¹⁶ A película desagradou ao Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográfica (Icaic) e aos intelectuais ligados ao antigo Partido Socialista Cubano (PSP). Isso resultou na proibição de sua exibição, com a alegação de que se tratava de um material contrarrevolucionário, que difundia imagens obscenas, contendo materiais libertinos.¹⁷

O veto gerou debates acalorados na Casa de las Américas¹⁸, e muitos intelectuais, inclusive revolucionários, saíram em defesa do documentário e manifestaram preocupação com a questão de liberdade de expressão, como foi o caso de Néstor Almendros. Outros consideraram o filme contrarrevolucionário, posição assumida, por

¹³ CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la concentracion celebrada a su llegada del extranjero, en la Plaza Civica, el 8 de mayo de 1959*. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f080559e.html>>. Acesso em 6 jun. 2023.

¹⁴ Cf. MISKULIN, Sílvia Cezar. A política cultural no início da revolução cubana: o caso do suplemento cultural Lunes de Revolución. *Outubro: Revista de Estudos Socialistas*, v. 1, n. 6, São Paulo, out. 2002. Disponível em <<http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-6-Artigo-07.pdf>>. Acesso em 12 set. 2018.

¹⁵ Irmão de Guillermo Cabrera Infante, escritor cubano, naturalizado britânico, que em 1965 rompeu com a Revolução Cubana, convertendo-se em contundente opositor do regime.

¹⁶ Segundo Abel Sierra, por representarem muitas vezes o velho, um tempo em que Cuba estava à mercê do capitalismo estadunidense, criou-se um programa de reabilitação de prostitutas e muitas delas foram colocadas para trabalhar em empresas de telefonia. Essa “higienização social” separou os cubanos em grupos distintos de “*pueblo sano y trabajador*” e “*gusanos y lacras sociales*”. SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida: trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959-1980)*. Santiago de Querétano: Rialta, 2022, p. 61.

¹⁷ Cf. MARQUES, Rickley Leandro. O papel dos intelectuais na revolução cubana: o caso Padilla. *Em Tempo de Histórias*, n. 13, Brasília, 2011. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/20030>>. Acesso em 6 jun. 2023.

¹⁸ Fundada em 1959 por Haydé Santamaría, a Casa de las Américas cumpre o papel de divulgar material artístico e literário da América Latina. Ela ainda publica, patrocina e recompensa obras literárias e artísticas, promove concursos e sedia congressos vinculados à sua área de atuação. Para maiores informações, ver *Ecured*. Casa de las Américas. Disponível em <https://www.ecured.cu/Casa_de_las_Am%C3%A9ricas>. Acesso em 6 jun. 2023.

exemplo, por de Mirta Aguirre¹⁹, que o comparou “aos ‘acontecimentos reacionários da Hungria’, os quais levaram à invasão soviética em 1956”.²⁰

Toda essa discussão foi, aparentemente, finalizada com o discurso de Fidel Castro, que posteriormente seria conhecido como *Palabras a los intelectuales*. Nele, firmaram-se as bases que os intelectuais deveriam seguir, ou melhor, o que seria permitido. Definiu-se que era obrigação dos verdadeiros revolucionários se preocupar, em primeiro lugar, com a Revolução e com sua continuidade. Nesses termos, aqueles que defendiam a liberdade de expressão ou questionavam os rumos que o governo revolucionário vinha imprimindo ao país poderiam ser vistos como contrarrevolucionários. O comandante-em-chefe era categórico:

*Permítanme decirles en primer lugar que la Revolución defiende la libertad, que la Revolución ha traído al país una suma muy grande de libertades, que la Revolución no puede ser por esencia enemiga de las libertades; que si la preocupación de alguno es que la Revolución vaya a asfixiar su espíritu creador, que esa preocupación es innecesaria, que esa preocupación no tiene razón de ser. ¿Dónde puede estar la razón de ser de esa preocupación? Puede verdaderamente preocuparse por este problema quien no esté seguro de sus convicciones revolucionarias. Puede preocuparse por ese problema quien tenga desconfianza acerca de su propio arte, quien tenga desconfianza acerca de su verdadera capacidad para crear. Y cabe preguntarse si un revolucionario verdadero, si un artista o intelectual que sienta la Revolución y que esté seguro de que es capaz de servir a la Revolución puede plantearse este problema. Es decir, que el campo de la duda no queda ya para los escritores y artistas verdaderamente revolucionarios; el campo de la duda queda para los escritores y artistas que sin ser contrarrevolucionarios no se sientan tampoco revolucionarios [Aplausos].*²¹

Vários intelectuais cubanos tomaram esse discurso pelo que ele, de fato, era: um meio de controle que delimitaria suas funções dentro da Revolução; caso não seguissem essa linha mestra, não haveria lugar para eles no projeto revolucionário. Tais diretrizes, atreladas à guinada socialista da Revolução, alimentou um debate vigoroso sobre “a

¹⁹ Mirta Aguirre, poeta, crítica literária e jornalista cubana. Foi um membro ativo da Liga da Juventude Comunista, da Liga Anti-Imperialista, da Defesa Internacional dos Trabalhadores, do Partido Comunista de Cuba e do Partido Socialista Popular. Desenvolveu estudos nas áreas de música, literatura e marxismo. Durante anos foi colunista do jornal *Hoy*. Ver *Ecured*. Mirta Aguirre. Disponível em <https://www.ecured.cu/Mirta_Aguirre>. Acesso em 6 jun. 2023.

²⁰ MISKULIN, Sílvia Cezar. A política cultural no início da revolução cubana, *op. cit.*, p. 83.

²¹ CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario y secretario del PURSC, como conclusión de las reuniones con los intelectuales cubanos, efectuadas en la Biblioteca Nacional, el 16, 23 y 30 de junio de 1961*. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f300661e.html>>. Acesso em 7 ago. 2023.

liberdade de produção e expressão do artista e do escritor e sobre o papel dos intelectuais na sociedade”.²² Assim, acentuaram-se as hostilidades entre governo e *intelligentsia*. Após o pronunciamento de Fidel Castro, sentiu-se a necessidade de centralizar as atividades culturais. Na esteira disso, surgiu a Unión de Escritores y Artistas de Cuba (Uneac), fundada em agosto de 1961. Suas principais metas consistiriam, ao menos no papel, em proteger a criação intelectual e artística, reconhecer a ampla liberdade de expressão, rejeitar e combater atividades contrárias aos princípios revolucionários, além de promover o estudo e avaliação crítica das obras cubanas e contribuir para defender a diversidade cultural da América Latina.²³

Com a Uneac abriu-se caminho para o fim de jornais como *Lunes de Revolución*, surgido em março de 1959 por Guillermo Cabrera Infante e Pablo Armando Fernández.²⁴ O periódico fazia parte do movimento 26 de julho, mas foi fechado com o surgimento do Uneac e por alguns de seus escritores fazerem críticas aos projetos revolucionários e não concordarem com a censura de *P.M* e/ou com o discurso de Fidel Castro sobre a intelectualidade. Silvia Miskulin considera seu desfecho como “um ato de censura do governo revolucionário, que visava dispersar o grupo de escritores que se reunia ao redor do suplemento”, isso porque o *Lunes* era “uma linha editorial e um grupo de promoção cultural que agiam paralelamente aos esforços estabelecidos pelo governo revolucionário”.²⁵

Outro exemplo de falta de maior sintonia entre o governo revolucionário e os intelectuais figura nas cartas do escritor Reinaldo Arenas para Margarita e Jorge Camacho, nas quais demonstrava insatisfação e preocupação com a ação da censura. Em 9 de dezembro de 1967, ele relatou as dificuldades que enfrentava para publicar seus escritos, avaliando que seria mais fácil publicá-los fora da ilha, até porque os trâmites burocráticos eram extensos e ele não fazia “el juego a los funcionarios mezquinos que administran la cultura y ocupan cargos decisivos”.²⁶

²² MISKULIN, Silvia Cezar. A política cultural no início da revolução cubana, *op. cit.*, p. 77.

²³ Cf. *Ecured*. Unión de Escritores y Artistas de Cuba. Disponível em <https://www.ecured.cu/Uni%C3%B3n_de_Escritores_y_Artistas_de_Cuba>. Acesso em 7 ago. 2023.

²⁴ Pablo Armando Fernández, intelectual, poeta, dramaturgo e ensaísta cubano. ganhador, em Cuba, de várias medalhas por suas obras. Foi por um tempo secretário editorial da Casa de las Américas. Ver *Ecured*. Pablo Armando Fernández Pérez. Disponível em <https://www.ecured.cu/Pablo_Armando_Fern%C3%A1ndez>. Acesso em 7 ago. 2023.

²⁵ MISKULIN, Silvia Cezar. A política cultural no início da revolução cubana, *op. cit.*, p. 88.

²⁶ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho (1967 - 1990)*. Sevilla: Point de Lunettes, 2010, p. 33.

De toda maneira, voltando a 1968, o Congresso Cultural de La Havana evidenciou que as relações entre Revolução e intelectuais estrangeiros eram um pouco mais amenas. Por essa época, ela contava com o apoio de grandes intelectuais de grande projeção, como: Jean-Paul Sartre, C. Wright Mills, Graham Greene, Allen Ginsberg, Julio Cortázar, Gérard Philipe, Hans Magnus Enzensberger, Carlos Fuentes ou da artista Josephine Baker, os quais visitaram Cuba em diversas ocasiões e se mantinham mais ou menos atentos ao que ocorria no país. Entretanto, após se inteirarem de notícias sobre o que acontecia nas Umaps, muitos deles fizeram críticas ao governo revolucionário, e essas opiniões fervorosas, somadas à tensão existente com os intelectuais cubanos, podem ter colaborado para o fechamento delas.

Ainda em 1965, quando elas foram instituídas, irromperam os protestos contra os campos de trabalho forçado. Silvia Miskulin salienta que “vinte e cinco membros da New York Mattachine Society²⁷ se manifestaram na ONU contra o governo cubano por enviar homossexuais a campos de trabalho forçado”.²⁸ Contudo, os protestos de intelectuais começaram a ganhar força somente em 1968.

Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir eram dois dos intelectuais simpáticos à Revolução, e em 1960 os dois passaram um mês em Cuba. A estadia deu origem a um livro de Sartre intitulado *Furacão sobre Cuba*. Nele, é visível o seu deslumbramento com a juventude revolucionária, principalmente com os líderes Fidel Castro e Che Guevara, a quem ele dedica inúmeros elogios. Para ele, “o maior escândalo da revolução cubana não é ter desapropriado as terras, mas ter posto meninos no poder”. No seu entender, “só a juventude tinha a cólera e angústia suficientes para o empreendimento; pureza suficiente para vencer”.²⁹ Quanto a Che Guevara, Sartre exaltou a sua juventude, que lhe permitia “enfrentar o acontecimento revolucionário em sua austera dureza”. E ainda complementava: “Guevara [...] é conhecido como homem de grande cultura, coisa que logo se revela. Não se leva muito tempo para compreender que cada frase por ele emitida tem um lastro-ouro”.³⁰ A imagem que os irmãos Castro, Che e outros dirigentes

²⁷ Criada em 1951, a New York Mattachine Society foi um dos primeiros grupos de direitos “homófilos” de New York. A organização, pelo que se lê em seu *site*, trabalhou para impedir a prisão de homens gays e forneceu acompanhamento jurídico aos gays presos. Ver NYC LGBT historic sites project. History. Disponível em <<https://www.nyclgbtsites.org/site/mattachine-society-office/>>. Acesso em 22 set. 2023.

²⁸ MISKULIN, Silvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução*, op. cit., p. 100.

²⁹ SARTRE, Jean-Paul. *Furacão sobre Cuba*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1986, p. 114 e 115.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 124 e 125.

transmitiam era, para Sartre, fundamental para que os trabalhadores e jovens da ilha sempre atuassem contra o “antigo inferno irrisório da impossibilidade”.³¹

Simone de Beauvoir também enalteceu a Revolução e o novo momento de Cuba. A escritora reconheceu que sua visita à ilha fez com que recuperasse “uma alegria de viver que creia perdida para siempre”.³² Conforme Duanel Díaz³³, em uma entrevista a Claude Julien, a filósofa declarou, ao regressar à França, que os acontecimentos de Cuba representavam um caminho de “democratización económica no comunista”³⁴ que iria atrair a atenção dos partidos de esquerda do mundo todo.

Díaz resalta igualmente a reação do filósofo francês: “Sartre celebró por su parte aquella revolución del Tercer Mundo como una triunfante alternativa al modelo soviético del segundo, una revolución donde, lejos de la burocracia y el dogmatismo, teoría y praxis se acoplaban en perfecta relación dialéctica”.³⁵ Porém, mais adiante, como se viu com muitos outros intelectuais, Sartre e Beauvoir irão romper totalmente com o projeto revolucionário cubano depois do caso de Herberto Padilla.



Figura 12 e 13. Fotos da reunião entre Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Ernesto Che Guevara.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 132.

³² BEAUVOIR, Simone *apud* DÍAZ, Duanel. El fantasma de Sartre en Cuba. *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 679, Madrid, 2007, p. 93.

³³ Duanel Díaz, professor e ensaísta da Virginia Commonwealth University. Suas principais áreas de interesse são literatura cubana, estudos latino-americanos, marxismo, literatura cubana. *Ver Duanel Díaz Infante*. Disponível em <<https://duaneldiaz.academia.edu/>>. Acesso em 2 jan. 2024.

³⁴ DÍAZ, Duanel. El fantasma de Sartre en Cuba, *op. cit.*, p. 94.

³⁵ *Idem*.

³⁶ Fotografia extraída de SILVESTRI-LÉVY, Alessandra e LOVINY, Christophe. *Cuba por Korda*. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 84. Alberto Díaz Gutiérrez ou, como é popularmente conhecido, Alberto Korda é um fotógrafo cubano que acompanhou durante anos Fidel Castro e Che Guevara. Colaborou com o periódico *Revolución* e foi autor de uma das mais famosas fotos de Ernesto Che Guevara. *Ver Alberto Korda Bio*. Disponível em <<https://www.albertokorda.photo/bio-alberto-diaz-gutierrez-korda/>>. Acesso em 18 jan. 2024.

Graham Greene³⁷ foi outro intelectual que com frequência defendeu o regime cubano: “Y es que hoy en día el problema de Cuba no es un problema de libertad. La inmensa muchedumbre que el 26 de julio se congregó ante el monumento a Martí para oír el discurso de Castro – tres horas de duración – nada tenía que ver con la muchedumbre militarizada o hipnotizada que en tiempos saludaba con vítores los discursos de Hitler”.³⁸ Ele iniciou, mais tarde uma campanha internacional para o fechamento das Umaps. De acordo com Manuel Zayas, no artigo *lights and shadows in Cuba*, Greene chega a condenar a existencia dessas unidades militares de produção: “existe una oscura sombra que resulta mucho peor que el bloqueo, el racionamiento o las incursiones aéreas: las Umap, una palabra que parece extraída de la ciencia de ficción (como si la humanidad de algún modo estuviera enterrada en ella)”.³⁹

Entretanto, Greene, em suas críticas, tendia a “pisar em ovos” para não se indispor com o líder máximo da Revolução: “El resto del artículo es Graham Greene cayéndole detrás a Fidel Castro por toda Cuba, como Holly Martin perseguía a Harry Lime por toda Viena en El tercer hombre. Es obvio que no sabe todavía que su héroe caribeño es en realidad el malo de la película”.⁴⁰ De todo modo, em seus comentários ele não se absteve de se referir aos erros que Fidel Castro cometeu e assumiu: “Muy a menudo, Fidel ha reconocido sus errores políticos, y éste es mucho más serio que un simple error en los cálculos de industrialización del país. Un error moral es mucho más peligroso que un error táctico, ya que compromete la Revolución. Y solo la Revolución puede matar a la Revolución”.⁴¹

Mario Vargas Llosa – escritor peruano, considerado um dos maiores romancistas hispanoamericanos, remotamente entusiasta de esquerda, atualmente franco defensor do neoliberalismo e ferrenho opositor de processos de mudança progressista na América Latina⁴² – foi outro intelectual que repudiou as Umaps. Não coincidentemente, Yoani

³⁷ Graham Greene nasceu no vilarejo de Berkhamsted, em Hertfordshire, ao norte de Londres, em 2 de outubro de 1904. Romancista, autor, entre outros livros, de *Our man in Havana* e *The Quiet American*. Sua orientação política tendeu sempre à esquerda, e no final da vida criticava ferrenhamente o imperialismo norte-americano, além de apoiar Fidel Castro, que ele conhecera pessoalmente. Ver Graham Greene. Disponível em https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=263883. Acesso em 18 maio 2023.

³⁸ GREENE, Graham *apud* ZAYAS, Manuel. *Graham Greene y las sombras habaneras*. Disponível em http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1328876374_1252.html. Acesso em 14 out. 2019.

³⁹ GRAHAM GREENE, Graham *apud* ZAYAS, Manuel, *op. cit.*

⁴⁰ ZAYAS, Manuel, *op. cit.*

⁴¹ GREENE, Graham *apud* ZAYAS, Manuel, *op. cit.*

⁴² Ver *Ecured*. Mario Vargas Llosa. Disponível em https://www.ecured.cu/Mario_Vargas_Llosa. Acesso em 20 jan. 2020.

Sánchez interessou-se em entrevistá-lo sobre tais questões, não sem antes tecer rasgados elogios a ele:

*Mario Vargas Llosa, escritor, político, excelente analista y mejor conversador, me recibió en su casa de Madrid para esta entrevista. Los minutos pasaron volando con su proverbial gracia para dialogar y me regaló estas reflexiones suyas sobre democracia, libertad, literatura, América Latina y Cuba. Hoy las comparto con los lectores de 14ymedio que de alguna manera estuvieron, sin estar, en aquel salón iluminado por la luz del verano y por la lucidez del escritor.*⁴³

Vargas Llosa começa a entrevista realçando que, naquela época, a Revolução era tudo o que os jovens desejavam:

*La Revolución cubana fue para mi, como para muchísimos jóvenes, la aparición de una posibilidad con la que muchos soñábamos y que nos parecía inalcanzable. Una revolución socialista, que fuera al mismo tiempo socialista y libre, socialista y democrática. Eso les puede parecer hoy día un acto de ceguera, una insensatez, pero no lo era en ese momento. En ese momento eso era lo que nos pareció la Revolución cubana, hecha no por, sino fuera del Partido Comunista, una Revolución que tenía detrás de sí toda una gesta heroica. En los primeros momentos de la Revolución cubana, lo que nosotros queríamos ver en ella era lo que buscábamos. [...] Una Revolución que iba a hacer las grandes reformas sociales, que iba a acabar con la injusticia y al mismo tiempo iba a permitir la libertad, la diversidad, la creatividad y que no iba a adoptar la línea soviética del control estricto de todas las actividades creativas y artísticas.*⁴⁴

As críticas e dúvidas do escritor relativas à Revolução coincidiram com sua descoberta das Umaps e por conhecer diversos jovens do grupo El Puente⁴⁵, muitos deles mandados a essas unidades: “Muchas de las chicas y de los chicos que integraban aquel grupo yo los conocí, había entre ellos lesbianas y gays, pero todos eran revolucionarios,

⁴³ SÁNCHEZ, Yoani. “El mito de Cuba ya se ha despedazado en gran parte”. Disponível em <https://www.14ymedio.com/entrevista/Mario_Vargas_Llosa_0_1596440346.html>. Acesso em 15 jan. 2020.

⁴⁴ VARGAS LLOSA, Mario *apud* SÁNCHEZ, Yoani, *op. cit.*

⁴⁵ A editora El Puente criada em 1960, e foi dirigida por José Mario Rodríguez. Ela publicava textos de jovens intelectuais, como: Ana María Simo, Manuel Ballagas, Miguel Barnet, Nancy Morejón, Belkis Cuza Malé, Delfín Prats, Reinaldo Felipe (pseudônimo de Reinaldo Garcia Ramos), Isel Rivero, Georgina Herrera e Mercedes Cortázar. Cf. MISKULIN, Sílvia Cezar. Os intelectuais e a política cultural: os casos da editora El Puente e do periódico El Caimán Barbudo. *Anais Eletrônicos do V Encontro da Anphlac*. Belo Horizonte, 2000. Disponível em <http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/silvia_miskulin_1.pdf>. Acesso em 22 set. 2023.

absolutamente identificados con la Revolución. Buen número de ellos fue a esos campos de concentración, donde hubo hasta suicidios”.⁴⁶

Depois que estourou o caso Heberto Padilla, Llosa rompeu de vez com a Revolução e voltou a questionar, indiretamente, a existência das Umaps:

*Al poco tiempo vino la captura de Padilla, la carta que escribimos varios y que significó la ruptura de un número importante de intelectuales que no éramos comunistas pero que habíamos hecho nuestra la causa de la Revolución cubana. Para mí fue muy importante, porque yo recuperaré una libertad que había perdido durante esos años, por ese chantaje que fue tan eficaz de “no dar armas al enemigo”, “no puedes atacar a la Revolución cubana sin convertirte tú en un aliado del colonialismo, del imperialismo o del fascismo”. Bueno, pues a partir de entonces fui muchísimo más libre y me quedó por siempre, hasta ahora, la idea de haber contribuido de alguna manera a crear ese mito y a apoyar un sistema – que ya tiene 55 años – que ha convertido a Cuba en un campo de concentración y que ha frustrado a por lo menos tres generaciones de cubanos.*⁴⁷

Outro intelectual que era simpático à Revolução, mas que não se conformou com a institucionalização das Umaps foi Ambrosio Fornet⁴⁸, “uno de los intelectuales más reconocidos en la isla”.⁴⁹ Como já exposto no capítulo anterior, Fornet chamou essas unidades de “academia para producir machos”, advertindo sobre a repressão sofrida ali dentro, ao mesmo tempo em que associava suas críticas a uma herança machista.

La desafortunada iniciativa de la Umap, la idea de que tanto los jóvenes homosexuales como los religiosos – sobre todo los Testigos de Jehová, que rechazaban por convicción el uso de las armas – hicieran su servicio militar en unidades de trabajo, no en unidades de combate, se emparentaba a todas luces con la visión machista de aquellos padres burgueses que mandaban a sus hijos más díscolos o timoratos a escuelas militares para que “se hicieran hombres”. Recuerdo haberle dicho al amigo a quien antes aludí, cuando me preguntó sobre la discriminación a los homosexuales en Cuba, que esa actitud no tenía que ver con la Revolución, que nos llegaba de antaño, por la doble vía de la moral judeo-cristiana y la ignorancia, pero que tal vez el clima emocional de la plaza sitiada – que incluía la constante exaltación de las virtudes viriles –, así como la obsesión por enderezar tantas cosas

⁴⁶ VARGAS LLOSA, Mario *apud* SÁNCHEZ, Yoani, *op. cit.*

⁴⁷ *Idem.*

⁴⁸ Ambrosio Fornet, escritor, pesquisador, cineasta cubano e professor do Instituto Superior de Arte. Durante vinte anos foi editor do Ministerio de Educación cubano e do Instituto Cubano del Libro. Foi reconhecido com o prêmio nacional de editoração em 2002 e 2009. Ver *Ecured*. Ambrosio Fornet. Disponível em <https://www.ecured.cu/Ambrosio_Fornet>. Acesso em 26 dez. 2023.

⁴⁹ SIERRA MADERO, Abel. Academias para producir machos en Cuba. *Letras Libres*, Madrid, 21 jan. 2016. Disponível em <<https://www.letraslibres.com/espana-mexico/politica/academias-producir-machos-en-cuba>>. Acesso em 17 nov. 2019.

*torcidas de la vieja sociedad, nos llevaron a querer enderezar o restaurar también a los homosexuales, quienes no en balde eran descritos desde siempre con eufemismos como invertidos o partidos.*⁵⁰

Apesar de suas ressalvas à Cuba devido às Umap, o pesquisador não abonou os testemunhos exibidos no documentário *Conducta impropia*, por entender que eles provinham de sujeitos que estavam vivendo da indústria do anticomunismo.⁵¹ Todavia, Fornet manteve suas críticas à Revolução e à perseguição a escritores: “nosotros – los jóvenes que nos creíamos herederos y representantes de la vanguardia en el terreno artístico y literario – no podíamos comulgar con esa visión... Serio problema, puesto que en los círculos dogmáticos venía cobrado fuerza la idea de que las discrepancias *estéticas* ocultaban discrepancias *políticas*”.⁵²

Nesse contexto, mesmo antes do fechamento das Umap, a pressão mundial fez com que os atos dos oficiais dentro dessas unidades se modificassem ainda que de forma sutil: “Con el paso de los meses y un presumible aumento de la presión social e internacional, los jefes de las Umap modificaron paulatinamente las condiciones en sus unidades. Gestos tan simples como el de bajar el tamaño de las cercas de púas y el relajamiento en el trato hacia los ‘reclutados’ hicieron intuir a muchos que pronto todo iba a cambiar”.⁵³

Se grande parte da pressão intelectual pelo desmonte das Umap vinha do exterior, não devemos pensar que dentro da ilha não houvesse protestos ou manifestações contrárias à repressão sexual e a essas unidades. A dificuldade de encontrar registros sobre tais atos atestam que existiu um incentivo para que a população denunciasse atos considerados contrarrevolucionários, como a homossexualidade, sendo “conclamada a se converter em vigilante da revolução”.⁵⁴ Aliás, mesmo depois da extinção das Umap, prosseguiram o processo de desmoralização dos “desviados”, dos “não aptos” para o trabalho produtivo e até exortações para que, se o “desejassem”, saíssem do país.⁵⁵

⁵⁰ FORNET, Ambrosio. El quinquenio gris: revisitando el término. *Criterios*, La Habana, 2007, p. 8.

⁵¹ Cf. SIERRA MADERO, Abel. Academias para producir machos en Cuba, *op. cit.*

⁵² FORNET, Ambrosio, *op. cit.*, p. 4.

⁵³ *UmapCuba1965*. El silencio que no entierra a las Umap. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>. Acesso em 15 set. 2022.

⁵⁴ ANDRADE, Antonio. Piquetes e charutos: sobre críticas de Perlongher e Sarduy à repressão homossexual. *Literatura e Autoritarismo*, n. 19, Santa Maria, jan.-jun. 2012, p. 70.

⁵⁵ *Idem, ibidem*. p. 71. Andrade destaca que a população foi incentivada a sair às ruas gritando “que se vayan” a fim de “encorajar” a saída desses indivíduos.

Após o fim desses acampamentos, alguns oficiais externaram arrependimento por terem participado deles. Foi o caso de Felipe Santiago Guerra Matos⁵⁶, oficial responsável pelo fechamento dessas unidades: “Cometimos errores graves, castigos con los mariconcitos y se hicieron veinte cosas ahí. Los ponían a mirar el sol, a contar hormigas. Ponte a mirar el sol fijo pa’ que tú veas. Cualquier barbaridad que se le pudiera ocurrir a un oficial de poco cerebro. Yo tengo culpa también porque yo firme reclutamiento”.⁵⁷

As Umpas, além do mais, forneciam argumentos para os inimigos internos e externos, não bastassem contribuírem para pôr abaixo, pelo menos parcialmente, a rede de apoio de intelectuais progressistas espalhados pelo mundo. No flanco doméstico, a sua existência, por si só, abalava o discurso oficial, que, como frisa Jorge Luiz Teixeira Ribas, se nutria de um propósito “unificador dos ‘iguais’, sempre caracterizado por um ‘nós’ homogêneo e ligado pelo pertencimento comum”.⁵⁸

A vida pós-Umaps

Afinal, o que aconteceu com os reclusos após o desmantelamento das Umaps? Muitos deles não saíram com vida dessas unidades. José Caballero Blanco conta que havia algumas formas de ser liberado das Umaps. Uma delas, sendo maior de 28 anos, se bem que isso não era uma garantia absoluta. Outra era conhecer alguém “bien posesionado en las esferas políticas o militares”, o que poderia resultar na permissão para deixar o país. Outra justificativa plausível seria de doença que tornasse o interno improdutivo. Somente por uma dessas vias se obtinha “baja”.⁵⁹ Entretanto, muitos confinados, quando se viam sem opção ou abatidos com as torturas psicológicas e físicas, encontravam no suicídio uma alternativa dolorosa para se livrar desses campos de concentração, o que eles encaravam como um tipo de “baja”.⁶⁰

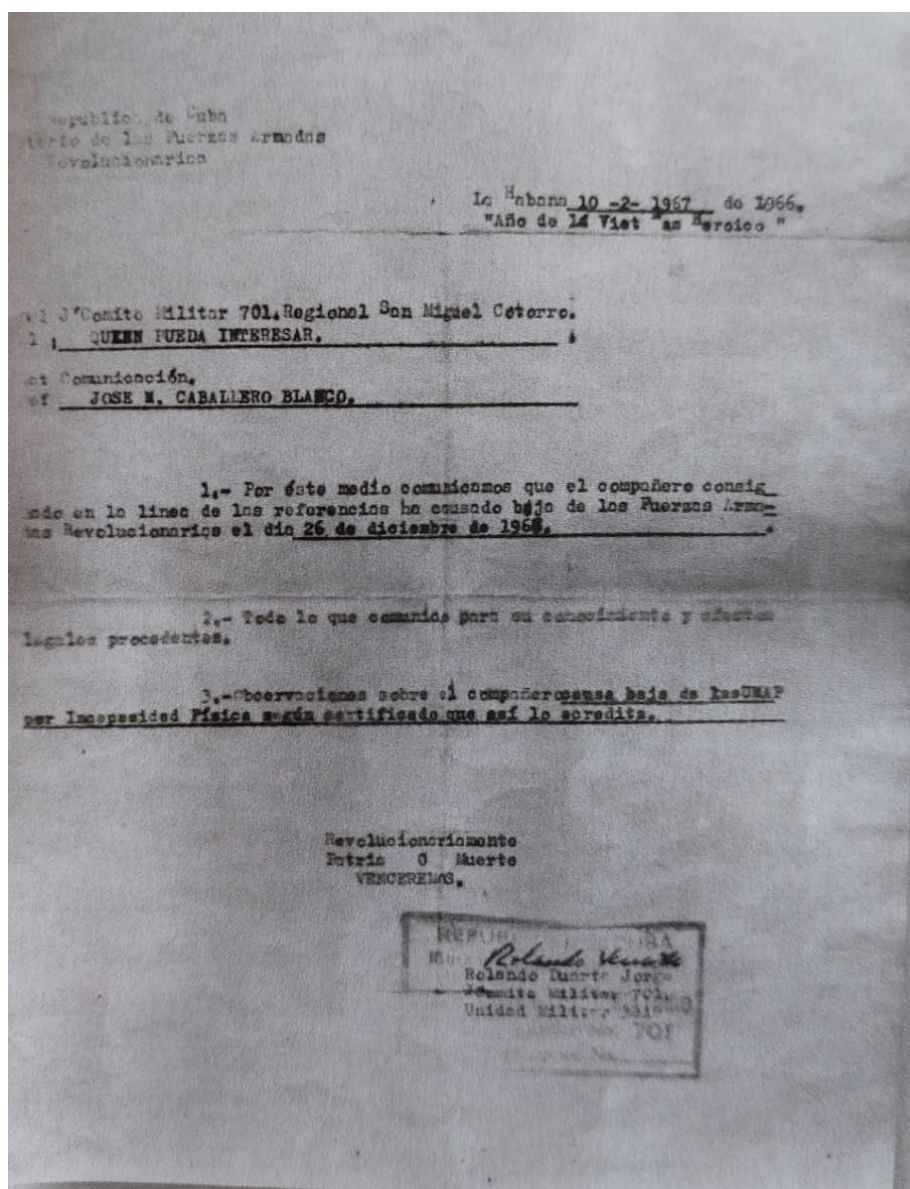
⁵⁶ Felipe Santiago Guerra Matos esteve à frente das Umaps entre 1966 e 1968. Com o triunfo da Revolução o capitão foi encarregado da direção de esportes do governo. Cf. SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida*, op. cit., p. 179.

⁵⁷ GUERRA MATOS, Felipe Santiago apud *idem*, *ibidem*, p. 178.

⁵⁸ RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. *Reinaldo Arenas: revolução, nação e homoerotismo em Cuba (1959-1980)*. Dissertação (Mestrado em História) – Unimontes, Montes Claros, 2018, p. 125.

⁵⁹ CABALLERO BLANCO, José. *Umap: una muerte a plazos*. S./l.: Dhar, 2013, p. 137.

⁶⁰ José Caballero expõe que muitos jovens detidos nessas unidades esperavam uma decisão para que pudessem sair de Cuba. Sabendo disso, os guardas criavam um jogo de trapaceiras e vaivéns, ora informando que a tão aguardada medida fora aprovada, ora desmentindo-a. Desiludidos, frustrados, houve quem se suicidasse, consumidos por ondas de desalento. A isso os internos chamavam de “baja a la tremenda”. *Idem*, *ibidem*, p. 139.



61

Figura 14. Documento de “baja” de José Caballero Blanco.

O próprio José Caballero conseguiu se libertar dessas unidades por motivo de doença. Por um tempo ele continuou a viver em Cuba. Nas últimas páginas de seu livro, Caballero conta que reencontrou, anos mais tarde, companheiros de reclusão e chefes dessas unidades. Um desses encontros se deu em um ônibus com um antigo interno, Carlos, que lhe relatou suas experiências pós-Umaps, no trabalho em construções na cidade de Camagüey. Outra vez topou com um ex-umapiano, Jorge. José Caballero informa que esse ex-confinado foi capturado tentando abandonar ilegalmente o país e foi mandado para outra prisão.⁶²

⁶¹ Extraída de *idem, ibidem*, p. 143.

⁶² *Idem, ibidem*, p. 145.

Sair das Umaps e acabar indo parar em outra prisão não era um caso isolado. Pablo Milanés revela, no documentário a ele dedicado⁶³, que, ao fugir delas (ele que fora preso por seu apoio crítico à Revolução), se entregou, algum tempo depois, ao SMO, porque sua mãe estava bastante angustiada com toda a situação que ele atravessava. Foi, então, enviado para “La Cabaña”, um estabelecimento destinado a prisioneiros comuns, na qual passavam por uma detenção temporária, mesmo sem terem cometido nenhum crime, até serem redirecionados as Umaps.⁶⁴

O último “reencontro” de José Cabellero ocorreu antes de sua partida para os Estados Unidos. Ele trabalhava como taxista, quando um ex-chefe, tenente Manresa, solicitou seu serviço. Sua reação foi de “vingança”: “antes de que pudiera abrir la puerta del carro, aceleré, dejándolo pasmado, com dos palmos de narices”.⁶⁵ Episódios do gênero à parte, tais relatos nos mostram que, observados determinados limites, muitos ex-umapianos arrumaram um jeito de sobreviver dentro da ilha. Os “jefes”, por outro lado, seguiram com sua vida.

O pós-Umaps de Pablo Milanés foi bem diferente do de José Caballero. O músico, como vimos, se considerava, apesar de preso, um revolucionário. Logo que saiu dessas unidades, optou por não “denunciá-las”, reconhecendo-as como uma experiência negativa apenas anos mais tarde, o que lhe acarretou duras críticas.⁶⁶ Milanés, após padecer nas Umaps, trilhou um caminho mais ameno que o da grande maioria de ex-reclusos. Continuou em Cuba fazendo o que amava, compor e cantar.⁶⁷

Outros relatos de ex-internos apontam noutra direção: eles como que exibem as marcas que as Umaps gravaram em suas vidas. Nem todos tiveram a “sorte” de conseguir de cara empregos e/ou de exilar-se, sentindo-se marginalizados e vítimas de preconceitos e estereótipos, como Moisés Machado Jardines: “Yo sentí asco por mi país [...] Por haber

⁶³ O documentário focaliza a trajetória do compositor e cantor Pablo Milanés e, em algumas passagens, aborda a repressão sofrida por ele nas Umaps. Nele se misturam falas de diversos músicos com imagens de discursos de Fidel Castro e intervenções musicais dos artistas. Seu foco principal recai mais em entrevistas. Ver *Pablo Milanés*. Direção: Juan Pin Vilar. Coprodução: Pablo Milanés, Ricardo Figueredo Oliva e Nancy Pérez Rey. Cuba: Pablo Milanés Oficina Artística, 2017 (52:03 min).

⁶⁴ Cf. *idem*.

⁶⁵ CABALLERO BLANCO, José. *Umap*, op. cit., p. 147.

⁶⁶ Néstor Díaz de Villegas referiu-se às contradições de Milanés, criticando-o o como revolucionário ingênuo e por entender que ele deveria pedir desculpas ao povo cubano porque, mesmo depois de sua prisão, manteve seu posicionamento favorável à Revolução. Ver DÍAZ DE VILLEGAS, Néstor. *Pablo Milanés, tú también tienes que pedir perdón*. Disponível em <https://diariodecuba.com/cultura/1522350074_38364.html>. Acesso em 9 jan. 2020.

⁶⁷ Ao longo de sua carreira, Pablo Milanés conquistou diversos prêmios por suas composições, entre eles o Premio Nacional de Música, em 2005. Em 2007 foi-lhe concedida a Medalha Haydée Santamaría, atribuída a cidadãos e grupos por sua contribuição à defesa e manutenção da cultura da América Latina. Ver *Ecured*. Pablo Milanés. Disponível em <https://www.ecured.cu/Pablo_Milan%C3%A9s>. Acesso em 24 jan. 2024.

estado en las Umap me vi marginado de mi antiguo trabajo y otros que intenté conseguir a la salida, y hasta perdí a mi esposa, que se marchó con mis dos hijos”.⁶⁸ Da mesma forma, afirma Raymundo García Franco: “Salimos muy traumatizados [...] Yo no podía comer, desayunaba y tenía el estómago lleno todo el día... algunas personas llegaron y me dijeron que no iba a ser persona más nunca, y me sugirieron que me fuera”.⁶⁹

Porém, nem todos os ex-umapianos tratam essas unidades como algo unicamente ruim. Para Noel Fernández, por exemplo, a despeito de todo mal que as Umaps causaram, elas não foram a maior desgraça de sua vida: “Aquello no fue el non plus ultra de la agonía, fue simplemente una escuela que nos enseñó mucho”.⁷⁰ Essa opinião é compartilhada por Ernesto Ruano: “Fue una etapa que me enseñó mucho del ser humano, me hizo ser más tolerante, más consciente de la complejidad de la vida y también, ¡qué ironía!, más seguro de mi fe”.⁷¹

A vida pós-Umaps não pode ser avaliada de maneira simplista, como se o fim dessas unidades implicasse a restituição da liberdade aos ex-confinados. Ele não significou necessariamente o desaparecimento da “vigilância”, tema explorado no primeiro capítulo desta dissertação. Os homossexuais, mesmo “livres”, ainda eram vigiados pela sociedade. Isso foi claramente exposto no filme *Fresa y chocolate*⁷² de

⁶⁸ MACHADO JARDINES, Moisés *apud UmapCuba1965*. El silencio que no entierra a las Umaps. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>. Acesso em 22 jan. 2024.

⁶⁹ GARCÍA FRANCO, Raymundo *apud UmapCuba1965*. El silencio que no entierra a las Umaps. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>. Acesso em 22 jan. 2024.

⁷⁰ FERNÁNDEZ, Noel *apud UmapCuba1965*. El silencio que no entierra a las Umaps. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>. Acesso em 22 jan. 2024.

⁷¹ RUANO, Ernesto *apud UmapCuba1965*. El silencio que no entierra a las Umaps. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>. Acesso em 22 jan. 2024.

⁷² *Fresa y chocolate*. Direção: Tomás Gutiérrez Alea e Juan Carlos Tabío. Cuba-México-Espanha: Icaic/Imcine/ TeleMadrid, 1993, (108 min). O filme se baseia no conto *El lobo, el bosque y el hombre nuevo*, de Senel Paz, que narra a história de Diego, homossexual assumido, e de David, revolucionário que vai investigar a conduta de Diego. No decorrer do longa-metragem os dois protagonistas tentando encontrar espaço para expressar sua individualidade. A obra ganhou vários prêmios dentro e fora de Cuba. As opiniões sobre ela se dividiram: de um lado, percebeu-se nela uma crítica às práticas repressivas do governo revolucionário; outros a enxergaram como uma tentativa de uma manipulação da própria Revolução para “limpar” a sua imagem após o documentário *Conducta impropia* (note-se que o Icaic foi coprodutor da película).

Tomás Gutiérrez Alea⁷³ e Juan Carlos Tabío.⁷⁴ Em uma cena, Diego chama David para ir a sua casa e, ao chegarem na escada, ele o puxa para se esconder. David fica curioso sobre o porquê de tal ação. Diego responde que a mulher, que então aparece, era da vigilância, sempre atenta a seus problemas com o sistema. Um ponto interessante: ela passa cantarolando uma canção do músico e guitarrista porto-riquenho é a música que a mulher da vigilância passa cantarolando. Trata-se da canção de José Feliciano, “Por seguir tus huellas”. Nada coincidentemente, a parte cantada é “dices que mi muerte la estás deseando/ porque perjudico tu reputación”.

O filme recorre ainda a vários elementos intertextuais que demonstram como a repressão podia atuar de forma psicológica. Marina de Moraes Faria Novais assinala que na película

*há também a presença do próprio mural do Comitê, que constitui de uma espécie de ligação entre os bairros e o governo central, que serve não apenas para informes legais, como também para convocações de reuniões e, principalmente, fiscalização de situações consideradas “suspeitas” dentro do contexto local, como roubos, violência, possíveis oposições etc. É uma espécie de apoio à polícia também. Assim, a presença do intertexto ali (que aparece também em várias outras cenas do filme) reforça a vigilância constante a qual o personagem está submetido, devido a sua orientação sexual.*⁷⁵

Enfim, na sociedade cubana sem as Umaps, os homossexuais nem de longe estavam isentos de arcar com persistentes preconceitos. *Fresa y chocolate* não oculta tal realidade. O filme expõe os problemas com os quais se depara Diego, constrangido a carregar o pesado fardo representado pela sua sexualidade. Nesse passo, mostra a visão tacanha de David, para quem os “maricones” seriam todos contrarrevolucionários, “lacras sociales”.

Todos esses testemunhos sobre as Umaps nos fazem pensar novamente sobre os embates de memória e até mesmo na sua construção em torno delas. Por um lado, era

⁷³ Tomás Gutiérrez Alea, diretor e roteirista cubano com diversos filmes e documentários premiados em Cuba e no exterior. Ver *Ecured*. Tomás Gutiérrez Alea. Disponível em <https://www.ecured.cu/Tom%C3%A1s_Guti%C3%A9rrez_Alea>. Acesso em 26 out. 2023. Sobre esse cineasta e os dilemas do cinema cubano nos anos 1980, ver VILLAÇA, Mariana Martins. Cinema cubano: a ousadia e limites de *Hasta cierto punto*. *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v. 8, n. 13, Uberlândia, jul.-dez. 2006.

⁷⁴ Juan Carlos Tabío, diretor e roteirista cubano, produtor de filmes como *El cuerno de la abundancia*, *Guantanamo* e *Se permuta*. Ver *Ecured*. Juan Carlos Tabío. Disponível em <https://www.ecured.cu/Juan_Carlos_Tab%C3%ADo>. Acesso em 26 out. 2023.

⁷⁵ NOVAIS, Mariana de Moraes Faria. *Fresa y Chocolate e Guantanamo*. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 30 n. 3, Belo Horizonte, out. 2020, p. 139.

muitas vezes difícil para os ex-umapianos lembrar suas experiências, fosse por medo ou por vergonha, a ponto de alguns não conseguirem tratar disso abertamente e até se matando, como foi o caso de Benjamín de la Torre, cujas memórias foram vieram a público graças à sua irmã Carolina de la Torre Molina.⁷⁶ Outros demoraram anos para, enfim, socializar seus relatos. O livro de Jose Caballero Blanco somente foi lançado em 2008. Por sinal, como assinala Cleber Vinicius do Amaral Felipe ao estudar a literatura de testemunho, os sobreviventes por vezes são incapazes de narrar suas vivências, ao se verem diante da contingência de traduzir sentimentos dolorosos em escrita.⁷⁷ Pedro Juan Gutiérrez, por exemplo, publicou seu livro apenas em 2015, depois de mais de 20 anos escrevendo.

Por outro lado, o governo cubano procurou propagar outra memória atrelada às pessoas LGBTQIA+, numa tentativa de ressignificar as memórias de repressão. A marcha Del Orgullo Al Moncada ilustra isso: como já mencionamos, essa iniciativa relacionou o assalto do quartel Moncada ao orgulho LGBTQIA+, gerando incredulidade e revolta de muitas pessoas para as quais, mesmo tentando se “redimir”, o Estado revolucionário não pode ocultar por completo uma profunda ferida aberta. Daí os protestos dos críticos da Revolução: “Es que dan asco. Después de tanta represión a la comunidad, precisamente por parte de esos asaltantes. Ahora quieren ser aliados para maquillar la historia. Tienen una deuda moral y espiritual que nunca van a poder pagar contra las víctimas LGBT que sufrieron tanta crueldad”.⁷⁸

Em suma, o fechamento das Umaps não sepultou em definitivo sua existência. Daí que, “livres”, um grupo de ex-internos resolveu revisitar os momentos lá vividos por intermédio do *blog UmapCuba1965*, responsável por promover um evento sobre os 50 anos dessas unidades, cujo principal intuito consistiu em alardear suas histórias. Nessas circunstâncias, emergiu um profundo ódio pela Revolução por parte de muitos dos ex-confinados, que esperam, até hoje, ao menos um pedido de desculpas e uma autocritica do governo cubano. Outros – por mais surpreendente que seja – preferiram olhar essa experiência por outro prisma, revelando até certa condescendência ao enxergá-las como um meio de crescimento espiritual.

⁷⁶ DE LA TORRE MOLINA, Carolina. *Benjamín: cuando morir es más sensato que esperar*. Madrid: Verbum, 2018.

⁷⁷ FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral. Primo Levi e a literatura de testemunho: uma (in)definição. *Locus: Revista de História*, v. 28, n. 1, Juiz de Fora, 2022, p. 231.

⁷⁸ *DIARIO de Cuba*. Relacionar el Orgullo LGBTQI con el asalto al Moncada: un nuevo “aporte” de Mariela Castro para defender al régimen. Disponível em https://diariodecuba.com/cuba/1656500088_40562.html.

De todo modo, as Umaps deixaram uma mancha indelével na história cubana e abriram portas para críticas dos que se empenham, acima de tudo, a defender – acriticamente ou não – a decantada “liberdade” que imperaria sob as bênçãos do sistema capitalista. Por mais que o contexto cubano haja se modificado drasticamente em relação à questão da homossexualidade, as Umaps, por comporem uma parte trágica da Revolução Cubana, sempre serão usadas para atacar o processo revolucionário implantado na ilha caribenha.

Considerações finais

Quando nos reportamos às Umaps, observamos que esse é um nervo sensível – permanentemente exposto – caro à Revolução Cubana. Para tentarmos não ser redundante, deixaremos de lado a prática tradicional de repisar, sinteticamente, nas considerações finais, o já dito e redito. Buscarei, ainda que modo bastante breve e superficial, lançar um outro olhar sobre a questão, relacionando-a, de certa maneira, com o contexto contemporâneo de Cuba, isso porque não é de hoje que as discussões sobre sexualidade na ilha caribenha ganharam um foco especial no mundo, principalmente quando falamos sobre as Umaps.

Ao nos referirmos a esses acampamentos, observamos que a memória em torno deles é cercada de disputas entre a versão oficial e testemunhos de sujeitos que vivenciaram a experiência no interior das Umaps. Muitas vezes os argumentos tendem a se resumir a críticas ao governo revolucionário, conferindo destaque às formas de torturas psicológicas e físicas. Frequentemente os ex-internos são rebaixados à situação de indivíduos extremamente passivos e os governantes, alçados à condição de integrantes de um sistema de poder soberano, que procurava reabilitar os “sexualmente desviados” e transformá-los em guerrilheiros viris, assim como Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, sem nenhum tipo de resistência.

No entanto, não devemos fechar os olhos ante o fato de que os confinados nas Umaps eram, em alguma medida, igualmente detentores de poder, por menor que ele fosse. E isso concorreu, sob diversos aspectos, para desencadear a profunda mudança verificada nas últimas décadas em relação à homossexualidade em Cuba.

Impõe-se, portanto, ressaltar a importância dos testemunhos expostos nesta dissertação, por mais que eles provenham de pessoas, não sempre, mas frequentemente marcadas pelo ressentimento, pela dor, pelo ódio à Revolução e pelo engajamento na luta anticomunista que se alimenta, não raro, da celebração mais ou menos ilusória da “democracia” reinante no mundo capitalista. Mais uma vez, vale lembrar que Cuba aprovou o casamento entre pessoas do mesmo sexo, em 2022, e tem criado significativas políticas públicas, por meio do Cenesex ou de outros órgãos não oficiais, para pôr fim à homofobia, mostrando que o debate sobre homossexualidade não ficou estacionado no tempo. Amplia-se, crescentemente, o espaço para a manifestação de diferentes sexualidades. Exemplos disso são as marchas LGBTQIA+, que acontecem geralmente

em maio, e outras passeatas que ocorreram após a aprovação do Código de las Familias. Eis um sinal indiscutível de que se o país, atualmente, está longe de ser um paraíso para indivíduos LGBTQIA+, ele é bem diferente daquele em que as Umaps foram instituídas.

Isso não quer dizer que antigas concepções foram completamente superadas, até porque arraigados preconceitos não se removem por decreto ou por imposição governamental, apesar do combate oficial movido, hoje, contra eles. E essa transformação – repetimos – guarda relação direta com a rememoração e com os testemunhos dos ex-internos dessas unidades e com a pressão de intelectuais, no âmbito nacional e internacional, e de setores da esquerda em geral.

Seja como for, a trajetória das Umaps se imbrica com uma intrincada teia de transformações sociais, políticas e culturais. A análise crítica dessas unidades revela nuances importantes para compreender o presente. Entretanto, apesar dos avanços, é vital reconhecer que a luta pela igualdade continua não sendo isenta de desafios.

As memórias das Umaps emergiram como um grito de resistência e mudança. Ao lado da ação, no plano doméstico, de homossexuais e, como não admitir?, da relativa permeabilidade e/ou sensibilidade do governo cubano diante das demandas desse segmento da população, vive-se, no momento, uma Cuba muito menos homofóbica. Como nem tudo são flores, é necessário manter na ordem do dia a afirmação de um país mais inclusivo, onde a diversidade sexual seja, efetivamente, o pão nosso de cada dia.

Anexo I – Umaps¹

UMAP CUBA 1965

“DONDE NUNCA EXISTIÓ UN GESTO HUMANO”

[buscar](#)

INICIO » CAMPOS DE CONCENTRACIÓN

Campos de Concentración



NUESTRA REALIDAD

La tiranía estableció a los confinados dos opciones para salir de los campos de concentración: aceptar la doctrina comunista o muertos. La derrota del régimen fue que no pudo doblegarnos y salimos más fortalecidos en nuestra Fé, manteniendo el principio fundamental que nos llevo allí ¡SI A DIOS! NO al Comunismo.

Provincia Camagüey, Cuba

Campamento

Localización aproximada

1	Antón	Camino de Jimaguayú
2	Bernal 4	Carretera de Jatibonico
3	Cacagual	Entre Morón y Ciego de Ávila
5	Ceballos	Cerca de Jatibonico, próximo a Morón.
4	Campo Cardoso	Cerca de Esmeralda, próximo a Nijjal
6	Cunagua	Varios campamentos en Ceballos
7	Céspedes (44 De)	Próximo a Florida
8	La Cien	Cerca de Jaronú
9	Chambas	Camino de Fallas y Morón
10	Cubitas	Próximo a Macareño, Santa Cruz del Sur
11	El desengaño	Entre Morón y Ciego de Ávila
12	Elia	Cerca de Guáimaro
13	Esmeralda	Al norte, próximo Bahía de Jagüey
14	La Estrella	Próximo a Florida
15	La Fortuna	Entronque de Perú
16	Falla	Próximo a la Laguna de Lecho
17	Gato Prieto	Cerca de la costa – Morón
18	Guayabal	Al norte, próximo a la Bahía de Jigüey
19	Hatuey	Yaya y el Sanjón, San Luis de las Deseadas
20	El Infierno	
21	Júcaro	Cerca de Ciego de Ávila
22	Jucarito	Camino a Jaronú
23	Kilo 5	
24	Kilo 8	
25	Kilo 10.5	

PENSAMIENTO

“Los pueblos han de tener una picota para quien les azuza a odios inútiles; y otro para quien no les dice a tiempo la verdad”

José Martí

CONTACTENOS

786 621-7505 Phone
umapCuba1965@aol.com

¹ À falta de outras fontes, reproduzimos aqui e no próximo anexo informações que figuram no *blog anticasta* UmapCuba1965, produto de seu constante trabalho de questionamento da Revolução Cubana. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/campos-de-concentracion-umap/>>

26	Laguna Grande	Cerca de Lugareño
27	Lugareño	Camino al sector Norte de Nuevitas
28	Las Tumbas	Florida
29	La Señorita	Cerca de Esmeralda
30	Manantial	Próximo al Central Vertientes
31	Magara Bomba	Cercano a un barrio de Florida
32	Manga Larga	Entronque de Cunagua (12 campamentos)
33	Manezal (Malisar)	Costa norte, Manga Larga (Homosexuales)
34	Los Mameyes	Cerca de Manatí
35	Mamanantuo	Entre Florida y Jaronú
36	Mijial 1	Ciego de Ávila, cerca de Esmeralda
37	Mijial 2	Ciego de Ávila, cerca de Esmeralda
38	Miraflores	Próximo a Morón
39	Mola	Hacia Nuevitas
40	Monte Quemado	Próximo a Lugareño, e/ la Gloria y Sabanilla
41	Palmarito	
42	Pedraza	Cerca de Morón
43	Purificación	Próximo Central Baraguá, e/ Ciego y Florida
44	Pablo Pérez	Norte de Jatibonico
45	Peonía	
46	Piedrecita	Al norte de Florida
47	Quince y medio	Camino al Central Steward, cerca de Júcaro
48	Samalagrana	Próximo a Esmeralda, cercano a la Señorita
49	Santa Susana	Al norte, cerca de Vertientes -Disciplinario-
50	Sibanicú	Próximo a Cascarro
51	Tres Golpes	Entre Ciego y Morón
52	Vega 1	Camino al Central Vertientes
53	Vega 2	Camino al Central Vertientes
54	La Virginia	Entre Florida y Camagüey

Anexo II – Represores¹

UMAP CUBA 1965

“DONDE NUNCA EXISTIÓ UN GESTO HUMANO”

Buscar

buscar



INICIO » REPRESORES DATA

Represores Data



NUESTRA REALIDAD

La tiranía estableció a los confinados dos opciones para salir de los campos de concentración: aceptar la doctrina comunista o muertos. La derrota del régimen fue que no pudo doblegarnos y salimos más fortalecidos en nuestra Fé, manteniendo el principio fundamental que nos llevo allí ¡SI A DIOS! NO al Comunismo.

Represores

Jefatura de Mandos

Jefe: comandante Ernesto Casillas Palenzuela, miembro del Comité Central del CC PCC

Segundos Jefes: comandante Reinaldo Mora Pérez y comandante José Ramón Silva Berroa, miembro del CC PCC

Jefe Estado Mayor: primer capitán José Quintín Sandino Rodríguez.

Comandantes: José Ramón Silva miembro Comité Central del Partido, Rogelio Acevedo González miembro Comité Central del Partido, Víctor Dreke Cruz miembro Comité Central del Partido, Rene de los Santos Ponce miembro Comité Central del Partido, Ramón Pardo Guerra miembro Comité Central del Partido, Belarmino Castilla Más.

Capitanes: Israel Pardo Guerra, Quintín Pino Machado, Reinaldo Mora Pérez, Carlos Cabale Araujo, Felipe S. Guerra Matos, José Arnaldo Durán Bravet – Zapata- jefe zona Vertientes, Ernesto Rosales Matos jefe Batallón 8, Jorge Álvarez, Israel Ruiz Artime jefe Agrupación Morón, Mario Ramos, Cruz Moya, Julio Fleites, Iván Magaña. Valdivia, Bazooka, Cabarales, Miguel Ángel Espinosa, San José, José O Sandino, Ramón Zaldívar, Barcelo, Cabrales, Parla, Miguel Ginaste, Machado, Addys Torres Fera, Teofilo Aguilera Betancourt, Sandino, José Duran, Orlando Benítez 2do Jefe Vertientes,

Tenientes: Rio Almendal, Cándido Fuentes Ortiz, Mario Vigueras, Rito Gómez, Francisco González, Gregorio González, Capote, Montpelier, Abilio Díaz, Marcelino Falcón Matos, Mario Mijares, Mora Rizos, Fera, La Rosa, Lavandeira, Maderal, Nivaldo Pereira, Alejandro Pineda Guerra, Segura, Juan Soto Pérez, Marcial Sotomayor, Héctor Téllez, Mario Vigueras, Izquierdo Blanco, Fera, Robledo, Leonel Villareal, Meido Costa, Palmeiro, Mora Rizos, Ismael Pérez jefe Compañía Batallón 13, Egardulio Quintana, Tosca teniente de milicia, Sosias, Oviedo teniente de milicias, Sobredo jefe campamento Ti-Mango, Despaigne segundo mando Ti-Mango, Oscar Quintero López, Cunagua, Mario Ramos Manga Larga 5,

Sargentos: Rolando Alacan, Alfredo Almaguer, Admiro, Jorge Camacho, Julio V González, Porfirio González, Céspedes, Olivera, Pérez Lora, Pernas, Saborit, Sosias, Luis Manuel Castellanos Fernández, Mario Colinas, Luis Echevarría, Rojas, Corzo, Héctor Hernández Hernández, Oscar Llera, Armona, Calitre, Alipio, Félix Rodríguez, Solís, Bacallao, Sotomayor, Pérez Lora, Paz Zamora,

PENSAMIENTO

“Los pueblos han de tener una picota para quien les azuza a odios inútiles; y otro para quien no les dice a tiempo la verdad”

José Martí

CONTACTENOS

786 621-7505 Phone
umapCuba1965@aol.com

¹ Ver nota anterior.

Ulasse jefe de la disciplinaria, Romelio Artega, Cedeño campamento Manga Larga 5, Bicet campamento entronque Cunagua, Alberto Rodriguez Perez, El Gallego,

Cabos: Jorge Martínez, Palmeiro, Luis Manuel Castellanos, Edel de Casablanca Habana, Jaime, Mongo Castro de Caimanera Oriente, Angélico Cardoso de Güines, Gutiérrez, Osorio,

Cabos Umap: Valdivieso

Soldados: Luis Díaz Campanería,

Médicos: Comandante Trigo jefe médico de Camagüey, Vázquez Huerta,

Sicólogos colaboradores: María Elena Solé, Liliana Morenza,

Fiscales: José Eduardo Ferol Hernández,

FONTES

Bibliográficas

ANDRADE, Antonio. Piquetes e charutos: sobre críticas de Perlongher e Sarduy à repressão homossexual. *Literatura e Autoritarismo*, n. 19, Santa Maria, jan./jun. 2012.

<https://doi.org/10.5902/1679849X69666>

ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho (1967 - 1990)*. Sevilla: Point de Lunettes, 2010.

AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora. Unesp, 2004.

BANDERA, Vinicius. O poder econômico dos anos 60. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998.

CABALLERO BLANCO, José. *Umap: una muerte a plazos*. S./l.: Dhar Services, 2003.

CABRERA, Isabel Ibarra e MARQUES, Rickley Leandro. O filme documentário *Mauvaise conduite*: memória e direitos humanos em Cuba. *Anos 90*, v. 24, n. 46, Porto Alegre, dez. 2017. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.75368>

CASTRO, Fidel Castro. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la concentración celebrada a su llegada del extranjero, en la Plaza Cívica, el 8 de mayo de 1959*. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f080559e.html>>.

_____. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario y secretario del PURSC, como conclusión de las reuniones con los intelectuales cubanos, efectuadas en la Biblioteca Nacional, el 16, 23 y 30 de junio de 1961*. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f300661e.html>>.

_____. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comité central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, para comemorar o VI aniversario del asalto ao palácio presidencial, celebrado en la escalinata de la Universidad de Havana, el 13 de marzo de 1963*. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html>>.

_____. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del comité central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, en la conmemoración del IX aniversario del asalto al palacio presidencial, celebrado en la escalinata de la Universidad de la Habana, el 13 de marzo de 1966*. Disponível em <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f130366e.html>>.

CHE GUEVARA, Ernesto. *El socialismo y el hombre en Cuba*. La Habana: Editora Política, 1988.

DE LA TORRE MOLINA, Carolina. *Benjamin: cuando morir es más sensato que esperar*. Madrid: Verbum, 2018.

DÍAZ, Danuel. El fantasma de Sartre en Cuba. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 679, 2007.

FERNÁNDEZ, Numancia. Necesidad del trabajo en el frente infantil. *Guía para la Acción*, v. 3, La Habana, 1966, *apud* SIERRA MADERO, Abel. El cuerpo nunca olvida: trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959-1980). Santiago de Querétano: Rialta, 2022.

FORNET, Ambrosio. El quinquenio gris: revisitando el término. *Criterios*, La Habana, 2007.

GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *Fabián e o caos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

LACERDA, Glauber Brito Matos e VILLAÇA, Mariana Martins. “*Estudo, trabalho, fuzil*” e rock em Cuba: a música dos Beatles no Noticiário Icaic Latinoamericano (1965-1972). *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v. 25, n. 46, Uberlândia, jan.-jun. 2023. <https://doi.org/10.14393/artc-v25-n46-2023-71196>

MARQUES DE ARMAS, Pedro. *Ciencia y poder en Cuba: Racismo, homofobia, nación (1790-1970)*. Madrid: Verbum. 2014.

MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. Tese (Doutorado em História) – UnB, Brasília, 2009.

_____. O papel dos intelectuais na revolução cubana: o caso Padilla. *Em Tempo de Histórias*, n. 13, Brasília. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/20030>>.

MARZAL, Javier Ladrón de Guevara, MARTINHAGO, Fernanda e CAPONI, Sandra. A sociedade socialista não pode permitir esse tipo de degenerações: as UMAP como dispositivos disciplinares da revolução cubana. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, n. 38, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/sess/a/yyPTt8JbfRwsg5btZX3h3LC/?lang=pt&format=pdf>>.

MISKULIN, Sílvia Cezar. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)*. São Paulo: Alameda, 2009.

_____. A política cultural no início da revolução cubana: o caso do suplemento cultural Lunes de Revolución. *Outubro: Revista de Estudos Socialistas*, v. 1, n. 6, São Paulo, out. 2002. Instituto de Estudos Socialista. Disponível em <<http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-6-Artigo-07.pdf>>.

_____. O ano de 1968 em Cuba: Mudanças na política internacional e na política cultural. *Esboços: Histórias em Contextos Globais*, v. 15, n. 20, Florianópolis, abr. 2009. <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2008v15n20p47>

NOVAIS, Mariana de Moraes Faria. Fresa y Chocolate e Guantánamera. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 30, n. 3, Belo Horizonte, out. 2020. <https://doi.org/10.35699/2317-2096.2020.25637>

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Che Guevara e a luta revolucionária na Bolívia*. São Paulo: Xamã, 2008.

_____. Che Guevara e o “homem novo”. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Xamã, 1998.

PRADO, Giliard da Silva. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018.

RESOLUÇÕES do I Congresso Nacional de Educação e Cultura. São Paulo: Livramento, 1980.

RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. *Reinaldo Arenas: revolução, nação e homoerotismo em Cuba (1959-1980)*. Dissertação (Mestrado em História) – Unimontes, Montes Claros, 2018.

_____. Revolução, contrarrevolução e homossexualidade em Cuba: alguns apontamentos. *Caderno de Pesquisa do CDHIS*, v. 31, n. 1, Uberlândia, jan.-jun. 2018. <https://doi.org/10.14393/cdhis.v31n1.2018.46424>

SADDI, Rafael. *O ascetismo revolucionário do movimento 26 de julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)*. Tese (Doutorado em História) – UFG, Goiânia, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. *Furacão sobre Cuba*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1986.

SCHEID, Natália Iglésias da Silva. *As representações da Revolução e do feminino no cinema cubano: Retrato de Teresa (1979), No hay sábado sin sol (1979), Hasta cierto punto (1983) e Los pájaros tirándole a la escopeta (1984)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFMG, Belo Horizonte, 2019.

SIERRA MADERO, Abel. *Del otro lado del espejo: la sexualidad en la construcción de la nación cubana*. La Habana: Casa de las Américas, 2006.

_____. Cuerpos en venta: pinguerismo y masculinidad. *Letras Libres*, Madrid, 21 jan. 2016. Disponível em <https://diariodecuba.com/cultura/1373417121_4154.html>.

_____. *El cuerpo nunca olvida: trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959-1980)*. Santiago de Querétano: Rialta, 2022.

_____ e GUERRA, Lillian. "Lo de las Umaps fue un trabajo "top secret": entrevista a la Dra. María Elena Solé Arrondo. *Cuban Studies*, 44, Pittsburgh, 2016. <https://doi.org/10.1353/cub.2016.0026>

SILVA, Alexsandro de Sousa e VILLAÇA, Mariana Martins. As escolas internacionalistas da Ilha da Juventude: formação revolucionária de jovens africanos em Cuba (anos 1970 e 1980). *Varia História*, v. 38, n. 76, Belo Horizonte, jan.-abr. 2022. <https://doi.org/10.1590/0104-87752022000100007>

SILVESTRI-LÉVY, Alessandra e LOVINY, Christophe. *Cuba por Korda*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

SUÁREZ, Yoe. *La Umap de Valentín*. Disponível em <https://revistaelestornado.com/_trashed/>.

TAHBAZ, Joseph. *Demystifying las Umap: the politics of sugar, gender, and religion in 1960s Cuba*. Disponível em <<https://udspace.udel.edu/items/67eb987d-d6cb-43be-b6ef-4579136d8213/>>.

TARGINO, Maria das Graças. Blogs como instrumento de legitimação de lutas sociais em Cuba. *Informação & Informação*, v. 18, n. 3, Londrina, set. 2013. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2013v18n3p199>

VILLAÇA, Mariana Martins. Cinema cubano: a ousadia e limites de *Hasta cierto punto*. *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v. 8, n. 13, Uberlândia, jul.-dez. 2006.

Blogs

14YMEDIO. Disponível em <<https://www.14ymedio.com/>>.

BRASIL de Fato. Cuba inicia consulta sobre novo Código de Família. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2022/02/01/cuba-inicia-consulta-sobre-novo-codigo-de-familia>>.

BERNAK LUMPUY, Luis *apud UmapCuba1965*. Testemonios – Verdad Oculta. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/verdad-oculta/>>.

CASTELLANO FERNÁNDEZ [depoimento]. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>.

CASTRO, Mariela. Sobre homofobia, Fidel sempre assumiu responsabilidades, diz Mariela Castro. Entrevista concedida a *Opera Mundi*. 2 fev. 2013. Disponível em <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/26925/sobre-homofobia-fidel-sempre-assumiu-responsabilidades-diz-mariela-castro>>.

CENESEX. *Quiénes somos?* Disponível em <<https://www.cenesex.org.wp-content/themes/cenesex/quienes-somos>>.

CENTRO Nacional de Educación Sexual (Cenesex). Disponível em <<https://www.cenesex.org>>.

DÍAZ DE VILLEGAS, Néstor. *Pablo Milanés, tú también tienes que pedir perdón*. Disponível em <https://diariodecuba.com/cultura/1522350074_38364.html>.

DÍAZ INFANTE, Duanel. Disponível em <<https://duaneldiaz.academia.edu/>>.

DIARIO de Cuba. Disponível em <<https://www.diariodecuba.com/>>.

_____. Relacionar el Orgullo LGBTQI con el asalto al Moncada: un nuevo “aporte” de Mariela Castro para defender al régimen. Disponível em <https://diariodecuba.com/cuba/1656500088_40562.html>.

ECURED. Ambrosio Fornet. Disponível em <https://www.ecured.cu/Ambrosio_Fornet>.

_____. Carlos Manuel de Céspedes García-Menocal. Disponível em <[https://www.ecured.cu/Carlos_Manuel_de_C%C3%A9spedes_Garc%C3%A1_Da-Menoca/\(1936-2014\)](https://www.ecured.cu/Carlos_Manuel_de_C%C3%A9spedes_Garc%C3%A1_Da-Menoca/(1936-2014))>.

_____. Casa de las Américas. Disponível em <https://www.ecured.cu/Casa_de_las_Am%C3%A9ricas>.

_____. Centro Nacional de Educación Sexual (Cenesex). Disponível em <https://www.ecured.cu/Centro_Nacional_de_Educacio%3n_Sexual>.

_____. Ejército Juvenil del Trabajo (EJT). Disponível em <<https://www.ecured.cu/EJT>>.

_____. Juan Carlos Tabío. Disponível em <https://www.ecured.cu/Juan_Carlos_Tab%C3%ADo>.

_____. Mariela Castro. Disponível em <[https://www.ecured.cu/Mariela Castro](https://www.ecured.cu/Mariela_Castro)>.

_____. Mario Vargas Llosa. Disponível em <https://www.ecured.cu/Mario_Vargas_Llosa>.

_____. Mirta Aguirre. Disponível em <https://www.ecured.cu/Mirta_Aguirre>.

_____. Pablo Armando Fernández Pérez. Disponível em <https://www.ecured.cu/Pablo_Armando_Fern%C3%A1ndez>.

_____. Pablo Milanés. Disponível em <https://www.ecured.cu/Pablo_Milan%C3%A9s>.

_____. Roberto Fernández Retamar. Disponível em <https://www.ecured.cu/Roberto_Fern%C3%A1ndez_Retama>.

_____. Pedro Juan Gutiérrez. Disponível em <https://www.ecured.cu/Pedro_Juan_Guti%C3%A9rrez>.

_____. Tomás Gutiérrez Alea. Disponível em <https://www.ecured.cu/Tom%C3%A1s_Guti%C3%A9rrez_Alea>.

_____. Unión de Escritores y Artistas de Cuba (Ueac) Disponível em <https://www.ecured.cu/Uni%C3%B3n_de_Escritores_y_Artistas_de_Cuba>.

_____. Unión de Jóvenes Comunistas (UJC). Disponível em <https://www.ecured.cu/Uni%C3%B3n_de_J%C3%B3venes_Comunistas>.

_____. Yoani Sánchez. Disponível em <https://www.ecured.cu/Yoani_S%C3%A1nchez>.

ESCOBAR, Luz. El orgullo LGTBI se moviliza en Cuba con pegatinas en lugares públicos. 28 jun. 2022. Disponível em <https://www.14ymedio.com/sociedad/LGBTI-Cuba_0_3120887885.html>.

ESCOBAR, Reinaldo. Disponível em <<https://www.anikaentrelibros.com/autores/r/reinaldoescobar/>>.

_____. *La Unión de Jóvenes Comunista y la devaluación de su militancia*. Disponível em <https://www.14ymedio.com/blogs/desde_aqui/Union-Jovenes-Comunista-devaluacion-militancia_7_1975072474.html>.

GARCÍA FRANCO, Raymundo *apud UmapCuba1965*. El silencio que no entierra a las Umaps. Disponível em <<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>.

GARCÍA MARTINEZ, Francisco. Disponível em <<https://www.umapcuba1965.wordpress.com/asociacion-2/>>.

GENERACIÓN Y. Disponível em <https://www.14ymedio.com/blogs/generacion_y>.

GREENE, Graham. Disponível em <https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=263883>.

GUERRA MATOS, Felipe Santiago *apud* SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida: trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959-1980)*. Santiago de Querétano: Rialta, 2022.

IMDb. Manuel Zayas Biography. Disponible em https://www.imdb.com/name/nm1392402/bio?ref_=nm_ov_bio_sm/.

JIMÉNEZ LEAL, Orlando. Disponible em http://esp.wikipedia.org/wiki/Orlando_Jim%C3%A9nez_Leal.

KORDA, Alberto. *Alberto Korda Bio*. Disponible em <https://www.albertokorda.photo/bio-alberto-diaz-gutierrez-korda/>.

LA PALABRA revolución ardía: poemas de José Mario. Disponible em <https://www.neoclubpress.com/la-palabra-revolucion-ardia-poemas-de-jose-mario/>.

LEVINO, José. *Celia Sánchez: a flor mais autóctone da revolução. A verdade*. Disponible em <https://averdade.org.br/2011/09/celia-sanchez-a-flor-mais-autoctone-da-revolucao/>.

MACHADO JARDINES, Moisés *apud UmapCuba1965*. El silencio que no entierra a las Umap. Disponible em <https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>.

MARTÍNEZ, Raimundo Jorge *apud Verdades Ofenden: Umap, campos de concentración en la Cuba de Fidel Castro*. Disponible em <https://laverdadofende.blog/2014/05/18/umap-campos-de-concentracion-en-la-cuba-de-fidel-castro/>.

NÉSTOR Almendros Biography. Disponible em https://www.imdb.com/name/nn0000743/bio?ref_=nm_ov_bio_sm.

PÉREZ, Justo [carta de Justo Pérez a Héctor Santiago, 18 nov. de 1966]. Héctor Santiago Papers, *Cuban Heritage Collection*, University of Miami, *apud* SIERRA MADERO, Abel. *El cuerpo nunca olvida: trabajo forzado, hombre nuevo y memoria en Cuba (1959-1980)*. Santiago de Querétano: Rialta, 2022.

PONTE, Antonio José. *Qué fueron las Umap*. Disponible em https://diariodecuba.com/cuba/1393116891_7285.html.

SÁNCHEZ, Suset. Siento predilección por malditos y marginados. Disponible em <https://www.cubaencuentro.com/entrevistas/articulos/siento-predileccion-por-malditos-y-marginados-17311>.

SIERRA MADERO, Abel. *Academias para producir machos en Cuba*. Disponible em <https://letraslibres.com/politica/academias-para-producir-machos-en-cuba>.

_____. *Del hombre nuevo al travestismo de Estado*. Disponible em https://archivo.diariodecuba.com/cuba/1390513833_6826.html.

_____. La política, la religión y el hombre nuevo: al habla con Carlos Manuel de Céspedes. Disponible em http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1388872692_6561.html.

SUÁREZ, Yoe. Yoe Suárez-Cuba. Disponible em <https://www.cswusa.org/yoesuarez/>.

UMAPCUBA1965. 2007-2021. Disponible em
<<https://umapcuba1965.wordpress.com/about/>>.

_____. Asociación [de Ex Confinados de la Umap]. Disponible em
<<https://umapcuba1965.wordpress.com/asociacion-2/>>.

_____. Acto 50 Aniversario [de la Umap]. Disponible em
<<https://umapcuba1965.wordpress.com/5185-2/>>.

_____. El silencio que no entierra a las Umaps. Disponible em
<<https://umapcuba1965.wordpress.com/2016/04/06/el-silencio-que-no-entierra-a-las-umap/>>.

_____. Kiko Oliveira. Disponible em
<<https://umapcuba1965.wordpress.com/2020/07/15/kiko-oliveira/>>.

_____. La Umap-Cuba. Disponible em
<<https://umapcuba1965.wordpress.com/2020/10/31/la-umap-cuba/>>.

_____. Manuel Zayas – Nueva York. Disponible em
<<https://umapcuba1965.wordpress.com/2013/05/31/manuel-zayas-nueva-york/>>.

_____. Marino. Disponible em
<<https://umapcuba1965.wordpress.com/2020/07/15/marino/>>.

VARGAS LLOSA, Mario *apud* SÁNCHEZ, Yoani. “El mito de Cuba ya se ha despedazado en gran parte”. Disponible em
<https://www.14ymedio.com/entrevista/Mario_Vargas_Llosa_0_1596440346.html>.

VERDADES Ofenden: Umap, campos de concentración en la Cuba de Fidel Castro. Disponible em
<<https://laverdadofende.blog/2014/05/18/umap-campos-de-concentracion-en-la-cuba-de-fidel-castro/>>.

VIERA, Felix Luis. *Los horrores de la Umap*. Disponible em
<<https://www.elblogdemontaner.com/los-horrores-de-la-umap/>>.

WIRTH, Isis. Alicia y las Umap. Disponible em
<http://archivo.diariodecuba.com/cultura/1364763335_2560.html>.

ZÁS IRIGOYEN, Juan Antonio *apud* UmapCuba1965. Testemonios – Verdad Oculta. Disponible em
<<https://umapcuba1965.wordpress.com/verdad-oculta/>>.

ZAYAS, Manuel. Dossier: la prensa oficial y las Umaps. Disponible em
<https://manuelzayas.files.wordpress.com/2013/05/pdf_umap.pdf>.

_____. Reglamento para Campamentos de Apátridas. Disponible em
<<https://manuelzayas.wordpress.com/campamentos-de-apatridas-cuba-1968/>>.

Documentos oficiais

ASAMBLEA Nacional del Poder Popular de Cuba – Constitución de la República de Cuba. Disponible em
<<https://www.granma.cu/file/pdf/gaceta/Nueva%20Constituci%C3%B3n%20240%20KB-1.pdf>>.

ASAMBLEA Nacional del Poder Popular de Cuba. Ley No. 116 – Código de Trabajo. Disponível em <https://www.gacetaoficial.gob.cu/sites/default/files/go_x_029_2014.pdf>.

ASAMBLEA Nacional del Poder Popular – Proyecto Código de las Familias. Versión 25. 2022. Disponível em <https://www.parlamentocubano.gob.cu/sites/default/files/documento/2022-07/CF%20V%2025-140622%20VF%20%20Para%20ANPP%20%282%29_0.pdf>.

COMISIÓN Interamericana de Derechos Humanos. II - Informaciones recibidas por la comisión sobre la situación de los derechos humanos. Disponível em <<http://www.cidh.org/countryrep/Cuba62sp/2.htm/>>.

COMISIÓN Interamericana de Derechos Humanos. III- Violaciones de los derechos humanos. Disponível em <<http://www.cidh.org/countryrep/Cuba62sp/3.htm/>>.

Filmes/documentário

Fresa y chocolate. Direção: Tomás Gutiérrez Alea e Juan Carlos Tabío. Cuba-México-Espanha: Icaic/Imcine/ TeleMadrid, 1993.

Mauvaise conduite. Direção: Néstor Almendros e Orlando Jiménez Leal. Coprodução: Margaret Menegoz, Barbet Shroeder e Michel Tholouze. França: Antenne 2 e Les Films du Losange, 1984.

Pablo Milanés. Direção: Juan Pin Vilar. Coprodução: Pablo Milanés, Ricardo Figueredo Oliva e Nancy Pérez Rey. Cuba: Pablo Milanés Oficina Artística, 2017.

Outras fontes digitais

MISKULIN, Sílvia Cezar. Os intelectuais e a política cultural: os casos da editora El Puente e do periódico El Caimán Barbudo. *Anais Eletrônicos do V Encontro da Anphlac*. Belo Horizonte, 2000. Disponível em <http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/silvia_miskulin_1.pdf>.

NYC LGBT historic sites project. History. Disponível em <<https://www.nyclgbtsites.org/site/mattachine-society-office/>>.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos e ARAS, Lina Maria Brandão. Gênero e Revolução: o novo homem e a nova mulher na Revolução Cubana. *Anais Eletrônicos do III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: olhares diversos sobre a diferença*. João Pessoa, 2011. Disponível em <<https://ltaporanga.netgenero/3/01/18.pdf>>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASÍLIO, Guilherme. Samora Machel: O princípio do “homem novo” e seus significados. *Udziwi: Revista de Educação da UP*, n. 7, Moçambique, 2011.
- BÍBLIA Sagrada. Colossenses 3. Disponível em <<https://www.bible.com/pt/bible/211/COL.3.NTLH>>.
- _____. Efésios 4. Disponível em <<https://www.bible.com/pt/bible/211/EPH.4.NTLH>>.
- BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PAQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2018.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores na Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. A não violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. I *Conferência Brasileira de Educação*, São Paulo, 31 mar. 1980.
- CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e imprensa. *Projeto História*, n. 35, São Paulo, dez. 2007.
- FELIPE, Cleber Vinicius do Amaral. Primo Levi e a literatura de testemunho: uma (in)definição. *Locus: Revista de História*, v. 28, n. 1, Juiz de Fora, 2022.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. A construção do “homem novo”: o trabalhador brasileiro. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta e GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GREEN, James Naylor. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. *Cadernos AEL*, v. 10, n. 18 e 19, Campinas, 2003.
- HERNÁNDEZ, Rafael. El año rojo: política, sociedad y cultura en 1968. *Revista de Estudios Sociales*, n. 33, Bogotá, ago. 2009.
- KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. 2. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a classificação internacional de doenças. *Revista de Saúde Pública*, v. 18, n. 5, São Paulo, out. 1984. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/rnPK5HhLVnFKvCJj5qN7R8n/?format=pdf&lang=pt>>.
- LOPES, José Sergio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe na “cidade das chaminés”*. São Paulo: Marco Zero/Universidade de Brasília/MCT-CNPq, 1988.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUGARINHO, Mário César. Masculinidade e colonialismo: em direção ao “homem novo” (subsídios para os estudos de gênero e para os estudos pós-coloniais no contexto de língua portuguesa). *Abril*, v. 5, n. 10, Niterói, abr. 2013.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*, n. 62, São Paulo, 2004.

MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? Um estudo de história visual. *História: Questões & Debates*, v. 61, n. 2, Curitiba, jul.-dez. 2014.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas. 2005.

ORIHUELA, José Luis. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA, Octavio I. Rojas, ALONSO, Julio, ANTÚNEZ, José Luis, ORIHUELA, José Luis e VARELA, Juan. *Blogs: revolucionando os meios de comunicação*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

PARANHOS, Adalberto. *O roubo da fala: origens da ideologia do trabalhismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *Os desafinados: sambas e bambas no “Estado Novo”*. São Paulo: Intermeios/CNPq/Fapemig, 2015.

_____. Política e cotidiano: as mil e uma faces do poder. In: MARCELLINO, Nelson C. (org.). *Introdução às Ciências Sociais*. 17. ed. Campinas: Papirus, 2010.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, Rio de Janeiro, 1989.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ROCHA, Júlia Tainá Monticeli. *Do “vento da emancipação” à “força motriz da revolução”*: a libertação da mulher nos discursos de Samora Moisés Machel (Moçambique) (1973-1980).: Dissertação (Mestrado em História) – PUC-RS, Porto Alegre, 2018.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). *Matraga*, v. 19, n. 31, Rio de Janeiro, jul.-dez. 2012.

SÃO PAULO. *Comissão Estadual da Verdade de São Paulo Rubens Paiva*. Relatório. São Paulo: Alesp, 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.) *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, v. 20, n. 1, Rio de Janeiro, 2008.

_____. O local do testemunho. *Tempo e Argumento*, v. 2, n. 1, Florianópolis, jan.-jun. 2010.

SKINNER, Burrhus Frederic. *1904 - Ciência e comportamento humano*. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TESSADORI, Pietro. *O “homem novo” do fascismo italiano e do Estado Novo português*. Tese (Doutorado em História) – Programa Inter-universitário da Universidade de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa e Universidade de Évora, Lisboa, 2014.

WOODCOCK, George (org.). *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

ZAPPA, Regina e SATO, Ernesto. *1968: Eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2008.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, n. 4, São Paulo, jun. 1985.

Outras referências digitais

Estado de S. Paulo, São Paulo, 1 abr. 1980, p. 20. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800401-32223-nac-0020-999-20-not/busca/plano+conjunto+contra+travestis>>.

KOLBANOSKI, V. A moral comunista. Problemas: Revista Mensal de Cultura Política, 17, fev.-mar. 1949. In: *Marxists Internet Archive*. Disponível em <http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/17/moral.htm>.

MEMORIAL da Resistência. Disponível em <<https://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/jose-wilson-richetti>>.

MOÇAMBIQUE. Lei nº 4/83, de 23 de março de 1983. *Boletim da República*: 1. série, nº 12, Moçambique, 1983. Disponível em <https://www.iese.ac.mz/lib/PPI/IESEPPI/pastas/governacao/educacao/legislativo_documentos_oficiais/leiSNE.pdf>.

OCANHA, Rafael Freitas. Travestis paulistanas na mira da Polícia Civil: a prática da contravenção penal de vadiagem (1976-1977). *Anais eletrônicos do XXIII Encontro Regional de História da Anpuh-SP*, Assis, 2016. Disponível em <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1475255809_ARQUIVO_RafaelOcanha-TextoCompleto.pdf>.

STAKANOVISMO. Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/>>.

VYGOTSKY, Lev. A transformação socialista do homem. In: *Marxists Internet Archive*. Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/vygotsky/1930/mes/transformacao.htm>>.